

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA

Alexandre Laino Freitas

ADAM SMITH E A ABORDAGEM CLÁSSICA DO
EXCEDENTE: UMA CONTRIBUIÇÃO À LITERATURA
SRAFFIANA

Rio de Janeiro
2011

Alexandre Laino Freitas

ADAM SMITH E A ABORDAGEM CLÁSSICA DO
EXCEDENTE: UMA CONTRIBUIÇÃO À LITERATURA
SRAFFIANA

TESE DE DOUTORADO

Prof. Dr. Franklin Leon Peres Serrano
ORIENTADOR

Rio de Janeiro
2011

Autor: Alexandre Laino Freitas

Título: Adam Smith e a Abordagem Clássica do Excedente: Uma contribuição à literatura Sraffiana

Tese apresentada ao Corpo Docente do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de DOUTOR em Ciências Econômicas.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Franklin Leon Peres Serrano (UFRJ)
Orientador

Prof. Dr. Carlos Aguiar de Medeiros (UFRJ)

Prof. Dr. Fabio Neves Perácio de Freitas (UFRJ)

Profa. Dra. Claudia Heller (UNESP)

Prof. Dr. Raul Cristóvão dos Santos (USP)

DEZEMBRO 2011

Agradecimentos

A elaboração da tese foi sobretudo um período de ausência, e gostaria de agradecer à família por compreendê-la, tanto em sua dimensão física, quanto principalmente em sua dimensão mais profunda: mental e subjetiva. Agradeço à minha esposa Mariana por ter assumido mais do que lhe cabia na gestão da casa, nas responsabilidades em relação ao nosso filho e desta forma colocando também seu esforço nessa tese. Agradeço ao meu filho Felipe por manter a vida em movimento. Aos meus pais, Vera e Bira, pelo esforço de estarem sempre presentes mesmo morando longe e pelos almoços de final de semana, que finalmente poderão ser aquecidos com um bom vinho e não ter hora para acabar. Agradeço à minha muito querida avó Fausta, minha irmã Verônica. No conceito de família incluo também aqueles com quem não divido a mesma programação genética, mas cuja identificação se dá num nível mais sutil e etéreo, da organização dos impulsos eletroquímicos que conformam nossas personalidades, princípios e laços de carinho. Obrigado a Bel, Camila, Jean, Cris, Dudu, Guth, Isa, Ossi, Numa, Re, Shanna, Summa, Zé e Regina (e todos os outros amigos de quem gosto muito mas que a vida tornou o convívio difícil). À Cecília, um agradecimento especial por ter me acompanhado nos últimos anos com leveza e carinho.

Passando para os que contribuíram diretamente para a confecção da tese, gostaria de agradecer primeiramente ao meu orientador, Franklin, por não ter desistido mesmo quando o prognóstico não parecia animador. Aos colegas de trabalho da UFRRJ (principalmente Bel e Zé Paulo), que permitiram um tempo maior dedicado à tese. Gostaria de agradecer ao IE-UFRRJ e seus funcionários, instituição que me acolheu como aluno de doutorado, e também ao IMPA e seus funcionários, por manterem um excelente ambiente de estudo, onde a maior parte do presente trabalho foi concebida e redigida.

Esta tese foi escrita utilizando como sistema operacional o GNU/Linux e compilada em \LaTeX .

Resumo

Título: Adam Smith e a Abordagem Clássica do Excedente: uma contribuição à literatura Sraffiana

Autor: Alexandre Laino Freitas

Orientador: Prof. Dr. Franklin Leon Peres Serrano

Resumo: A presente tese localiza o livro “A Riqueza das Nações”, de Adam Smith como parte de uma “Abordagem do Excedente” no tratamento da acumulação e distribuição da riqueza a partir da identificação pelo autor da concepção de um produto social dado, limitado pela tecnologia de produção, a ser distribuído através dos agregados de renda — salário, lucro e renda da terra — às classes sociais. Desta identificação deriva a interdependência das variáveis distributivas. Na teoria da distribuição de Smith a renda da terra é a variável distributiva residual que confere um grau de liberdade aos movimentos da taxa de salário e da taxa de lucros. Consequentemente, a determinação do lucro, remetida em parte à “concorrência entre os capitais”, embora inadequada, não pode ser interpretada como uma negação da interdependência das variáveis distributivas. Ademais, há consciência em Smith acerca da necessidade de reposição do capital consumido durante o processo produtivo, assim como o provimento da subsistência das pessoas. Consequentemente, a acumulação é feita a partir da parcela da produção anual que não é necessária nem para repor o capital, nem para garantir a subsistência.

A literatura Sraffiana sobre o tema, em um primeiro momento, identificou uma teoria aditiva do valor, razão para Smith determinar de maneira independente as variáveis distributivas. Entretanto, interpretações mais recentes dentro da literatura Sraffiana vem questionando a interpretação pioneira, e identificando a utilização da ‘Abordagem do Excedente’ nas teorias da tributação, acumulação e distribuição de Smith. Tais releituras mais recentes, entretanto, não são homogêneas, e o presente trabalho propõe-se como uma síntese crítica destas contribuições.

Abstract

Title: Adam Smith and the classical surplus approach: a contribution to the sraffian interpretation

Author: Alexandre Laino Freitas

Orientador: Prof. Dr. Franklin Leon Peres Serrano

Abstract: This thesis identifies Adam Smith's "Wealth of the Nations" as part of a "Surplus Approach" in the treatment of distribution and accumulation through the notion of a given social product, bound by technology, to be distributed among the income aggregates — wages, profit and land rent — to the corresponding social classes. The technological constraint binding the distributive shares can be then identified. To identify the constraint binding the distributive shares, one needs to take into account that land rent is determined residually, which confers the rate of profits and wages a degree of liberty. As a consequence, the determination of profit rates, explained in part by the 'competition of capitals' cannot support the interpretation that Smith denies the interdependency of the distributive shares. Additionally, there's acknowledgement that part of the annual produce must be allotted to sustain the previous amount of accumulated capital and to provide the inhabitants of the country with their subsistence. As a consequence, capital accumulation has to be sustained with that portion of the annual produce which is directed to neither of those two purposes. The sraffian literature had, at an initial stage, identified an "additive theory of value", and located in it the reason of Smith's alleged failure to understand the binding constraint among the distributive shares. More recent contributions to the sraffian tradition began to question this interpretation by identifying the utilization of the surplus approach in Smith's theories of tax incidence, accumulation and distribution. These revaluations of Smith's theory are not homogeneous, and this work is intended as a synthesis of those contributions.

Sumário

Introdução	8
1 A “Teoria do Valor” de Adam Smith	16
1.1 Identificação das partes componentes do valor na troca .	17
1.1.1 Trabalho e valor na troca	21
1.1.2 A medida real para o valor	24
1.2 Concorrência, Taxas Naturais, Preço Natural	32
1.3 Teoria do valor e a teoria da distribuição	36
2 Acumulação em Adam Smith	38
2.1 O estoque de riqueza	40
2.1.1 O conceito de capital	41
2.2 A identificação do capital circulante e a produção anual .	44
2.2.1 As necessidades físicas de reprodução	46
2.3 Produto anual, Receitas Bruta e Líquida	48
2.3.1 A utilização do conceito de “ <i>annual produce</i> ” . . .	56
2.4 Acumulação de capital	60
2.4.1 Consumo e Investimento	63
2.4.2 Lei de Say ou Lei de Smith?	65
2.5 Acumulação e abordagem do excedente	66
3 A teoria da distribuição de Smith	68
3.1 Teoria de determinação dos Salários	69
3.1.1 Bens necessários e “bens de luxo”	75
3.1.2 A simplificação do “salário trigo”	78
3.2 A teoria de determinação das rendas	79
3.2.1 A renda paga na produção de trigo	80
3.2.2 Outros alimentos e matérias-primas: preços rela- tivos	88
3.2.3 As Minas: Renda Diferencial e a “Renda Absoluta”	91
3.2.4 A renda da terra e o preço natural	93

3.2.5	Comentário sobre o preço do trigo como variável instrumental	96
3.3	A determinação dos lucros	99
3.4	A interdependência das variáveis distributivas em Adam Smith	103
3.4.1	Tributação	107
4	Adam Smith e a Interpretação Sraffiana	109
4.1	Uma síntese da Literatura Sraffiana	123
	Conclusão	125
	Bibliografia	130

Introdução

O objetivo específico desta tese é mostrar que há em “*An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of the Nations*” (doravante *WN*), escrito por Adam Smith (Smith, 1976), uma teoria da distribuição que contempla a relação inversa entre uma das variáveis distributivas e seu conjunto complementar, que resulta da repartição de um dado produto social entre as três classes sociais: trabalhadores, proprietários de capital e proprietários de terras.

Afirma-se que a teoria da distribuição de Adam Smith é construída a partir de três concepções elementares: há a identificação da produção anual de uma sociedade com uma quantidade dada de mercadorias; que esta quantidade dada é distribuída primeiramente entre trabalhadores, capitalistas e senhores de terra; e por fim que o somatório do valor nominal de todos os bens finais produzidos na economia corresponde ao somatório do valor nominal dos salários, lucros e rendas pagas no mesmo período.

Tais identificações embasam a proposição de que salários, lucros e rendas da terra distribuem entre as classes sociais o produto social físico, e que há uma relação inversa entre cada variável distributiva e as demais, relação que pode ser encontrada em todos os economistas clássicos.

Há implicações também no tratamento da acumulação e da tributação. No caso da acumulação, a existência de um produto social dado determinará um limite superior da acumulação de capital a partir da identificação da produção anual e do consumo necessário. No caso da tributação, pelo menos uma das classes deve ter seus rendimentos reais reduzidos ao arcar com o ônus do imposto.

A interpretação acima delineada e defendida nesta tese insere-se em um projeto de pesquisa mais amplo proposto por Sraffa (1951, 1960), que busca mostrar a continuidade teórica entre os fisiocratas, Adam Smith, David Ricardo e Karl Marx no que tange às teorias do valor e da distribuição.

A tradição sraffiana propõe que os Economistas Clássicos — conceito criado por Marx, que nele incluiu William Petty, os fisiocratas, Smith e Ricardo — possuíam teorias do valor e da distribuição completamente diferentes da posterior análise marginalista ou neoclássica. A “Economia Política Clássica”, longe de ser um estágio primitivo da teoria marginalista, baseava-se em um ordenamento lógico distinto.

A literatura sraffiana identifica o foco das teorias da acumulação e distribuição clássicas com a determinação do excedente (Garegnani, 1987). O excedente era toda a riqueza que não precisava ser alocada no processo produtivo para que houvesse reprodução material da sociedade, podendo ser livremente utilizada ou para acumulação ou para o consumo.

A determinação do excedente, por sua vez, dependia de três dados: i) o salário real, ii) o produto social, e iii) as condições técnicas de produção. A partir destes dados era possível determinar as demais parcelas (*shares*) do produto social: “*The peculiar feature: real wage and social product being determinable prior to these shares*” (Garegnani, 1987, p. 561).

Os autores clássicos possuem em comum a concepção de um salário real determinado por condições (muitas vezes de caráter institucional) distintas daquelas afetando o produto social e as outras parcelas da distribuição, sendo portanto estudadas separadamente (Garegnani, 1987, p. 561). Também o produto físico social era determinado em circunstâncias que tornavam natural supor o produto como conhecido antes da divisão entre as classes sociais (Garegnani, 1987, p. 561).

Segundo Garegnani (1987), o volume do produto social dependia do estágio da acumulação, que governava tanto o número de trabalhadores produtivos empregados, quanto as condições técnicas de produção definidoras do produto físico por trabalhador. Já a composição do produto é analisada a partir das necessidades de reprodução,

havendo referência explícita a Quesnay e Marx.

Mas esta independência dos “dados” do problema da determinação do excedente era apenas provisória, já que também se considerava as relações entre tais “dados”. Desta forma, Garegnani separa a análise clássica em duas partes a partir do conceito de “núcleo”: para as relações dentro do núcleo, salários reais, o produto social e as condições técnicas de produção são tomadas como dados, mas isso não implicava negar as influências de uma destas “variáveis independentes” nas outras duas, e também não implicava negar a influência que o excedente e os preços poderiam ter nessas “variáveis independentes”: “[T]his treatment only implied a study of these influences which was separate from and not simultaneous with, the examination of the relationships characteristic of the core” (Garegnani, 1987, p. 561). Essa separação entre a análise dentro e fora do núcleo é também chamada por Garegnani de “two stages approach”.

Ao definir o “núcleo” teórico, Garegnani não objetiva atribuir maior importância à estas relações: [o conceito de “núcleo”] “has therefore little to do with the comparative interest or importance which one wished to attach to those two kinds of relationships” (Garegnani, 1987, p. 562).

A concepção mais geral de Garegnani pode ser resumida como a proposição de que não é necessário postular uma lei geral de mudanças nas técnicas (retornos de escala) para determinar as variáveis distributivas e os preços naturais numa dada situação da técnica.

É nesse sentido que se propõe tomar, provisoriamente, como dados o salário real, a tecnologia e o produto total na determinação do excedente. Em um segundo momento lógico, analisa-se, caso a caso, as possíveis influências das “variáveis” fora e dentro do núcleo.

A teoria neoclássica, por sua vez, supõe uma lei geral da mudança técnica, que exige muitas possibilidades de combinação de capital e trabalho (ou muitas técnicas produtivas) para a mesma mercadoria, além da possibilidade de ordená-las segundo a intensidade do fator de produção de maneira independente da distribuição. Ademais, a

própria “oferta” de fatores produtivos se altera quando mudam as variáveis distributivas de maneira que, diferentemente dos clássicos, o tamanho do produto, a tecnologia e a distribuição tornam-se completamente imbricadas (Garegnani, 1984, p. 298,299).

Assim, a separação atribuída aos clássicos de um raciocínio de duas etapas, uma em que se toma o produto como dado e trata da distribuição, e outra em que se analisa as relações entre mudanças do produto e as variáveis distributivas, *não implica em imputá-los uma premissa metodológica*, mas sublinhar a consequência da ausência de funções pré-definidas entre mudanças distributivas, tecnológicas e do nível de produção para uma mesma “dotação de fatores”, isto é, tal “separação” deriva da “morfologia” de seu objeto de análise, formado a partir de hipóteses distintas. Nos clássicos, não há resultados pré-ordenados dedutíveis de uma quantidade reduzida de postulados (Garegnani, 2007, p. 223).

Adam Smith como um teórico do excedente

A literatura sraffiana identifica Adam Smith como fazendo parte da mesma corrente de pensamento que inclui os fisiocratas, Ricardo e Marx no que tange à teoria do valor e da distribuição, ao *não* identificar em Smith os elementos básicos da posterior abordagem marginalista. Por outro lado, identifica-se Adam Smith com a abordagem do excedente ao referir-se a fundamentalmente três características principais que se assemelham às destacadas acima [baseado em Garegnani (1984) e Bharadwaj (1989)].

Em primeiro lugar, há uma série de corretas identificações por parte de Smith para tratar a reprodução material da sociedade: i) a extensão da produção de excedente para as manufaturas, ii) a divisão das parcelas da renda agregada em salários, lucros e rendas da terra e, iii) a tendência à equalização das taxas de capital e salários em um sistema com livre mobilidade de capital.

Em segundo lugar, há referência à estrutura lógica da teoria. Partindo da definição de “*core*” proposta por Garegnani (1984), há a identificação da análise das quantidades em separado da análise dos preços. Como discutido anteriormente, tal separação não significa negar influências dos preços nas quantidades, apenas negar a existência

de padrões universais para tais relações como fazem as teorias do Equilíbrio Geral.

E em terceiro lugar, há a identificação de um salário real determinado por fatores institucionais e históricos [Bharadwaj (1989, p. 25), Garegnani (1984), Garegnani (1987)]. Havia, portanto, uma semelhança com a correta resolução da abordagem do excedente: um salário real, a quantidade produzida e a tecnologia tomados como dados quando analisada a determinação dos valores de troca, ou seja, a separação entre a análise das quantidades e dos preços.

De maneira geral, Adam Smith é creditado com a correta formatação do problema a ser resolvido pelos economistas clássicos por todos os autores da tradição sraffiana. Entretanto, ao tratar especificamente das teorias do valor e da distribuição de Smith, podemos distinguir dois grupos de contribuições, que coincidem também com uma divisão cronológica, e que denominaremos “interpretação pioneira” e “contribuições recentes”.

A interpretação pioneira tem suas raízes nas leituras de David Ricardo e Karl Marx sobre as teorias do valor e distribuição de Smith.

Primeiramente, Ricardo critica Smith por ter abandonado sua teoria da determinação do valor de troca baseada no tempo de trabalho, confinando-a a um estágio primitivo do desenvolvimento econômico (Ricardo, 1951, p. 14). Posteriormente, Marx critica Adam Smith por afirmar que o preço das commodities deriva do somatório do preço dos salários e do lucro: “. . . *it would be wrong to say that the value of the commodity arises from adding together or combining the price of the wages, which is regulated independently of the value of the commodity, and the price of the profit*” (Marx, 1988, p. 401).

As críticas de Ricardo e Marx são ecoadas por Sraffa em sua introdução a “*The works and correspondence of David Ricardo*”, onde destaca o que “Ricardo se referiu quando escrevendo para Mill como o erro original de Adam Smith no que diz respeito ao valor” Sraffa (1951, p. xxxv-xxxvi), isto é, a *determinação* do preço a partir da soma de suas partes componentes:

. . . as soon as stock has accumulated in the hands of particular persons” and “as soon as the land of any country has all become private property”, the

price of commodities is arrived at by a process of *adding up* the wages, profit and rent. (Sraffa, 1951, p. xxxv-xxxvi)

Posteriormente, Garegnani (1984, p. 304) defende a mesma interpretação de Sraffa ao citar a seguinte passagem de Karl Marx:

[I]nstead of resolving exchange-value into wages, profit and rent, he [A. Smith] declares these to be the elements forming exchange-value, he makes them into independent exchange-values that form the exchange-value of the product; he constructs the exchange-value of the commodity from the values of wages, profit and rent, which are determined independently and separately. Instead of having their source in value, they become the source of value" (Marx, 1969, p. 217).

Bharadwaj (1989, p. 30) reproduz o mesmo argumento e atribui à Adam Smith uma incapacidade de perceber "*the inner connection between wages and profits*" devido à sua teoria aditiva dos preços: "*the prices of commodities is arrived at by a process of adding up the wages, profits and rents, induced him to seek independent explanation of the rates of wages, rents and profits*". Este é o cerne da "interpretação pioneira".

Vários autores (O'Donnell, 1990; Dome, 1998; Roncaglia, 2005; Garegnani, 2007; Aspromourgos, 2009; Sinha, 2010b) questionaram posteriormente, em maior ou menor grau, a "interpretação pioneira" acerca das teorias do valor e da distribuição de Adam Smith. Tais autores identificam em diversas partes da teoria de Smith fortes indícios de que o autor respeitava a interdependência das variáveis distributivas. Tais relações de interdependência foram localizadas nas teorias da tributação (Dome, 1998; O'Donnell, 1990; Aspromourgos, 2009), da acumulação (O'Donnell, 1990) e na própria teoria da distribuição (Dome, 1998; Garegnani, 2007; Sinha, 2010b,a). Deixaremos o debate mais recente para o Capítulo 4 no final da tese, onde poderemos também comparar com nossa leitura, propondo uma síntese crítica da visão sraffiana.

A partir da "interpretação pioneira" desenvolveremos a leitura de Adam Smith nos próximos capítulos, tentando responder o quão "*surplus*" era sua teoria do valor, da distribuição, da acumulação e da tributação em "*Wealth of the Nations*".

O presente trabalho subdivide-se em quatro partes além desta introdução e da conclusão. No primeiro capítulo procura-se reconstruir a teoria do valor de Smith,

mostrando que o trabalho comandado era apenas uma medida de valor, e principalmente que a identificação dos preços naturais com salários, lucros e renda da terra *não* implicava em tratar as variáveis distributivas de maneira independente. No segundo capítulo empreende-se uma reconstrução da “contabilidade nacional” de Adam Smith, reforçando as implicações da concepção de um produto social dado e da necessidade de reposição do capital e de suprir o consumo de subsistência a partir de tal produto. No terceiro capítulo busca-se reconstruir a teoria de Smith acerca da determinação das variáveis distributivas — salários, lucro e renda da terra — sublinhando o papel da renda como variável distributiva residual e a interdependência das variáveis distributivas. No quarto e último capítulo compara-se a interpretação dos capítulos anteriores com as leituras mais recentes dentro da literatura sraffiana, propondo uma síntese crítica desta interpretação.

Cabe ressaltar o objeto de análise compreende a contraposição com a literatura Sraffiana sobre o tema, mas não com outras abordagens. A apresentação e discussão de outras correntes teóricas foi habilmente conduzida por O’Donnell (1990)¹.

Ademais, muito embora a análise textual de Adam Smith e a reconstrução de sua teoria do valor, da distribuição e da acumulação possa interessar ao economista independentemente de sua filiação teórica, não é o intuito primário deste trabalho discutir com aqueles economistas que, por desconhecimento da literatura ou opinião divergente, não reconheçam a inexistência em *WN* dos mecanismos que garantem o equilíbrio geral walrasiano. Tal ressalva aplica-se a identificação, mesmo que de forma incipiente e pouco elaborada, da ideia de substituição entre os fatores de produção que impliquem a existência de funções de oferta e demanda, tanto para fatores de produção, quanto para as mercadorias [para tal interpretação, pode-se citar Holander (1973) e a aceitação parcial da mesma em Dobb (1973), ambas criticadas em O’Donnell (1990)]. Para esta discussão, remete-se a uma série de trabalhos que, junto com Sraffa, buscam discutir especificamente este ponto na literatura Sraffiana (Garegnani, 1983, 1998, 2001, 2007; Kurz and Salvadori, 2002, 2008; Kurz, 2006,

¹No livro intitulado “*Adam Smith theory of value and distribution: A reappraisal*” O’Donnell analisa as leituras de D. Ricardo, Karl Marx, M. Dobb (Dobb, 1973) e Hollander (Holander, 1973) sobre A. Smith.

2007; Campus, 1987).

Por fim, as referências à “Wealth of the Nations” (Smith, 1976) seguem um padrão diferenciado, com o intuito de facilitar a consulta ao texto original em impressões e traduções distintas. Há referência à obra (WN) seguida pelo livro em algarismos romanos (I, II, III...), capítulo em algarismos romanos minúsculos (i, ii, iii,...) seção representada pela ordenação do alfabeto latino (a, b, c,...), e número do parágrafo em algarismos arábicos (1, 2, 3,...). Quando uma das informações não for aplicável — a maioria dos capítulos não possui seções — a informação é omitida. Por exemplo, o parágrafo terceiro, da seção “b”, do capítulo onze do livro primeiro é grafado “WN, I.xi.b.3”; já o parágrafo terceiro da introdução do livro segundo: “WN, II.3”.

Capítulo 1

A “Teoria do Valor” de Adam Smith

Pode-se constatar que em *WN*, o valor relativo das mercadorias, isto é, a proporção em que as diferentes mercadorias são trocadas, depende da tecnologia de produção e das remunerações normais do trabalho, do capital e da terra, expressas nas taxas naturais de salário, lucros e renda da terra.

Consequentemente, a teoria do valor de Smith abarca não só a identificação das partes componentes do valor de troca, mas também a posterior definição dos níveis de remuneração normais do trabalho, do capital e da terra.

A análise da determinação das variáveis distributivas, desenvolvida nos Capítulos VIII a XI do Livro I, é parte constitutiva e essencial para o correto entendimento da teoria da determinação dos preços relativos de Smith, ou sua teoria de determinação dos valores que as mercadorias adquirem na troca.

Consequentemente é equivocada qualquer afirmação de que Smith possuía uma teoria do valor baseada no custo de produção, se por isso se entende que toda a sua discussão de valor se restringia à identidade entre preços naturais e custos normais de produção. Tal afirmação decorreria de uma identificação da teoria do valor de Smith apenas com os Capítulos VI e VII do Livro I.

Uma importante observação antes de analisar a teoria do valor de Smith é separar da explicação dos componentes do valor de troca (Capítulo VI, Livro I) a proposição de uma “medida real para o valor de troca” (Capítulo V, Livro I). Smith deixa clara a separação em sua introdução à questão do valor, precisando o conteúdo exato de

cada capítulo:

In order to investigate the principles which regulate the exchangeable value of commodities, I shall endeavour to shew, (*WN*, I.iv.14)

First, what is the real measure of this exchangeable value; or, wherein consists the real price of all commodities. (*WN*, I.iv.15)

Secondly, what are the different parts of which this real price is composed or made up. (*WN*, I.iv.16)

And, lastly, what are the different circumstances which sometimes raise some or all of these different parts of price above, and sometimes sink them below their natural or ordinary rate; or, what are the causes which sometimes hinder the market price, that is, the actual price of commodities, from coinciding exactly with what may be called their natural price. (*WN*, I.iv.17)

Destaca-se a separação da análise do valor em três partes distintas (referidas aos parágrafos 15 a 17, respectivamente): i) a identificação de uma *medida real* para o valor de troca (Capítulo V, Livro I); ii) a identificação das partes diferentes que compõem o valor de troca (Capítulo VI, Livro I) e; iii) a relação entre o preço de mercado e o preço natural (Capítulo VII, Livro I).

Expor-se-á, em primeiro lugar, a teoria de Smith para os *determinantes* do valor na troca, a partir da identificação de seus componentes básicos. Em seguida tratar-se-á da medida do valor da troca e, por último, da gravitação dos preços de mercado ao preço natural.

O objetivo principal deste capítulo é mostrar que não há na teoria da determinação do valor de troca de Smith qualquer proposição a partir da qual se possa postular a independência das variáveis distributivas.

1.1 Identificação das partes componentes do valor na troca

Adam Smith estabelece no Capítulo VI do Livro I, “*Of the component Parts of the Price of Commodities*”, os fatores que compõem o preços das mercadorias. Tal identificação

das partes componentes do preço possui duas etapas: a primeira consiste em identificar as “rendas” originais *apenas* com o salário, o lucro e a renda da terra; e a segunda consiste na redução dos insumos produtivos e o desgaste do capital fixo a estes mesmos três componentes.

Em primeiro lugar, as rendas originais são identificadas a partir do regime de propriedade privada e da necessidade no processo produtivo de três elementos básicos: o trabalho e o acesso à terra e ao capital. Smith parte de um exemplo onde não havia capital acumulado e a terra não havia sido apropriada. Neste caso, o valor de troca era determinado unicamente pela quantidade de trabalho contida em cada mercadoria:

In that early and rude state of society which precedes both the accumulation of stock and the appropriation of land, the proportion between the quantities of labour necessary for acquiring different objects seems to be the only circumstance which can afford any rule for exchanging them for one another. (*WN*, I.vi.1)

Mas com a acumulação de capital e a propriedade privada tanto do capital, quanto da terra, o trabalhador é obrigado a dividir a produção e pagar um “aluguel” ao dono dos meios de produção. Este implica, segundo Smith, na adição de dois componentes à remuneração do trabalhador (salários):

As soon as stock has accumulated in the hands of particular persons, some of them will naturally employ it in setting to work industrious people, whom they will supply with materials and subsistence, in order to make a profit by the sale of their work. . . (*WN*, I.vi.5)

As soon as the land of any country has all become private property, the landlords, like all other men, love to reap where they never sowed, and demand a rent even for its natural produce. (*WN*, I.vi.8)

Os três componentes do valor de troca são determinados pela essencialidade do trabalho, do capital e da terra na criação dos valores de uso e pelo fato de que, em uma economia capitalista, há a propriedade privada dos meios de produção¹.

A produção de mercadorias demanda sempre algum acesso à terra, direta ou indiretamente através das matérias primas. Ademais, são necessárias ferramentas e a

¹ Posteriormente o mesmo critério de de essencialidade na produção é utilizado para diferenciar as rendas originais e as derivadas, como por exemplo, o lucro dos juros

provisão da subsistência dos trabalhadores enquanto o produto não está pronto para a venda. Em uma sociedade desenvolvida são poucos os trabalhadores que podem arcar com este ônus, sendo necessário o capitalista adiantar-lhes o capital necessário à produção².

Smith então conclui que o preço final de toda a mercadoria é composto, em última análise, por esses três componentes principais:

In every society the price of every commodity finally resolves itself into some one or other, or all of those three parts [salários, lucros e renda da terra]; and in every improved society, all the three enter more or less, as component parts, into the price of the far greater part of commodities. (*WN*, I.vi.10) [colchetes adicionados]

Há no custo de qualquer mercadoria, além do pagamento dos salários, lucros e rendas da terra, um quarto componente referente ao custo do capital (fixo e circulante). Conseqüentemente, a conclusão do parágrafo supracitado envolve a redução do capital fixo e do capital circulante aos mesmos três componentes de valor agregado. A. Smith está atento a esta necessidade, e expõe seu argumento utilizando a produção do trigo como exemplo:

A fourth part, it may perhaps be thought, is necessary for replacing the stock of the farmer, or for compensating the wear and tear of his labouring cattle, and other instruments of husbandry. But it must be considered that the price of any instrument of husbandry, such as a labouring horse, is itself made up of the same three parts; the rent of the land upon which he is reared, the labour of tending and rearing him, and the profits of the farmer who advances both the rent of this land, and the wages of this labour. Though the price of the corn, therefore, may pay the price as well as the maintenance of the horse, the whole price still resolves itself either immediately or ultimately into the same three parts of rent, labour, and profit. (*WN*, I.vi.11)

A partir da redução do capital fixo e circulante aos mesmos três componentes do valor, há a redução última do preço total do trigo. Uma vez concebida a possibilidade de redução dos instrumentos utilizados na produção agrícola para o caso do trigo,

²Sobre a posse dos meios de produção por parte dos trabalhadores, Smith afirma: “*It sometimes happens, indeed, that a single independent workman has stock sufficient both to purchase the materials of his work, and to maintain himself till it be compleated. . . . Such cases, however, are not very frequent, and in every part of Europe, twenty workmen serve under a master for one that is independent. . .*” (*WN*, I.viii.9-10)

pode-se estender o raciocínio para as “quartas partes” das demais mercadorias, e considerar apenas valores agregados.

Smith identificou corretamente não apenas os componentes principais do preço, mas também a forma de computar a participação dos salários e dos lucros. Em *WN*, a parcela correspondente aos lucros do capital no preço final da mercadoria depende da quantidade de capital utilizado ao longo de todo processo produtivo da mercadoria. A parcela correspondente ao salário depende não apenas do trabalho aplicado diretamente na produção da mercadoria, mas também daquele despendido na construção dos instrumentos e insumos utilizados.

In the price of flour or meal, we must add to the price of the corn, the profits of the miller, and the wages of his servants; in the price of the bread, the profits of the baker, and the wages of his servants; and in the price of both, the labour of transporting the corn from the house of the farmer to that of the miller, and from that of the miller to that of the baker, together with the profits of those who advance the wages of that labour. (*WN*, I.vi.12)

O autor generaliza o que é válido para uma mercadoria para o conjunto de todas as mercadorias produzidas no país.

As the price or exchangeable value of every particular commodity, taken separately, resolves itself into some one or other or all of those three parts; so that of all the commodities which compose the whole annual produce of the labour of every country, taken complexly, must resolve itself into the same three parts, and be parcelled out among different inhabitants of the country, either as the wages of their labour, the profits of their stock, or the rent of their land. The whole of what is annually either collected or produced by the labour of every society, or what comes to the same thing, the whole price of it, is in the manner originally distributed among some of its different members. Wages, profit, and rent, are the three original sources of all revenue as well as of all exchangeable value. All other revenue is ultimately derived from some one or other of these. (*WN*, I.vi.17)

Nesta passagem A. Smith estabelece a relação entre preços e componentes da renda total. Há a conexão entre o preço total das mercadorias e sua forma de distribuição segundo a proporção em que entram como partes componentes do preço o salário, o lucro e a renda da terra.

Portanto, partindo da identificação das rendas originais, baseadas nas necessidades da produção das mercadorias e da propriedade privada e da redução da “quarta

parte” (insumos e capital fixo) a estes três componentes, Smith pôde reduzir os preços de todas as mercadorias, em última análise, e remetê-los à distribuição “original” das mercadorias na sociedade. Nisto consiste a teoria do valor de Smith no que tange à identificação das partes componentes do preço.

É importante salientar que a identificação de três componentes *diferentes* a determinar o valor relativo das mercadorias não implica em atribuir *independência* na determinação no nível de remuneração destes três componentes.

As seguintes seções buscam dar maior clareza para a teoria do valor de Smith, discutindo dificuldades de interpretação que podem surgir devido a forma como apresenta a sua teoria, e frente aos desenvolvimentos posteriores, principalmente a determinação do valor de troca a partir do tempo de trabalho em Ricardo. Discutir-se-a em primeiro lugar, qual o significado de Smith afirmar em algumas passagens que o trabalho divide com os proprietários o produto de seu trabalho, ao mesmo tempo em que afirma que o capital e a terra geram valor de troca e, em seguida, qual o significado de identificar o trabalho como a “medida real para o valor”.

1.1.1 Trabalho e valor na troca

Os oito primeiros parágrafos do Capítulo VI do Livro I estabelecem claramente a opinião de Smith de que a quantidade de horas de trabalho necessárias na produção de um bem ajustadas por sua dificuldade não é mais suficiente para determinar sozinho a relação de troca entre as mercadorias. Propõe-se uma determinação tridimensional, e adicionam-se aos salários dos trabalhadores, os lucros do capitalista e a renda da terra do proprietário de terras³ (*WN*, I.vi.1-8).

Apesar da clareza com que expõe sua teoria acerca das três partes componentes do valor de troca, há no texto uma certa ambiguidade, pois Smith reafirma diversas vezes *que é o trabalho que acrescenta valor aos materiais*, e este valor acrescentado deve ser então repartido em duas partes, uma para os proprietários e outra para os próprios trabalhadores. Estaria ele então utilizando duas formas alternativas (e incom-

³Groenewegen and Vaggi (2003, p.109) compartilham a mesma visão.

patíveis) para determinar o valor?

The value which the workmen add to the materials, therefore, resolves itself in this case into two parts, of which the one pays their wages, the other the profits of their employer upon the whole stock of materials and wages which he advanced. (WN, I.vi.5)

Na passagem acima, e também no Capítulo VIII (WN, I.viii.5-8), Smith afirma que o valor que o trabalho adiciona aos materiais deve ser dividido em duas partes, uma para remunerar o capital e outra que fica com o próprio trabalhador. Pergunta-se: haveria uma inconsistência teórica entre a natureza tridimensional da determinação do valor de troca e as afirmações de Smith de que é o trabalho que gera o valor que deve ser repartido entre as diversas classes?

A exposição de Smith abre espaço para interpretações divergentes, já que justamente ao propor a origem lógica e histórica da remuneração do capital e da terra como fontes adicionais de valor de troca, ele afirma que o valor adicionado pelo trabalho deve ser dividido com os capitalistas e proprietários de terra.

Esta falha na exposição por parte do autor não pode ser utilizada para sustentar que o mesmo padeceu de uma confusão teórica. A proposição central é que o fato de o capital e da terra gerarem valor de troca não implica em negar o trabalho como elemento *essencial* e central na produção dos objetos. É o trabalho que modifica a natureza, ainda que com o auxílio do capital, criando novos valores de uso. Como os objetos precisam possuir valor de uso para possuir valor de troca, é o trabalho em última instância o responsável pela criação do valor em uma sociedade capitalista.

A centralidade do trabalho na produção das mercadorias é afirmada no primeiro parágrafo de WN, ainda na Introdução e Plano da Obra: “*The annual labour of every nation is the fund which originally supplies it with all the necessaries and conveniences of life which it annually consumes. . .*”. Smith possui uma concepção de que a riqueza (na forma de mercadoria) é gerada a partir do trabalho humano.

O trabalho humano é o elemento central e essencial da produção na visão de Smith, que vislumbra a possibilidade de alguns bens não possuírem como componentes de seu valor de troca nem o lucro nem a renda da terra, uma vez que não

sejam necessários o pagamento ao acesso à terra ou o auxílio de uma riqueza acumulada em sua produção. Mas todas as mercadorias devem possuir ao menos o salário como componente do valor de troca, pois nada se produz somente com o capital ou somente com a terra. Mesmo uma árvore cujas frutas nascem espontaneamente demandam alguma espécie de trabalho para coletá-las e transportá-las ao local de consumo. Mesmo na produção agrícola, quando “auxiliado” pela natureza, era o trabalho o elemento ativo, que coordenava a sua força e as forças da natureza com vistas a atender às necessidades e conveniências das pessoas. Era o trabalho portanto, *em última análise*, o responsável pela criação da riqueza material, pela produção das mercadorias ⁴.

Nessa perspectiva é o trabalho que recria anualmente o sistema. A natureza lhe fornece as matérias primas e sua capacidade produtiva natural, o capital lhe adianta os instrumentos, mas é o trabalho que transforma a natureza de forma útil ao ser humano, retirando-a de sua forma bruta, sem nenhum valor para o uso e, conseqüentemente, sem nenhum valor na troca. A riqueza depende em última análise da destreza e bom senso com que o trabalho é aplicado à natureza (Capítulo I do Livro I). Conseqüentemente, *nesse sentido mais amplo*, é o trabalho que cria as mercadorias, é ele o responsável por torná-las úteis para posteriormente serem trocadas por outras mercadorias.

Se é o trabalho em última análise aquele que transforma a natureza e produz as mercadorias, os trabalhadores tem que dividir o produto de seu trabalho com os capitalistas e proprietários de terras, dando-lhes parte da produção. E é justamente por essa razão que o valor relativo das mercadorias será formado não só pelo custo do trabalho, como também por uma quantidade adicional para pagar pelos lucros do capitalista e outra para pagar pela renda da terra. No capitalismo, a distribuição se dá

⁴Na seguinte passagem fica clara a centralidade do trabalho ao “dirigir” as forças da natureza de forma que sejam úteis aos homens: “*The most important operations of agriculture seem intended, not so much to increase, though they do that too, as to direct the fertility of nature towards the production of the plants most profitable to man. A field overgrown with briars and brambles may frequently produce as great a quantity of vegetables as the best cultivated vineyard or corn field. Planting and tillage frequently regulate more than they animate the active fertility of nature; and after all their labour, a great part of the work always remains to be done by her*” (WN, II.v.12).

através das remunerações na produção, que determinam o preço de mercado.

The whole produce of labour does not always belong to the labourer. He must in most cases *share it with the owner of the stock which employs him*. Neither is the quantity of labour commonly employed in acquiring or producing any commodity, the only circumstance which can regulate the quantity which it ought commonly to purchase, command, or exchange for. *An additional quantity, it is evident, must be due for the profits of the stock which advanced the wages and furnished the materials of that labour.* (WN, I.vi.7) [destaques adicionados]

A passagem acima poderia ser interpretada como incongruente e utilizada como prova do uso simultâneo e alternado dos conceitos “trabalho comandado” e “trabalho contido”. Entretanto, tal incongruência é dissolvida se a colocamos em perspectiva a partir da obra do próprio Smith, e seguindo a narrativa aqui proposta, pois não há uma teoria do trabalho contido como determinante dos preços ou do valor gerado, e sim uma ideia de que a produção é, em última análise, fruto do trabalho, ainda que associado à “natureza” ou auxiliado pelo capital. E é justamente *porque* o conjunto da riqueza material produzida, fruto do trabalho humano, é dividida com os capitalistas e proprietários de terra em uma sociedade capitalista, que o valor de troca *deverá* ser regulado não só pelo tempo de trabalho gasto na produção, mas também pela remuneração do capital e da terra.

É fato que Smith poderia ter sido mais claro em sua argumentação. Entretanto, levando-se em consideração a clareza com que defende salários, lucros e renda da terra como os três elementos componentes que dão origem ao valor de troca na sociedade capitalista, e, por outro lado, a centralidade e essencialidade do trabalho na produção dos valores de uso, é possível separar as afirmações em dois níveis de abstração distintos e concluir que é justamente porque o trabalhador divide o produto de seu trabalho com a classe proprietária que a terra e o capital tem de ser “fontes” do valor de troca.

1.1.2 A medida real para o valor

Por fim cabe considerar uma importante parte da narrativa de Smith: o estabelecimento de uma “medida real” para o valor de troca das mercadorias. O intuito básico

do autor é encontrar uma medida para o valor de troca das mercadorias a partir da qual se possa julgar se uma mercadoria tornou-se mais fácil ou difícil de ser obtida em uma determinada sociedade. Por se tratar de um parâmetro absoluto, não é necessário comparar o preço de uma mercadoria em questão com todas as demais.

Tal medida é fundamental para prover à teoria da distribuição de Smith um embasamento empírico e histórico. Para Smith, no processo de aumento de riqueza e acumulação de capital de uma sociedade haveria um aumento do preço de alguns produtos agrícolas devido ao aumento do pagamento das rendas da terra e uma queda no preço dos bens manufaturados, como consequência do menor tempo de trabalho necessário à produção desses bens.

In such a work as this, however, it may sometimes be of use to compare the different real values of a particular commodity at different times and places, or the different degrees of power over the labour of other people which it may, upon different occasions, have given to those who possessed it. (*WN*, I.v.22)

Mas tais tendências eram de difícil aferição, uma vez que os registros históricos dos preços das mercadorias estavam denominados na moeda corrente, sofrendo variações tanto por mudanças no valor relativo da prata, quanto por mudanças na quantidade de prata contida na moeda em cujos registros foram tomados. A dificuldade era definir se a mudança do preço da mercadoria havia sido resultado de mudanças associadas à mercadoria analisada, ou se havia sido causada por mudanças no valor nominal da prata ou da quantidade de prata legalmente contida nas moedas. As considerações acerca de variações do valor da prata e da quantidade de prata contida na moeda ocupam a metade do Capítulo V do Livro I (*WN*, I.v.23-41).

A relação de troca da prata com todas as outras mercadorias varia continuamente, ainda que de maneira muito lenta, ao longo de vários anos. Smith afirma que “*The discovery of the abundant mines of America reduced, in the sixteenth century, the value of gold and silver in Europe to about a third of what it had been before*” (*WN*, I.v.7).

But as a measure of quantity, such as the natural foot, fathom, or handful, which is continually varying in its own quantity, can never be an accurate measure of the quantity of other things; so a commodity which is itself continually

varying in its own value, can never be an accurate measure of the value of other commodities. (*WN*, l.v.7)

Smith precisa de um outro parâmetro para julgar se o aumento do preço de uma mercadoria significa que ela está ficando mais cara em relação a todas as demais, ou se tal variação seria decorrente da alteração do valor de troca da prata. É preciso lembrar que não havia a disponibilidade de um índice de inflação para utilizar como deflator dos preços que possibilitasse separar o efeito da variação do preço da prata das variações dos preços relativos das demais mercadorias⁵. Este índice demandaria um enorme volume de informações sobre a variação de preços das mercadorias com maior participação no consumo agregado. Mas o que Smith possui são alguns preços extraídos de registros históricos, nada que minimamente se pareça com um índice de preços.

A questão era o que utilizar como substituto da prata. Smith elege o trabalho como uma forma de contornar o problema da variação do valor da prata. Ao comparar o preço da mercadoria com o salário nominal, chega-se a uma quantidade de trabalho que a mercadoria pode adquirir, isto é, uma quantidade de horas de trabalho que se deve trocar pela mercadoria. A quantidade de tempo de trabalho que uma mercadoria pode comandar seria a forma de julgar a real dificuldade de sua obtenção em uma sociedade, substituindo seu valor nominal (isto é, em termos de uma quantidade de prata).

$$P(\text{prata})/W(\text{prata/tempo}) = TC(\text{tempo}) \quad (1.1)$$

Fica claro, portanto, que ao medir o preço da mercadoria em tempo de trabalho, Smith elimina o efeito das variações do valor da prata em seus registros históricos. É a adoção dessa medida que torna possível a Smith empreender uma reavaliação dos

⁵Roncaglia (2005, p. 136-137) tece a mesma observação em uma nota de rodapé: “*Even today the use of such a standard is frequent: a haircut ‘commands’ an hour of labour in one country, two hours of labour in another. The choice of the standard is here motivated not by a logical necessity internal to the theory, but by the particular role of the man, and especially the worker, in the economists’ eyes. Let us also observe that in Smith’s times a theory of index numbers was not available, such as could have supplied an alternative instrument of measurement of the changes in economic magnitudes; moreover, even index numbers provide only approximate solutions to the measurement problem*”.

registros históricos a partir do qual o autor corrobora sua tese referente à evolução do preço relativo dos bens agrícolas frente aos manufaturados.

Ao exprimir os preços em tempo de trabalho, há que se recorrer ao salário nominal para converter um valor que expressa uma determinada quantidade (peso) de prata para uma determinada quantidade (tempo) de trabalho. Mas haverá variação no tempo de trabalho que todas as mercadorias podem comandar, em seus “valores reais”, caso haja uma alteração do salário nominal que não seja compensada pelo aumento de preços das mercadorias, alterando assim o salário real.

Adam Smith está ciente deste fenômeno. É importante notar que sua teoria da determinação dos preços tridimensional elimina a possibilidade de uma medida absoluta do valor, isto é, uma medida invariável em relação à distribuição e associada apenas ao processo produtivo. É por isso que ao defender o trabalho como medida invariável, foca o tempo de trabalho para quem o executa como uma medida de dificuldade. A invariabilidade da medida em tempo de trabalho funda-se no esforço do trabalhador que executa o trabalho em um determinado período de tempo, consequentemente, pode-se comparar uma hora de esforço no passado com uma hora de esforço no presente qualquer que seja a quantidade de mercadorias recebidas em troca.

Equal quantities may be said to be of equal value of labour, at all times and places, to the labourer, in his ordinary state of health, strength and spirits; in the ordinary degree of his skill and dexterity, is he must always lay down the same portion of his ease, his liberty, and his happiness: The price which he pays must always be the same, whatever may be the quantity of goods which he receives in return for it. Of these, indeed, it may sometimes purchase a greater and sometimes a smaller quantity; but it is their value which varies, not that of the labour which purchases them. (*WN*, I.v.7)

Não é portanto a medida que varia, conclui Smith, mas o valor das mercadorias expressa nessa medida, seu valor real. Tal argumentação, entretanto, poderia ser aplicada também para o caso da prata. O peso de um determinado volume de prata não varia quando se altera seu valor. Um determinado volume de prata pura possui o mesmo peso “*at all times and places*”, podendo-se afirmar da mesma forma que não é a medida que muda, e sim o valor real das mercadorias.

Ademais, a idéia de dificuldade de aquisição é alterada dependendo da classe analisada. Tomemos como exemplo a classe proprietária. Uma diminuição do salário real aumentaria o tempo de trabalho que as mercadorias poderiam comandar, ou seja, os seus “valores reais”, sua “dificuldade de aquisição”. Entretanto, como consequência da alteração salarial, a classe proprietária receberia uma parcela maior do produto social, de maneira que, logicamente, poder-se-ia afirmar que os bens ficariam mais baratos para eles, e não o contrário. Smith argumenta que as rendas de propriedade poupam o trabalho que de outra forma deveria ser realizado para adquirir a mercadoria⁶ (WN, l.v.2). Desta forma, mesmo do ponto de vista da classe proprietária, interpreta-se o preço majorado como um aumento do tempo de trabalho economizado, podendo manter o mesmo raciocínio geral de que quanto maior o valor mais caro para o proprietário, pois mais trabalho deverá ser economizado.

Entretanto, não há argumentação que altere o fato de que, em uma sociedade em que um produto social físico dado é distribuído entre as três classes sociais por meio de alterações nas rendas recebidas que se refletirão nos preços das mercadorias, o aumento do preço de uma mercadoria fruto de uma mudança distributiva não significará aumento da dificuldade de aquisição para pelo menos uma das classes sociais (supondo que a tecnologia se mantenha inalterada).

Ao centrar sua defesa do trabalho como medida real do valor de troca no caráter invariável do trabalho para aquele que o executa e, ao interpretar a renda proprietária a partir da sua capacidade de poupar trabalho para aquele que a possui, Smith continua defendendo a expressão do preço das mercadorias em um determinado tempo de trabalho como a “medida real de valor”.

Apesar de a engenhosa defesa do trabalho como medida real de valor, não há como fugir do fato de que a expressão do preço das mercadorias em tempo de trabalho muda com a variação do salário. Tal propriedade representa um problema, da mesma forma que a variação no valor da prata e na denominação da moeda, ainda que Smith

⁶Smith afirma que: “*What is bought with money or with goods is purchased by labour as much as what we acquire by the toil of our own body. That money or those goods indeed save us this toil. They contain the value of a certain quantity of labour which we exchange for what is supposed at the time to contain the value of an equal quantity*” (WN, l.v.2).

argumente exatamente o contrário.

Para que se possa utilizar o trabalho para aferir as mudanças na dificuldade de aquisição de uma mercadoria, diferenciando de mudanças que atingem o “valor real” de todas as mercadorias, é preciso que a remuneração real dos trabalhadores não esteja variando. Caso contrário, não se saberá se a mudança no “valor real” deve-se a alterações que afetam a mercadoria em questão ou remetem a alterações do valor de todas as mercadorias. A invariabilidade do trabalho para aquele que o executa, obviamente, não resolve esse problema.

Conclui-se portanto que a análise da medida real de valor de Smith surge da impossibilidade de utilizar o valor nominal dos bens expressos em “unidades peso de prata”. Mas a medida que escolhe — o trabalho que as mercadorias podem comprar — faz com que o “valor real” das mercadorias mude quando altera-se o salário nominal. A defesa de Smith do trabalho como medida invariável não livra o trabalho de um problema análogo ao da prata quando varia o salário real. Conseqüentemente, a não ser que se suponha uma distribuição inalterada, as mudanças do salário real serão equivalentes às mudanças no valor relativo da prata, no que tange à análise das mudanças dos preços e de suas causas.

A suposição de um salário nominal constante também não seria adequada. Justamente a medida de Smith é imune à variação do preço da prata pois o salário nominal e o preço dos bens variam na mesma proporção quando muda o preço da prata. Ao se supor um salário real mais ou menos constante, pode-se então associar a mudança do “valor real” da mercadoria ao seu processo produtivo e não a uma mudança sistêmica. O problema é que o próprio autor possui uma teoria acerca da mudança do salário real de acordo com a intensidade de acumulação de capital.

Por fim, cabe observar que a *medida do valor* em nada afeta a proporção entre os preços relativos das mercadorias, ou seja, os valores na troca. Os preços relativos são determinados segundo a quantidade de trabalho, capital e terra utilizados nas suas produções e remunerados às suas respectivas taxas naturais. É por isso que em um mesmo momento e lugar, não há diferença entre valor nominal e real. Se

uma mercadoria possui um preço duas vezes maior que outra, seu valor em trabalho comandado (ou em número de horas que a mercadoria pode comprar) possuirá a mesma proporção:

But though in establishing perpetual rents, or even in letting very long leases, it may be of use to distinguish between real and nominal price, it is of none in buying and selling, the more common and ordinary transactions of human life. (WN, I.v.18)

At the same time and place *the real and the nominal price of all commodities are exactly in proportion to one another*. The more or less money you get for any commodity, in the London market, for example, the more or less labour it will at that time and place enable you to purchase or command. At the same time and place, therefore, money is the exact measure of the real exchangeable value of all commodities. It is so, however, at the same time and place only. (WN, I.v.19)

Há ainda uma implicação da utilização do trabalho comandado como medida de valor que é independente das propriedades levantadas acima e que deriva apenas do fato de se expressar toda a riqueza social em tempo de trabalho (que se pode comprar). Tal escolha coloca em evidência uma característica importante do sistema capitalista ao tornar claro seu potencial de acumulação. Como no capitalismo o preço das mercadorias sempre comandará uma quantidade maior de trabalho do que aquele utilizado em sua produção, esse excedente de trabalho pode ser utilizado para auxiliar a produção futura, aumentando o número de trabalhadores produtivos e a produção total. Portanto, a medida da produção anual em trabalho comandado põe em evidência o excedente e o potencial de acumulação da sociedade.

As in a civilized country there are but few commodities of which the exchangeable value arises from labour only, rent and profit contributing largely to that of the far greater part of them, so the annual produce of its labour will always be sufficient to purchase or command a much greater quantity of labour than what was employed in raising, preparing, and bringing that produce to market. If the society was annually to employ all the labour which it can annually purchase, as the quantity of labour would increase greatly every year, so the produce of every succeeding year would be of vastly greater value than that of the foregoing. But there is no country in which the whole annual produce is employed in maintaining the industrious. The idle every where consume a great part of it; and according to the different proportions in which it is annually divided between those two different orders of people, its ordinary or average value must either annually increase, or diminish, or continue the same from one year to another. (WN, I.vi.24)

Na citação acima fica explícito o conceito de excedente como um limite potencial máximo para a acumulação de capital. Entretanto, tal limite nunca se realizará plenamente devido às necessidades de consumo por parte do Estado e devido ao consumo das classes proprietárias. O tamanho da produção anual e a parte do excedente de riqueza que será efetivamente acumulado e aplicado na função de capital serão discutidos no próximo capítulo.

A equivalência entre quantidade de trabalho e quantidade de trigo

Há, adicionalmente, um outro obstáculo a ser enfrentado por Smith: o fato de não possuir o registro histórico do salário dos trabalhadores para aplicar sua “medida real para o valor”. Consequentemente, tem de se contentar com uma aproximação. Para tal elege a mercadoria que tem o maior peso na cesta de consumo dos trabalhadores: o trigo. Como o salário nominal é definido a partir de uma cesta de consumo que tem no trigo seu elemento principal, Adam Smith propõe a utilização das variações do preço do trigo como uma *proxi* das variações do salário nominal.

Consequentemente, o trigo cumpre uma função empírica e não teórica, como a segunda melhor opção para medir o valor real das mercadorias. Esta escolha se dá devido a uma limitação prática de contabilizar a quantidade de trabalho que uma mercadoria pode comandar, devido aos diferentes tipos de trabalho e à dificuldade de precisar sua equivalência (*WN*, l.v.5), assim como de identificar qual era o salário real vigente (*WN*, l.v.22). Portanto, a medida teórica é o trabalho, e o trigo apenas um substituto do trabalho, o melhor possível devido à alta participação do trigo na subsistência do trabalhador, mas ainda assim imperfeito.

Variações no salário real alterarão a paridade entre o preço do trigo e o salário nominal. Smith parece inferir que mudanças na tecnologia de produção do próprio trigo não ocasionarão tal problema, quando afirma que o trigo é “*the subsistence of the labour*”. Desta maneira, uma queda do preço do trigo devido a melhorias na produtividade do trabalho na produção de trigo levarão a quedas no salário nominal (mantendo assim o salário real constante), o que causará a manutenção da proporção

entre o preço do trigo e o preço do trabalho.

Equal quantities of labour will at distant times be purchased more nearly with equal quantities of corn, the subsistence of the labourer, than with equal quantities of gold and silver, or perhaps of any other commodity. Equal quantities of corn, therefore, will, at distant times, be more nearly of the same real value, or enable the possessor to purchase or command more nearly the same quantity of the labour of other people. They will do this, I say, more nearly than equal quantities of almost any other commodity; for even equal quantities of corn will not do it exactly. The subsistence of the labourer, or the real price of labour, as I shall endeavour to show hereafter, is very different upon different occasions; more liberal in a society advancing to opulence than in one that is standing still; and in one that is standing still than in one that is going backwards. Every other commodity, however, will at any particular time purchase a greater or smaller quantity of labour in proportion to the quantity of subsistence which it can purchase at that time. A rent therefore reserved in corn is liable only to the variations in the quantity of labour which a certain quantity of corn can purchase. But a rent reserved in any other commodity is liable, not only to the variations in the quantity of labour which any particular quantity of corn can purchase, but to the variations in the quantity of corn which can be purchased by any particular quantity of that commodity. (*WN*, l.v.15)

Na passagem acima Smith afirma estar ciente de que uma alteração do salário real (e portanto da paridade entre o preço do trigo e o salário nominal) fará com que o preço do trigo não seja uma medida tão boa do salário nominal, necessário para aferir a quantidade de trabalho comandado. Mas caso outra mercadoria fosse utilizada como medida, haveria alteração não apenas por conta do salário real, mas também por mudanças técnicas na produção da referida mercadoria, ou ainda por mudanças na distribuição lucro/rendas, que altera a relação da mercadoria com o trabalho comandado independentemente do salário real.

1.2 Concorrência, Taxas Naturais, Preço Natural

A argumentação do Capítulo VII do Livro I, “*Of the natural and market Price of Commodities*”, fundamenta e aprofunda a identificação dos salários, lucros e rendas como partes componentes dos preços das mercadorias.

Se tomarmos por hipótese que é possível atribuir a um objeto teórico um grau de

dificuldade, podemos afirmar que a conexão entre variações nos preços de mercado e a escassez ou abundância de mercadorias, resultantes de alterações da quantidade trazida ao mercado em relação à quantidade demandada é certamente a característica mais perceptível do efeito do mecanismo concorrencial no mercado de bens. Se há falta de produtos, a quantidade ofertada foi insuficiente e há uma tendência de o preço subir, ocorrendo o inverso no caso de um excesso de produtos. Essa identificação do movimento dos preços em relação a uma diferença positiva ou negativa da quantidade demandada em relação à quantidade ofertada é bastante direta, pode ser facilmente observada e não demanda qualquer mediação de uma teoria sistêmica. Essa relação havia sido explicitada por autores mercantilistas, muitos deles também comerciantes e homens de negócios (homens práticos) — e não filósofos como Petty e Smith — que a partir de suas experiências cotidianas concluíram que é mais caro aquilo que falta no mercado, e mais barato aquilo que sobra. A análise concentrava-se apenas no *locus* das trocas, no mercado. A análise de Smith acerca da concorrência não negara tal relação aparente, mas vai inseri-la no contexto mais amplo da reprodução social, com ênfase na produção como fonte da riqueza material (na forma das mercadorias) e do valor de troca, a partir de uma visão sistêmica do funcionamento econômico. Essa inserção no contexto sistêmico se dá a partir do conceito de “taxa natural, comum ou média”.

Smith inicia o Capítulo VII do livro primeiro definindo o conceito de taxas naturais, comuns ou médias de remuneração para cada um das classes sociais, ou *ranks* na terminologia do autor. Tais classes sociais são definidas a partir da propriedade do capital, da terra, ou da ausência dela, no caso do trabalho. O tipo e distribuição da propriedade define as funções que desempenha cada ordem social na reprodução do sistema econômico.

There is in every society or neighbourhood an ordinary or average rate both of wages and profit in every different employment of labour and stock. This rate is naturally regulated, as I shall show hereafter, partly by the general circumstances of the society, their riches or poverty, their advancing, stationary, or declining condition; and partly by the particular nature of each employment. (*WN*, I.vii.1)

These ordinary or average rates may be called the natural rates of wages, profit, and rent, at the time and place in which they commonly prevail. (*WN*, I.vii.3)

O conceito de taxa natural refere-se portanto a uma remuneração comum ou média, em um ponto do espaço-tempo, para cada tipo de proprietário (ou não proprietário, no caso dos trabalhadores). Essas taxas comuns ou médias dependem em parte de circunstâncias gerais da sociedade, e em parte das circunstâncias específicas de cada emprego do trabalho, do capital e de diferenças na fertilidade da terra.

Smith, entretanto, deixa para os capítulos subsequentes a explicação de como são determinadas essas taxas. No Capítulo VII ele mostrará “apenas” como a concorrência faz com que o preço da mercadoria seja determinado a partir das remunerações médias do capital, dos salários e da renda da terra, ao mesmo tempo em que explica a própria existência das taxas médias ou naturais de salários, lucros e rendas. Para fazê-lo, introduz os conceitos: “preço natural”, “preço de mercado”, “demanda efetiva” e “demanda absoluta”. O preço natural é aquele que remunera o trabalho, o capital e a terra às suas taxas normais de remuneração. O preço de mercado pode estar acima ou abaixo do preço natural; isso dependerá da quantidade ofertada da mercadoria em relação à demanda efetiva. Demanda efetiva é a quantidade demandada por aqueles dispostos a pagar o preço natural da mercadoria, e difere da demanda absoluta, que inclui aqueles que embora desejem determinada mercadoria, não possuem riqueza para obtê-la.

O primeiro ponto que Smith estabelece é que desvios da quantidade ofertada em relação à demanda efetiva gerarão diferenças entre o preço de mercado e o preço natural⁷. A concorrência, em cada mercado específico, entre os vendedores e compradores do mesmo é que explicarão os desvios dos preços de mercado em relação ao preço natural quando a quantidade trazida ao mercado diferir da demanda efetiva. Se a quantidade trazida ao mercado for menor do que a demanda efetiva, alguns compradores estarão dispostos a pagar mais que o preço natural para obter a mercadoria. A variação do preço varia com o grau de avidez dos consumidores para comprar a

⁷Uma questão plenamente estabelecida na literatura sraffiana é que Smith trata de quantidade ofertada e quantidade demandada, e não curvas de demanda e oferta na forma da teoria marginalista.

mercadoria e também da riqueza possuída pelos consumidores concorrentes. Por outro lado, se a quantidade trazida ao mercado superar a demanda efetiva, haverá uma concorrência entre os vendedores, e Smith chama atenção para que a intensidade da variação dos preços se dará na proporção da importância para os vendedores de desvencilharem-se mais rapidamente da mercadoria. Cita a diferença entre o vendedor de peixes e o vendedor de ferro devido à diferente perecibilidade de seus produtos.

O segundo desdobramento da concorrência é o efeito das alterações de preço na quantidade trazida ao mercado da mercadoria. A elevação do preço leva a uma majoração de pelo menos uma das variáveis distributivas, que por sua vez induz um aumento das aplicações de capital, trabalho ou terras para o setor específico, aumentando a quantidade ofertada no período subsequente. O contrário ocorre no caso de uma quantidade ofertada maior que a demanda efetiva, que resulta em um preço baixo, com a retirada de trabalho ou capital ou terras da produção, fazendo cair a quantidade ofertada.

O mecanismo ativo é a concorrência intra-classes. Caso o capitalista (o mesmo raciocínio serve para o trabalhador ou proprietário) esteja recebendo menos do que a remuneração normal dos outros capitalistas, ele buscará deslocar seu capital daquela aplicação específica para outra, que lhe pagará ao menos a taxa média ou natural. É esta concorrência intra-classes que explica a atração das taxas de remuneração do trabalho, do capital e da terra a um ponto central (considerado o patamar central ou natural) e, ao mesmo tempo, a atração dos preços de mercado para os preços naturais.

A concorrência intra-classe explica a baixa dispersão das remunerações básicas dentro de uma mesma classe, assim como o movimento do preço de mercado em direção ao preço natural. Em relação a este último ponto, é a concorrência permitida pela livre mobilidade dos fatores de produção que garante ao mesmo tempo a tendência à homogeneização das taxas naturais e a convergência do preço de mercado ao preço natural em cada mercado específico.

A concorrência é o elemento ativo que confere coerência ao sistema de preços. Em

suma, a análise da concorrência permite estabelecer uma relação entre os preços normais ou naturais e os preços de mercado, assim como afirmar a própria relevância do conceito de taxas naturais e homogêneas de salários, lucros e rendas. A abundância e escassez do mercado deixa de ser o determinante dos preços, que passa a ser o custo de produção da mercadoria, reduzido à sua forma de valor agregado.

Consequentemente, a demanda relevante a ser atendida é a quantidade demandada ao preço natural, ou aquele que cobre os custos de produção, não havendo um papel determinante da quantidade demandada. No máximo, haveria influência na amplitude dos desvios do preço natural em relação ao preço de mercado (Aspromourgos, 2009).

O valor na troca de cada mercadoria será determinado, dadas as taxas naturais, pela tecnologia de produção de cada mercadoria. Para cada mercadoria individual, a afirmação é verdadeira, pois o preço de oferta deve cobrir o custo de produção (incluindo nele a remuneração normal do capital), para que o produto continue sendo produzido em condições de concorrência.

Portanto, a partir do processo concorrencial, Smith explicita a relação entre o preço de mercado e o preço natural ao mesmo tempo em que fundamenta a identificação feita no Capítulo VI do Livro I, de que o preço das mercadorias será composto e determinado pelas remunerações pagas aos trabalhadores e aos proprietários de acordo com suas taxas naturais. A análise da concorrência possui como fundamento a ideia que no sistema capitalista nenhuma mercadoria será produzida durante um longo período de tempo caso seu preço não cubra os custos, ao mesmo tempo em que será difícil continuar vendendo-a a um preço muito acima do custo de produção, devido à concorrência intra-classes (principalmente entre os capitalistas).

1.3 Teoria do valor e a teoria da distribuição

Procurou-se deixar claro neste capítulo que a determinação dos preços relativos, ou do valor da troca, na teoria de Smith, é função da remuneração do trabalho, do ca-

pital e da terra às suas taxas naturais e da tecnologia de produção, que determina a quantidade de cada uma das taxas naturais que deverá ser paga durante o processo produtivo. Smith identifica corretamente o trabalho direto e o indireto contido na mercadoria, assim como o crescimento da parcela dos lucros a cada etapa adicional da produção.

Smith aprofunda a identificação das partes componentes do valor de troca ao discutir o mecanismo concorrencial e a gravitação dos preços de mercado em relação aos preços naturais, assim como a convergência das remunerações em relação à taxa natural.

Ademais, especifica uma medida real para o valor baseada no “trabalho comandado” que é útil principalmente na discussão dos preços no processo de expansão da riqueza em que há variação do preço da prata. A especificação dessa *medida real* não altera a discussão sobre a *determinação* dos valores de troca.

Portanto, a teoria da determinação do valor de troca de Adam Smith envolve a redução dos preços em três componentes últimos: salários, lucros e renda da terra. Essa redução não implica afirmar que as variáveis distributivas possam ser determinadas de maneira independente, e não há qualquer evidência textual no Capítulo VI do Livro I que permita deduzir a independência das variáveis distributivas a partir da redução do preço das mercadorias a salários, lucros e renda da terra.

O ponto mais relevante para a nossa discussão é que não há evidência textual, nos capítulos que tratam da determinação dos preços das mercadorias, da negação da concepção mais geral de um produto social dado a ser distribuído entre os *ranks* da sociedade através das taxas naturais de remuneração. Ademais, como demonstraremos no Capítulo 3, a teoria do valor de Smith não é deixada em aberto e nem tampouco é logicamente circular. Ao determinar as variáveis distributivas, e dada a tecnologia, os preços relativos estarão determinados.

Capítulo 2

Acumulação em Adam Smith

O presente capítulo busca colocar em evidência a concepção de um dado produto social adotada por Adam Smith ao tratar da reprodução material da sociedade. A concepção principal que emerge na análise do Livro II de *WN*, a partir da qual se pode construir um fio condutor de sua análise (e em todo *WN*, como queremos evidenciar nessa tese), é mostrar que a produção é a fonte da riqueza (as mercadorias), que esta produção é dada em cada estágio da acumulação do capital, que as rendas per-capitas (salário por pessoa, renda da terra por proprietário e lucro por capitalista) só podem aumentar à medida em que aumenta a quantidade de mercadorias produzidas em relação ao número de pessoas dentre as quais elas serão divididas.

Há a desidentificação da riqueza com as rendas monetárias recebidas, e a identificação com as mercadorias produzidas que se pode comprar com as referidas rendas:

Though the weekly, or yearly revenue of all the different inhabitants of any country, in the same manner, may be, and in reality frequently is paid to them in money, their real riches, however, the real weekly or yearly revenue of all of them taken together, must always be great or small in proportion to the quantity of consumable goods which they can all of them purchase with this money. The whole revenue of all of them taken together is evidently not equal to both the money and the consumable goods; but only to one or other of those two values, and to the latter more properly than to the former. (*WN*, II.ii.20)

É esta concepção de um *produto físico dado* que estabelecerá os limites para a acumulação a partir da sua distribuição entre as classes sociais (“*ranks*”, no original).

A identificação da riqueza com um conjunto heterogêneo de mercadorias produzidas a serem distribuídas aparecerá claramente na decisão de investir ou consumir reservada à classe proprietária, isto é, a oposição entre consumo e investimento derivada da impossibilidade de consumir a mesma mercadoria duas vezes.

É importante destacar que Smith entendia a produção material da sociedade a partir do conceito de “reprodução”, em que parte da riqueza obtida nos períodos anteriores é necessária para auxiliar o trabalho na produção corrente e é transformada neste processo (destruída) para dar lugar aos produtos finais, ao mesmo tempo que nova riqueza é gerada para substituir aquela que foi destruída no processo produtivo.

O foco da análise será o Livro II de *WN*, cuja breve introdução estabelece a importância da acumulação de um estoque de mercadorias. Na “sociedade comercial” — termo utilizado por Smith para caracterizar o seu tempo histórico — o capital aparece como condição necessária à produção. Pela primeira vez de maneira completamente explícita em *WN*, Smith relaciona acumulação de capital à divisão do trabalho e conseqüentemente aumento da produtividade:

As the accumulation of stock must, in the nature of things, be previous to the division of labour, so labour can be more and more subdivided in proportion only as stock is previously more and more accumulated. (*WN*, II.3)

The quantity of industry, therefore, not only increases in every country with the increase of the stock which employs it, but, in consequence of that increase, the same quantity of industry produces a much greater quantity of work. (*WN*, II.4)

Após estabelecer a conexão entre quantidade da produção e produtividade do trabalho com a acumulação de “*stock*”, Smith inicia a discussão do Livro II: “*Of the Nature, Accumulation, and Employment of Stock*”.

Smith concebia corretamente a reprodução material da sociedade na forma acima descrita e entendia corretamente os limites à acumulação impostos por um produto social dado. Entretanto, muitas dúvidas quanto a sua filiação à abordagem do excedente decorrem da especificação das grandezas agregadas “produto anual”, “receita líquida” e “receita bruta”, que levaram vários autores a interpretações equivocadas de

sua teoria da acumulação¹. A compreensão do significado destas grandezas se faz necessária para interpretar corretamente as proposições acerca da acumulação de capital.

2.1 O estoque de riqueza

A primeira tarefa a que se propõe Smith no Livro II é analisar em que consiste a riqueza acumulada da sociedade, ou o “*stock*”² da sociedade. Para realizar a identificação das partes componentes do *Stock*, o autor parte da análise da divisão do estoque de riqueza individual e então extrapola para toda a sociedade.

When the stock which a man possesses is no more than sufficient to maintain him for a few days or a few weeks, he seldom thinks of deriving any revenue from it. He consumes it as sparingly as he can, and endeavours by his labour to acquire something which may supply its place before it be consumed altogether. His revenue is, in this case, derived from his labour only. This is the state of the greater part of the labouring poor in all countries.

But when he possesses stock sufficient to maintain him for months or years, he naturally endeavours to derive a revenue from the greater part of it; reserving only so much for his immediate consumption as may maintain him till this revenue begins to come in. His whole stock, therefore, is distinguished into two parts. That part which, he expects, is to afford him this revenue, is called his capital. (*WN*, II.i.1,2)

Portanto, capital, do ponto de vista do indivíduo, é qualquer parte de sua riqueza acumulada que, *ao ser mais que suficiente para atender às suas necessidades de subsistência*, é utilizada de forma a fornecer-lhe um rendimento. Fica clara a divisão entre “*labouring poor*” e a classe proprietária em sua capacidade de aplicar a riqueza na forma capital.

O estoque de riqueza, ao cumprir a função de capital, pode ainda ser dividido em duas partes: capital fixo e capital circulante. O primeiro, é capaz de gerar uma receita ou lucro ao seu dono “*without changing masters*” e, o segundo, o faz apenas

¹O'Donnell (1990, p.29-38) apresenta o debate que gerou as diversas interpretações acerca do conteúdo de tais agregados em *WN*. Sua análise dos agregados será tratada no Capítulo 4. Para uma análise adicional da “contabilidade social” de Smith dentro da literatura Sraffiana, embora distinta da aqui apresentada, ver Vianello (1999).

²Por *stock*, o autor se refere a um estoque de mercadorias acumuladas.

na medida em que “*is continually going from him in one shape, and returning to him in another*”. Chega-se a um total de três partes componentes do “*Stock*” de uma pessoa: uma reservada ao consumo imediato, e outras duas aplicadas como capital.

O raciocínio prossegue ao se generalizar a repartição da riqueza individual para a sociedade como um todo:

The general stock of any country or society is the same with that of all its inhabitants or members, and therefore naturally divides itself into the same three portions, each of which has a distinct function or office. (II.i.11)

O total da riqueza acumulada em forma de mercadorias em uma sociedade é identificado com o somatório das riquezas acumuladas individuais. Consequentemente, pode-se dividir o estoque de riqueza acumulada pela sociedade nas mesmas três partes identificadas para o caso individual.

2.1.1 O conceito de capital

A função do capital para Smith é permitir que o trabalho possa produzir mercadorias em uma “sociedade comercial”, isto é, em uma sociedade em que haja propriedade privada do capital e da terra. A propriedade privada dos meios de produção permite que seus detentores apropriem-se de uma parte da produção maior que a necessária para repor o desgaste do capital.

A análise do capital de Smith tende a focar muito mais na função do capital enquanto um poder de compra que permite que o trabalho não apenas aconteça, mas aconteça de forma eficiente (devido às possibilidades de divisão do trabalho), e não no capital como um “agente” da produção (como discutido no Capítulo 1 sobre a centralidade do trabalho).

Pode-se propor portanto que, no que tange à concepção mais geral de capital acima delineada, a necessidade de acumular uma riqueza pregressa aparece principalmente relacionada ao capital circulante, embora o capital fixo não deixe de ser considerado. Como no conhecido exemplo da fábrica de alfinetes a *ênfase* está não no capital enquanto ferramenta de produção, mas o capital enquanto meio de subsis-

tência e matéria-prima que permite a aplicação do trabalho de forma eficiente a partir da divisão do trabalho.

... when the division of labour has once been thoroughly introduced, the produce of a man's own labour can supply but a very small part of his occasional wants. The far greater part of them are supplied by the produce of other mens labour, which he purchases with the produce, or, what is the same thing, with the price of the produce of his own. But this purchase cannot be made till such time as the produce of his own labour has not only been completed, but sold. A stock of goods of different kinds, therefore, must be stored up somewhere sufficient to maintain him, and to supply him with the materials and tools of his work till such time, at least, as both these events can be brought about. (WN, II.2)

Uma riqueza acumulada — “*stock*” — torna-se “*capital*” ao gerar para seu possuidor um rendimento. Todo o capital é um estoque de riqueza acumulada, mas nem todo o estoque de riqueza acumulada é capital. Parte do estoque de mercadorias produzidas em períodos de produção anteriores pode estar reservado para suprir o consumo das pessoas.

Há distinção entre os requisitos necessários para que a riqueza acumulada seja considerada capital nos planos individual e social, distinção esta que pode ser constatada a partir das ressalvas que Smith faz a respeito da classificação das casas destinadas à moradia (*dwelling houses* no original). A casa é considerada como parte do capital individual se alugada para um terceiro, pois gera a seu dono um fluxo de receita. Entretanto, adverte Smith, a casa não pode ser incluída como parte do capital da sociedade:

If it [a dwelling house] is to be lett to a tenant for rent, as the house itself can produce nothing, the tenant must always pay the rent out of some other revenue which he derives either from labour, or stock, or land. *Though a house, therefore, may yield a revenue to its proprietor, and thereby serve in the function of a capital to him, it cannot yield any to the publick, nor serve in the function of a capital to it, and the revenue of the whole body of the people can never be in the smallest degree increased by it.* (WN, II.i.12) [colchetes e destaque adicionados]

Smith especifica em que circunstâncias uma casa ou outro tipo de construção semelhante faria parte do capital social ao enumerar as partes componentes do capital fixo, mais especificamente a segunda das quatro partes componentes:

Secondly, [o capital fixo da sociedade é composto] of all those profitable buildings which are the means of procuring a revenue, not only to their proprietor who lets them for a rent, but to the person who possesses them and pays that rent for them; such as shops, warehouses, workhouses, farmhouses, with all their necessary buildings; stables, granaries, &c. *These are very different from mere dwelling houses. They are a sort of instruments of trade, and may be considered in the same light.* (WN, II.i.15-17, ver também WN, V.ii.e.7) [destaques e colchetes adicionados]

Fica claro que uma casa ou construção semelhante deve ser necessária à produção de mercadorias para que desempenhe a função de capital no âmbito social³. Ainda que se possa discutir até que ponto a casa não é necessária à produção, devido a necessidade de moradia da classe trabalhadora, a ideia é que a qualidade da casa não aumenta a produção de novas mercadorias. Ou seja, não importa se o trabalhador vive em uma frágil cabana ou em uma mansão, sua moradia em nada afeta a produção de mercadorias, isto é, os valores de uso que é capaz de produzir por meio de seu trabalho.

Segue-se que o capital da sociedade é aquela riqueza acumulada que está diretamente envolvida na produção das mercadorias e que ao ser necessária à produção em determinado estágio do desenvolvimento tecnológico, torna-se um instrumento do trabalho humano. Seja qual for a forma física da riqueza acumulada⁴ — um prédio, uma máquina, melhorias na terra e até mercadorias consumidas durante o período de treinamento e aquisição de habilidades por parte dos trabalhadores — tais riquezas são necessárias à produção corrente de mercadorias. A partir deste raciocínio pode-se diferenciar o capital do ponto de vista particular, de riqueza que permite a um indivíduo receber um fluxo de renda, do capital social, riqueza acumulada associada à produção de mercadorias.

³Há uma passagem em que Smith inclui as casas como parte do capital: *... Still less could a bank afford to advance him any considerable part of his fixed capital; of the capital which the undertaker of an iron forge, for example, employs in erecting his forge and smelting-house, his workhouses and warehouses, the dwelling-houses of his workmen, &c.* (WN, II.ii.64) [ênfase adicionada].

⁴O capital fixo é composto por: *First, of all useful machines and instruments of trade which facilitate and abridge labour... , ... Secondly, of all those profitable buildings which are the means of procuring a revenue, not only to their proprietor who lets them for a rent, but to the person who possesses them and pays that rent for them; such as shops, warehouses, workhouses, farmhouses, with all their necessary buildings; stables, granaries, &c. ... , ... Thirdly, of the improvements of land, of what has been profitably laid out in clearing, draining, enclosing, manuring, and reducing it into the condition most proper for tillage and culture. ... , ... Fourthly, of the acquired and useful abilities of all the inhabitants or members of the society...* (WN, II.i.15-17).

A renda recebida pelo indivíduo é percebida como um conjunto de mercadorias recebidas. Esta é a mesma base que irá diferenciar as rendas originais das rendas derivadas, cujo exemplo dos juros remetem ao Capítulo VI do Livro I. O empréstimo bancário transfere poder de compra, mas não gera em si nenhuma nova mercadoria. O que gera a mercadoria é o trabalho humano e portanto apenas quando o poder de compra comanda trabalho e esse cria novas mercadorias é que emerge uma “renda real”, isto é, aquela renda que possui como contrapartida o somatório do valor de troca de um conjunto de mercadorias existentes. Conseqüentemente, os juros devem ser uma subtração desta renda real, ou da renda original, aquela que tem como contrapartida um conjunto de mercadorias de mesmo valor de troca.

Esta distinção, por sua vez, denota a concepção fundamental de Smith, herdada dos fisiocratas, de que a riqueza real é uma composição de mercadorias que podem ser consumidas sem diminuir o capital, e que as receitas recebidas são apenas uma expressão desta riqueza produzida, como pode ser atestado na seguinte passagem em que Smith defende o pensamento fisiocrático: “. . . [I]n representing the wealth of nations as consisting, not in the unconsumable riches of money, but in the consumable goods annually reproduced by the labour of the society. . . . its doctrine [the phisio- cratic] seems to be in every respect as just as it is generous and liberal”. (WN, IV.ix.38).

2.2 A identificação do capital circulante e a produção anual

Para a identificação do capital circulante social, Smith parte da teorização do caso individual para o agregado. O capital circulante de um produtor individual, tão logo seja transformado em um produto qualquer vendido no mercado, retorna ao mesmo como dinheiro, cuja maior parte é utilizada para repor as provisões e matérias-primas necessárias à produção.

Mas Smith propõe a identificação física do capital enquanto riqueza na forma de mercadoria, de matérias-primas, de alimentos. E nesse sentido o capital circulante em

sua forma física não retorna ao seu dono. O capital circulante enquanto um substrato físico está constantemente sendo retirado do estoque de capital e é necessário que um novo conjunto de mercadorias, um novo substrato material, seja adquirido para cumprir novamente o papel de capital circulante.

[The] circulating capital. . . , . . . is composed likewise of four parts:

First, of the money by means of which all the other three are circulated and distributed to their proper consumers:

Secondly, of the stock of provisions which are in the possession of the butcher, the grazier, the farmer, the corn-merchant, the brewer, &c. and from the sale of which they expect to derive a profit:

Thirdly, of the materials, whether altogether rude, or more or less manufactured, of cloaths, furniture, and building, which are not yet made up into any of those three shapes, but which remain in the hands of the growers, the manufacturers, the mercers and drapers, the timber-merchants, the carpenters and joiners, the brickmakers, &c.

Fourthly, and lastly, of the work which is made up and compleated, but which is still in the hands of the merchant or manufacturer, and not yet disposed of or distributed to the proper consumers; such as the finished work which we frequently find ready-made in the shops of the smith, the cabinet-maker, the goldsmith, the jeweller, the china-merchant, &c. (*WN*, II.i.19-22)

Nota-se que ao identificar os componentes do capital circulante, o autor não apenas especifica em que consiste tal capital circulante, sua forma física, mas também localiza-o ao longo do processo produtivo.

Observa-se que as matérias-primas e mantimentos, do momento em que são extraídos da terra em sua forma bruta, durante o processo de modificação a partir do trabalho humano e, finalmente, já sob forma de produto acabado a ser vendido pelo produtor ou por comerciantes, seguem exercendo a função de capital circulante. Apenas quando finalmente são alocados para o consumo ou para o estoque de capital fixo é que deixam de ser classificados como tal.

Tomemos como exemplo o trigo. Se o trigo fosse vendido a um consumidor final, e desta maneira reservado a suprir o consumo do mesmo, ele deixaria o estoque de capital circulante da sociedade para compor o estoque reservado ao consumo imediato. É claro que, para o fazendeiro, o capital circulante consistiria agora na moeda,

dinheiro, que utilizaria para repor as mercadorias que utiliza na função de capital circulante, e estas não teriam diminuído, mas “retornado” para ele em sua forma original. Mas Smith quer identificar a riqueza real, e não a “riqueza inconsumível do dinheiro”, e neste sentido, o trigo vendido deixou para sempre de cumprir sua função de capital circulante para aquele que o vendeu.

Entretanto, este mesmo trigo pode ainda desempenhar a função de capital circulante para a sociedade, caso fosse vendido, por exemplo, ao produtor de farinha. A farinha poderia então ser vendida ao padeiro, continuando assim a cumprir a função de capital circulante até que pudesse chegar à um consumidor final na forma de pão, deixando o capital circulante da sociedade para constituir parte do estoque reservado ao consumo imediato (para um exemplo das diversas etapas da produção do pão e a agregação de valor em cada etapa, ver *WN*, I.vi.11-12).

Portanto, a partir do exercício de identificação física do capital social circulante, Smith evita contabilizar duas vezes a mesma mercadoria na produção anual, e foca a análise apenas nos valores que cada etapa da produção vai agregando às mercadorias.

Of these four parts [of the circulating capital] three, provisions, materials, and finished work, are, either annually, or in a longer or shorter period, regularly withdrawn from it, and placed either in the fixed capital or in the stock reserved for immediate consumption. (*WN*, II.i.23) [colchetes adicionados]

Every fixed capital is both originally derived from, and requires to be continually supported by a circulating capital. (*WN*, II.i.24)

É a partir desse raciocínio que o autor define o “produto anual” da sociedade: todas as mercadorias que deixam o capital circulante e são adicionadas ao estoque reservado ao consumo imediato ou ao estoque de capital fixo.

2.2.1 As necessidades físicas de reprodução

Há também a identificação da reprodução física, tema que Smith encontra bastante dificuldade. Partindo da identificação do capital circulante e de sua constante subtração

para ser adicionado ao estoque reservado ao consumo imediato e ao estoque de capital, Adam Smith se pergunta:

So great a part of the circulating capital being continually withdrawn from it, in order to be placed in the other two branches of the general stock of the society; it must in its turn require continual supplies, without which it would soon cease to exist. (*WN*, II.i.27)

E logo responde:

These supplies are principally drawn from three sources, the produce of land, of mines, and of fisheries. These afford continual supplies of provisions and materials, of which part is afterwards wrought up into finished work, and by which are replaced the provisions, materials, and finished work continually withdrawn from the circulating capital. (*WN*, II.i.27)

A dinâmica que se estabelece entre o estoque de capital circulante por um lado, e os estoques de capital fixo e mercadorias reservadas ao consumo imediato por outro, parece poder ser descrita a partir de uma lógica linear. Inicia-se com a obtenção de mantimentos e matérias-primas da natureza que são incluídos no estoque de capital circulante e que finalmente atingem sua forma final, quando são utilizadas para sustentar o consumo ou são acrescentadas ao estoque de capital fixo⁵.

Entretanto, o próprio Smith identifica que a produção corrente da terra, das minas e da pesca requer uma riqueza previamente acumulada para ser consumida:

Land, mines, and fisheries, require all both a fixed and a circulating capital to cultivate them; *and their produce replaces with a profit, not only those capitals, but all the others in the society.* Thus the farmer annually replaces to the manufacturer the provisions which he had consumed and the materials which he had wrought up the year before; and the manufacturer replaces to the farmer the finished work which he had wasted and worn out in the same time. (*WN*, II.i.28)

Há a introdução do conceito de circularidade, de troca mútua. Mas embora seja correto afirmar que o excedente *físico* produzido no setor de alimentos e matérias primas deve ser suficiente não apenas para repor os alimentos e matérias-primas

⁵Esta concepção linear do caminho percorrido pelo capital circulante social rompe novamente com a mera extrapolação da identificação individual, na medida em que não há, a partir da identificação da natureza física do capital, uma circulação, mas a transformação de matérias-primas em bens finais.

utilizados em sua própria produção, como também em todos os demais, é incorreta a afirmação que os produtos da terra, das minas e da pesca repõem *com lucro* todos os demais. Há uma posterior hierarquização em que a terra é o “ingrediente básico” último:

Land even replaces, in part, at least, the capitals with which fisheries and mines are cultivated. It is the produce of land which draws the fish from the waters; and it is the produce of the surface of the earth which extracts the minerals from its bowels. (*WN*, II.i.28)

Há portanto uma inadequação do tratamento da reprodução física, que não é claramente diferenciado da reprodução em termos de valor. Esta inadequação ou falta de clareza, entretanto, é bastante natural dado que Smith não possui nem uma matriz insumo produto, em que os requisitos de reprodução tanto físicos quanto em termos de valor podem ser melhor visualizados, nem tampouco seu substituto na Economia Política Clássica, a teoria do valor trabalho.

Em suma, Smith identifica a necessidade de manufaturas previamente produzidas para extrair as matérias-primas e alimentos da terra e tangencia a circularidade dela implicada, mas não logra separar os requisitos físicos de reprodução dos requisitos de valor quando afirma que as matérias-primas devem substituir com lucro o capital de todos os outros setores.

Os limites quanto à apresentação dos requisitos de reprodução físicas a partir de uma matriz insumo produto em que as mercadorias são ao mesmo tempo insumos para outras (e para elas mesmas) e produtos finais em cujos insumos são adicionados para uma visão mais “linearizada” do processo afeta parcialmente a definição de produto anual de Smith, podendo estar associada à natureza híbrida de seu conceito, como veremos adiante.

2.3 Produto anual, Receitas Bruta e Líquida

No Capítulo II do Livro II, para demonstrar que a manutenção do capital implica em um custo para a sociedade, Smith especifica em que consiste a produção anual da

sociedade e de que forma a aquisição e manutenção do capital social demanda a utilização de parte da produção⁶.

Observamos na Seção 2.2 que a produção social envolve a transformação das matérias-primas em mercadorias acabadas, que deixam o capital circulante e são alocadas no capital fixo ou no estoque destinado ao consumo. Nessa concepção, o valor da produção agrícola, das minas e da pesca, é composto pela tríade salário-lucro-rendas e, à medida em que os produtos vão sendo beneficiados, agrega-se um valor adicional de salários e lucros a cada etapa do processo produtivo, até chegar em sua forma final, quando deixam o estoque do capital circulante.

No Capítulo VI do Livro I – que é retomado no início do Capítulo II do Livro II de que estamos tratando agora – Smith exemplifica para o caso do trigo:

In every society the price of every commodity finally resolves itself into some one or other, or all of those three parts; and in every improved society, all the three enter more or less, as component parts, into the price of the far greater part of commodities. (*WN*, I.vi.10)

In the price of corn, for example, one part pays the rent of the landlord, another pays the wages or maintenance of the labourers and labouring cattle employed in producing it, and the third pays the profit of the farmer. These three parts seem either immediately or ultimately to make up the whole price of corn... (*WN*, I.vi.11)

In the price of flour or meal, we must add to the price of the corn, the profits of the miller, and the wages of his servants; in the price of the bread, the profits of the baker, and the wages of his servants; and in the price of both, the labour of transporting the corn from the house of the farmer to that of the miller, and from that of the miller to that of the baker, together with the profits of those who advance the wages of that labour. (*WN*, I.vi.12)

O valor total das mercadorias que deixam o capital circulante durante o período de um ano correspondem à produção total daquele ano: “*the annual produce*”. Ao adicionarmos à perspectiva física da produção social, concebida durante a análise dos diferentes componentes da riqueza acumulada e das relações dinâmicas que se

⁶Mais de três quartos do Capítulo II do Livro II de *WN*, “*Of Money considered as a particular Branch of the general Stock of Society, or of the Expence of maintaining the national Capital*”, são dedicados a uma análise do funcionamento do sistema bancário, envolvendo os bancos, as funções desempenhadas por eles, seu modo de operação, os instrumentos financeiros utilizados (como contas depósito, desconto de notas, opções de compras, etc.), recomendações práticas acerca de uma conduta bancária prudente do ponto de vista privado, além da imposição de limites à atividade bancária com vistas a garantir a segurança e bom funcionamento do sistema de pagamentos.

estabelecem entre eles, a proposição de que o somatório das rendas agregadas corresponde ao somatório do valor das mercadorias produzidas, podemos compreender a definição de “*annual produce*”: todas as mercadorias que deixam o estoque de capital circulante e são alocadas nos estoques de capital fixo e de mercadorias reservadas ao consumo imediato⁷.

O conceito de “*annual produce*”, por sua vez, é identificado com o conceito de “*gross rent*”: “*The gross rent of all the inhabitants of a great country, comprehends the hole annual produce of their land and labour. . .*” (WN, II.ii.5).

Como parte das mercadorias que deixam o capital circulante devem ser adicionadas ao estoque de capital fixo e de moeda para repor o seu desgaste natural no processo produtivo, nem todo o “produto anual” estará disponível para o consumo caso se deseje manter inalterado o estoque de capital previamente acumulado. Consequentemente, a mercadoria aplicada na reposição do capital deixa de estar disponível para ser consumida de uma outra maneira. Esta subtração do estoque de mercadorias produzidas que, de outra forma, estariam disponíveis ao consumo imediato leva Smith a criar a diferenciação entre “receita bruta” e “receita líquida”. Isto é, se descontarmos parte da “produção anual” que deve ser utilizada na manutenção do capital, chegamos ao conceito de “renda líquida”:

. . .the neat revenue, what remains free to them after deducting the expence of maintaining; first, their fixed; and, secondly, their circulating capital; or what, without encroaching upon their capital, they can place in their stock reserved for immediate consumption, or spend upon their subsistence, conveniences, and amusements. Their real wealth too is in proportion, not to their gross, but to their neat revenue. (WN, II.ii.5)

Smith faz questão de deixar claro que nem todo “produto anual” pode ser con-

⁷Esta interpretação é distinta de O'Donnell (1990, p.29) e Vianello (1999) que definem “*annual produce*” como sendo o produto total bruto. Aspromourgos (2009) incorre no mesmo erro e concentra sua exposição na exclusão das adições ao capital fixo do conceito de renda líquida (“net revenue”). Nenhum dos autores analisados destaca a definição proposta. Uma opinião interessante é de Cannan (1903, p.75), quando afirma que “*When following his earlier or British train of thought, Adam Smith makes ‘produce’ exactly the same thing as ‘revenue’, or what we call ‘income’; it is the necessaries, conveniences and amusements which men actually enjoy plus any objects which they may add to their accumulated stock or capital. But when following his latter or physiocrat train of thought, as in Book II Chapter iii, he looks on the produce of a country as a mass of material objects.*”. O que se afirma na presente tese é que a definição de “annual produce” é a conjugação dessas duas visões: o somatório das rendas recebidas é igual à massa de mercadorias que deixa o capital circulante.

sumido sem que se diminua o estoque de capital. Deve-se descontar o custo de manutenção tanto do capital fixo quanto do capital circulante. Há referência indireta de que a diferença entre a renda bruta e a renda líquida possa ser localizada no lucro:

...[T]he price of every commodity necessarily resolves itself into some one, or other, or all of these three parts; every part of it which goes neither to rent nor to wages, being necessarily profit to somebody. (*WN*, II.i.1)

Ao equacionar “*Annual Produce*” ao total de mercadorias que deixam o estoque de capital circulante, ou seja, todos os bens finais mais as mercadorias utilizadas na reposição do desgaste do capital fixo e de moeda, Smith exclui apenas os bens intermediários relacionados ao capital circulante de sua contabilidade da produção, permanecendo aqueles relacionados ao capital fixo.

A distinção entre o custo social da manutenção do estoque de capital circulante e o custo social da manutenção do estoque de capital fixo só pode ser compreendida uma vez identificada esta natureza híbrida do conceito de “*annual produce*”.

O custo de manutenção do capital é medido pelo valor das mercadorias que deixam de ser consumidas para dar suporte ao estoque de capital.

The expence which is properly laid out upon a fixed capital of any kind, is always repaid with great profit, and increases the annual produce by a much greater value than that of the support which such improvements require. This support, however, still requires a certain portion of that produce. *A certain quantity of materials, and the labour of a certain number of workmen, both of which might have been immediately employed to augment the food, cloathing and lodging, the subsistence and conveniencies of the society, are thus diverted to another employment, highly advantageous indeed, but still different from this one.* (*WN*, II.ii.7) [ênfase adicionada]

Quer-se identificar a quantidade de mercadorias que devem ser utilizadas para manutenção do capital e que por isso não podem ser utilizadas para o consumo. A manutenção do capital nacional envolve, a princípio, o gasto na manutenção dos estoques de capital fixo e circulante. Sobre o estoque de capital fixo, Smith afirma:

The whole expence of maintaining the fixed capital, *must evidently be excluded from the neat revenue of the society.* Neither the materials necessary for supporting their useful machines and instruments of trade, their profitable buildings, &c. nor the produce of the labour necessary for fashioning those materials into the proper form, can ever make any part of it. (*WN*, II.ii.6) [ênfase adicionada]

Partindo da produção anual total, ou “receita bruta”, parte das mercadorias que deixam o capital circulante serão utilizadas para manter o capital fixo, seja diretamente na forma de matérias-primas seja indiretamente, provendo a subsistência dos trabalhadores⁸. Aquela parte que paga os salários poderá ser consumida e portanto entra na renda líquida. Já a parcela das matérias-primas que dão suporte ao capital fixo são incluídas na “renda bruta”, no produto anual, mas descontadas da renda líquida.

The price of that labour may indeed make apart of it; as the workmen so employed may place the whole value of their wages in their stock reserved for immediate consumption. But in other sorts of labour, both the price and the produce go to this stock, the price to that of the workmen, the produce to that of other people, whose subsistence, conveniencies, and amusements, are augmented by the labour of those workmen. (*WN*, II.ii.6)

É diferente para o caso do capital circulante, que a partir da perspectiva de Smith não gera um custo social:

But though the whole expence of maintaining the fixed capital is thus necessarily excluded from the neat revenue of the society, it is not the same case with that of maintaining the circulating capital. Of the four parts of which this latter capital is composed, money, provisions, materials, and finished work, the three last, it has already been observed, are regularly withdrawn from it, and placed either in the fixed capital of the society, or in their stock reserved for immediate consumption. Whatever portion of those consumable goods is not employed in maintaining the former, goes all to the latter, and makes a part of the neat revenue of the society. The maintenance of those three parts of the circulating capital, therefore, withdraws no portion of the annual produce from the neat revenue of the society, besides what is necessary for maintaining the fixed capital. (*WN*, II.ii.9)

Com exceção do dinheiro, Smith não identifica que a manutenção das demais partes do capital circulante acarrete um custo social pois nenhuma mercadoria será retirada do estoque de capital circulante e consumida em sua própria manutenção.

Though the whole goods in a merchant's shop must by no means be placed in his own stock reserved for immediate consumption, they may in that of other

⁸A dedução do gasto com a manutenção do capital fixo do computo da receita líquida da sociedade é algo “evidente” para Smith. Smith faz uso da identificação individual e extrapolação para o todo tanto como ferramenta analítica como retórica. Nesse caso, a exclusão da manutenção do capital fixo é evidente aos olhos de Smith devido ao procedimento análogo no caso individual. Quando o capitalista calcula a sua taxa de lucros, o faz descontando os custos de reposição tanto do capital circulante quanto do capital fixo. O caso do capital circulante não se mostra tão evidente devido principalmente à não correspondência da lógica individual em relação à lógica agregada, ou social: “*The circulating capital of a society is in this respect different from that of an individual*” (*WN*, II.ii.10).

people, who, from a revenue derived from other funds, may regularly replace their value to him, together with its profits, without occasioning any diminution either of his capital or of theirs. (*WN*, II.ii.10)

A diferença no custo de manutenção do estoque de capital fixo em relação ao estoque de capital circulante só pode ser compreendida a partir da natureza híbrida do conceito de “produto anual”. As matérias primas aparecem apenas como um substrato material em que se fixa o valor dos salários, dos lucros e das rendas da terra. Ou seja, as matérias primas são portadoras do valor adicionado pelo trabalho aplicado na sua produção. À medida que tais matérias primas permanecem no processo produtivo, sendo cada vez mais transformadas através do trabalho humano, novos valores vão sendo agregados até o momento em que finalmente deixam o estoque de capital circulante para serem alocadas no estoque reservado ao consumo ou no estoque de capital fixo. Consequentemente, todo o valor agregado permanece na mercadoria que deixa o capital circulante e terá seu exato correspondente na receita bruta. A manutenção do estoque de riqueza enquanto capital circulante, por sua vez, não implica na extração de nenhum conjunto de mercadorias do capital circulante, ou a subtração de um valor em relação ao valor total que deixa o capital circulante, não significando portanto nenhuma subtração da “receita líquida” (com a já mencionada exceção da moeda metálica). Já a manutenção do capital fixo implica na subtração de algumas mercadorias para este fim.

A assimetria que aparece entre a manutenção do estoque de capital fixo e do estoque de capital circulante resulta da não contabilização dos bens intermediários associados ao capital circulante no conceito de “produto anual”, ao mesmo tempo em que os bens intermediários ligados à manutenção do capital fixo são contabilizados.

A partir do conceito de “*annual produce*”, nem a reposição nem a adição de capital circulante aparecem como um custo social. Sabe-se que parte do trabalho e do estoque de mercadorias produzidos em uma sociedade, ao ser utilizado para aumentar e repor o estoque de capital circulante que dá suporte à produção, diminui a quantidade de mercadorias que poderiam ter sido consumidas no tempo presente. A reposição e adição ao estoque de capital circulante é análoga à reposição e adição ao estoque de

capital fixo, um custo real a partir da definição proposta pelo próprio Smith, de mercadorias produzidas que não podem ser imediatamente consumidas. Ao denominar de “produção anual total”, ou “receita bruta”, tudo aquilo que deixa o estoque de capital circulante, a ampliação do capital circulante não aparece na produção da sociedade e, portanto, não pode ser descontado da “receita líquida”.

Por fim, cabe a pergunta de porque Smith não teria chamado de produto anual (*annual produce*) apenas aquela parte da produção correspondente ao que poderia ser consumido, isto é, identificado o produto anual com sua “renda líquida” e não com a “renda bruta”. A crítica de Smith aos fisiocratas no que tange à exclusão do produto da classe estéril do computo do produto anual pode oferecer uma explicação. Ao chamar de produto anual apenas o somatório de rendas líquidas, ele poderia ter pensado incorrer no mesmo problema que os fisiocratas:

[It] seems, upon every supposition, improper to say, that the labour of artificers, manufacturers and merchants, does not increase the real revenue of the society. Though we should suppose, for example, as it seems to be supposed in this system, that the value of the daily, monthly, and yearly consumption of this class was exactly equal to that of its daily, monthly, and yearly production, yet it would not from thence follow that this labour added nothing to the real revenue, to the real value of the annual produce of the land and labour of the society. . . . But if the ten pounds worth of corn and other necessaries, which were consumed by the artificer, had been consumed by a soldier or by a menial servant, the value of that part of the annual produce which existed at the end of the six months, would have been ten pounds less than it actually is in consequence of the labour of the artificer. Though the value of what the artificer produces, therefore, should not at any one moment of time be supposed greater than the value he consumes, yet at every moment of time the actually existing value of goods in the market is, in consequence of what he produces, greater than it otherwise would be. (*WN*, IV.xi.32)

Portanto, pode ter parecido errado a Smith identificar o produto anual com sua “*net revenue*” mesmo tendo completa consciência de que parte das mercadorias do que denominou “produto anual” era necessária para repor o estoque de capital. Consequentemente, não se desenvolve a abstração de considerar que tais mercadorias foram consumidas no processo produtivo e devem ser descontadas da criação de riqueza real. O importante para Smith era “objetivar” a receita recebida em um conjunto de mercadorias, o que pode ter evitado que ele afirmasse que uma mercadoria que

existia, podendo ser tocada e percebida pelos sentidos, já havia sido consumida no processo produtivo, mesmo sabendo que para que o estoque de capital continuasse constante, ela deveria necessariamente retornar ao estoque de capital.

Smith exclui do conceito de “renda líquida” não apenas o custo de manutenção do estoque de capital, mas também adições a este estoque. Conseqüentemente, é preciso distinguir duas situações da economia: a reprodução simples, caracterizada pela mera reposição do estoque de capital e a reprodução ampliada, em que ocorre acumulação de capital.

Se considerarmos a reprodução simples, há equivalência entre a “receita líquida” e o consumo de bens finais, que corresponde à criação de riqueza nova, isto é, o equivalente moderno ao produto interno líquido. Esta é a conexão que Smith busca estabelecer com o Capítulo VI do Livro I, onde discute as partes componentes do valor de troca.

Já no caso de uma expansão do estoque de capital, perde-se a conexão entre a receita líquida e a riqueza nova estabelecida inicialmente. A receita líquida passa então a significar apenas a parcela da renda que pode ser consumida, correspondente ao conceito moderno de consumo agregado.

A narrativa do autor busca sublinhar a impossibilidade de consumir o mesmo bem duas vezes. Uma vez que se considera um conjunto dado de bens produzidos, o aumento da aplicação no estoque de capital fixo diminui o consumo e vice-versa. O foco é mostrar o “custo real” de manutenção do capital (coerentemente com o título do Capítulo II do Livro II).

Portanto, a equivalência moderna do conceito de receita líquida muda conforme se considera o estado da economia. Se está estacionário, a receita líquida corresponde exatamente à renda real recebida pelas pessoas, isto é, o valor total das mercadorias que compõem o produto anual menos a manutenção do capital. Mas quando há a passagem para a reprodução ampliada tal relação entre receita líquida e poder de consumir sem diminuir o capital é perdida por Smith ao excluir a acumulação de capital do conceito de “receita líquida”. Esta, passa a ser então apenas sinônimo de consumo

agregado, e é utilizada para destacar a oposição entre consumo e manutenção/aumento do capital a partir de um dado produto anual.

Tabela 1: Contabilidade Social em *WN*

	<i>Annual Produce</i> ou Renda Bruta	Renda Líquida
Definição de Smith	Todas as mercadorias que deixam o estoque de capital circulante	“Produto Anual” menos a manutenção e expansão do estoque de capital
Definições adicionais em <i>WN</i>	Riqueza real, valor total das mercadorias produzidas	Valor total das mercadorias que a sociedade pode consumir sem diminuir o estoque de capital
Equivalência Moderna se há Reprodução Simples	Produto Interno Bruto mais a reposição do capital fixo	Produto Interno Líquido (PIB descontado da depreciação do capital)
Equivalência Moderna se há Reprodução Ampliada	Produto Interno Bruto mais a reposição e ampliação do estoque de capital	Consumo Agregado

2.3.1 A utilização do conceito de “*annual produce*”

O termo “*annual produce*”, explicitamente identificado no Capítulo II do Livro II de *WN* aparece pela primeira vez ainda na “Introdução e plano da obra” (IPO.9) e é extensamente utilizado ao longo de toda *WN* em mais de cento e vinte ocasiões⁹. Encontram-se as seguintes variantes do termo: *annual produce of land and labour*, *annual produce of the labour*, *whole annual produce*, *whole annual produce of the labour*, *real value of the annual produce of land and labour*, *whole value of the annual produce of land and labour*, *whole price or exchangeable value of the annual produce of land and labour*¹⁰.

⁹O termo aparece uma vez na IPO, duas vezes no Capítulo VI, uma vez no Capítulo X e doze vezes no Capítulo XI do Livro I. Ele aparece quatorze, vinte e quatro, três e dezenove vezes nos capítulos dois, três, quatro e cinco do Livro II respectivamente. Não é utilizado no Livro III e aparece novamente trinta e oito vezes no Livro IV e onze vezes no Livro V.

¹⁰Smith demonstra atenção ao utilizar o termo *annual produce of labour* (*WN*, I.vi.17,24, I.x.c.19, I.xi.e.14,33) ao invés de *annual produce of land and labour* antes de discutir completamente a renda da

Na primeira significação do termo, “*annual produce of and and labour*” é equacionado à “*real wealth*” (IPO.9). Há ao longo de *WN* a repetida equivalência destes dois conceitos. Ainda no Livro I, o termo é repetidamente equacionado ao conceito de riqueza: *real wealth and riches* (I.xi.e.14), *wealth* (I.xi.e.33), *industry* (I.xi.m.18), *real wealth* (I.xi.m.21, I.xi.n.1). Há, ao longo de toda *WN*, um esforço para identificar as mercadorias produzidas como a riqueza real e, conseqüentemente, a produção das mercadorias como condição necessária para a riqueza de uma nação.

Como vimos na seção 2.3, a forma como Smith constrói o conceito de “produção anual” leva-o a incluir a reposição do capital fixo como riqueza real. A forma física em que se apresentam tais mercadorias ao deixar o estoque de capital circulante fazem com que o autor as inclua na riqueza real, mesmo tendo total consciência de que deverão necessariamente retornar ao estoque de capital para mantê-lo inalterado em relação ao período de produção que se encerra. Smith parece não ter claro que o valor da reposição do capital fixo já foi incluído no preço das mercadorias que deixam o capital circulante e que não são utilizadas para repor o capital. A expressão em valor de seu agregado de mercadorias identificada pelo conceito de “*annual produce*” envolve uma dupla contagem.

A resolução do preço de todas as mercadorias em salários, lucros e rendas-da-terra construídas no Capítulo VI do Livro I referem-se a este agregado híbrido.

As the price or exchangeable value of every particular commodity, taken separately, resolves itself into some one or other or all of those three parts; so that of all the commodities which compose the whole annual produce of the labour of every country, taken complexly, must resolve itself into the same three parts, and be parcelled out among different inhabitants of the country, either as the wages of their labour, the profits of their stock, or the rent of their land. (WN, I.vi.17) [itálicos adicionados]

É o “hibridismo” de seu conceito que explica a posterior diferenciação entre a “renda bruta” e a “renda líquida”. A natureza híbrida do produto anual torna-o uma grandeza próxima à receita total agregada, ao somatório de rendas, lucros e salários. A diferença é apenas a “manutenção” do capital fixo e do estoque de moeda. Esta

terra.

proximidade dificulta a interpretação das passagens em que Smith equaciona “produto anual” à riqueza real. A produção anual é composta por mercadorias que foram produzidas pelo trabalho, diferentemente do dinheiro, da moeda metálica e do poder de compra. Portanto, o total produzido para Smith, sua “receita bruta”, poderia ser chamado de riqueza real em oposição ao dinheiro, que apesar de dinheiro-mercadoria, tinha como função apenas permitir a troca das mercadorias. Vemos dessa forma que a equalização de riqueza real com o produto anual é perfeitamente justificável e lógica para atingir o objetivo de Smith de negar o mercantilismo (da maneira que o autor o define).

Há a identificação de produto anual com um complexo físico de mercadorias heterogêneas, a riqueza real da sociedade. A utilização do termo no Livro I, consequentemente, é compatível com a definição explícita proposta no Capítulo II do Livro II. Entretanto existem duas outras passagens em *WN* em que Smith utiliza o termo “*annual produce*” de maneira incompatível com tal definição.

A primeira passagem localiza-se no Capítulo III do Livro II, que trata especificamente do problema da acumulação de capital:

Though the whole annual produce of the land and labour of every country, is, no doubt, ultimately destined for supplying the consumption of its inhabitants, and for procuring a revenue to them; yet when it first comes either from the ground, or from the hands of the productive labourers, it naturally divides itself into two parts. One of them, and frequently the largest, is, in the first place, destined for replacing a capital, or for renewing the provisions, materials, and finished work, which had been withdrawn from a capital; the other for constituting a revenue either to the owner of this capital, as the profit of his stock; or to some other person, as the rent of his land. (WN, II.iii.4) [itálicos adicionados]

That part of the annual produce of the land and labour of any country which replaces a capital, never is immediately employed to maintain any but productive hands. It pays the wages of productive labour only. That which is immediately destined for constituting a revenue either as profit or as rent, may maintain indifferently either productive or unproductive hands. (WN, II.iii.5)

Na passagem supracitada, ao se referir ao total de mercadorias produzidas do ponto de vista de cada unidade produtora, Smith emprega o termo “produto anual”. Entretanto, para que tal utilização fosse correta seria necessário que o termo “*annual*

produce” significasse produto total bruto no sentido moderno, isto é, o somatório de todos os bens intermediários e finais¹¹.

Na passagem anteriormente citada, Smith utiliza o termo “*annual produce*” como um equivalente para mercadorias produzidas, sem mais qualificações. O foco era a divisão entre reposição de capital e receita disponível para o consumo, e não a definição do conceito de “produção anual”.

A segunda ocorrência de utilização do termo “*annual produce*” de maneira não compatível com a definição explícita encontra-se no Capítulo III do Livro IV. Smith utiliza o termo “*annual produce*” sem incluir a parte da reposição do capital fixo, isto é, sem estar em sua forma híbrida, e de forma mais coerente com a definição moderna:

If the exchangeable value of the annual produce, it has already been observed, exceeds that of the annual consumption, the capital of the society must annually increase in proportion to this excess. The society in this case lives within its revenue, and what is annually saved out of its revenue, is naturally added to its capital, and employed so as to increase still further the annual produce. If the exchangeable value of the annual produce, on the contrary, fall short of the annual consumption, the capital of the society must annually decay in proportion to this deficiency. The expence of the society in this case exceeds its revenue, and necessarily encroaches upon its capital. Its capital, therefore, must necessarily decay, and, together with it, the exchangeable value of the annual produce of its industry. (*WN*, IV.iii.c.15)

Novamente, tal utilização é imprópria. É impossível definir se Smith teria “esquecido” da própria definição de “*annual produce*”, ou, como é bastante mais provável, que quisesse destacar o que defendemos ser o principal ponto de *WN*, a importância do “balanço de consumo e investimento” ligado à produção, em oposição ao balanço de pagamentos associado ao acúmulo de reservas metálicas. Ao destacar seu ponto, pode não ter se preocupado com a definição exata de produto anual, utilizando-o no sentido mais geral de mercadorias novas produzidas.

Acreditamos que tais passagens não permitem ignorar a minuciosa definição de produto anual nos Capítulos I e II do Livro II. O que se pode afirmar é que nem sempre aplicou o termo de maneira coerente com sua própria definição.

¹¹Esta passagem fundamenta a opinião de O'Donnell (1990) e Vianello (1999) de que o autor identificava “*annual produce*” com o produto total bruto, isto é, incluía todos os bens intermediários em sua medida, diferentemente da leitura proposta nesta tese, que mostra que ao definir “*annual produce*” Smith excluiu os bens intermediários associados ao capital circulante.

2.4 Acumulação de capital

O principal conceito introduzido para o tratamento da acumulação de capital é o de “trabalho produtivo”. A partir desse conceito Smith divide os habitantes de um país em três grupos: os trabalhadores produtivos, os trabalhadores improdutos e aqueles que não executam nenhum trabalho. A distinção mais importante se dá entre os trabalhadores produtivos e os outros dois grupos:

Both productive and unproductive labourers, and those who do not labour at all, are all equally maintained by the annual produce of the land and labour of the country. (*WN*, II.iii.3)

O destaque da narrativa é dado pela diferença entre os trabalhadores produtivos e os improdutos, já que é natural que aqueles que não executam nenhum trabalho não possam gerar nova riqueza, apenas consumi-la (a centralidade do trabalho para produção de riqueza foi discutida na seção 1.1.1). A proposição é que na sociedade comercial apenas uma parte dos trabalhadores produzam as mercadorias que mantém toda a população.

A quantidade de trabalhadores produtivos, por sua vez, é *resultado* do processo de acumulação. Quanto maior o estoque de riqueza previamente acumulado na forma de capital, maior será o número de trabalhadores produtivos e maior será a geração de riqueza no ano seguinte. Mas a riqueza acumulada aplicada na produção corrente para empregar os trabalhadores produtivos é resultado da produção dos períodos passados. Como a produção do período corrente está dada pelo capital previamente acumulado, aparecem novamente os limites à alocação de uma dada riqueza entre consumo (trabalhadores improdutos e aqueles que não trabalham) e investimento (contratação de trabalhadores produtivos).

This produce [the annual produce], how great soever, can never be infinite, but must have certain limits. According, therefore, as a smaller or greater proportion of it is in any one year employed in maintaining unproductive hands, the more in the one case and the less in the other will remain for the productive, and the next year's produce will be greater or smaller accordingly; the whole annual produce, if we except the spontaneous productions of the earth, being the effect of productive labour. (*WN*, II.iii.3) [colchetes adicionados]

Como visto anteriormente, o conceito de “*annual produce*” abarca todas as mercadorias que deixam o capital circulante e garantem a subsistência e manutenção de toda a população. Todos aqueles que não contribuíram para o produto anual, por mais nobres que sejam seus trabalhos, são igualmente mantidos por este mesmo produto.

The sovereign, for example, with all the officers both of justice and war who serve under him, the whole army and navy, are unproductive labourers. They are the servants of the publick, and are maintained by a part of the annual produce of the industry of other people. Their service, how honourable, how useful, or how necessary soever, produces nothing for which an equal quantity of service can afterwards be procured. The protection, security, and defence of the commonwealth, the effect of their labour this year, will not purchase its protection, security, and defence, for the year to come. (*WN*, II.iii.4)

Portanto, com base nas passagens supracitadas, fica claro que ao utilizar o conceito de trabalho produtivo e trabalho improdutivo, Smith evidencia a existência de um limite para a geração de riqueza (dado pelos trabalhadores produtivos) em relação ao consumo dessa riqueza (dado pelos trabalhadores produtivos, improdutivos e os que não trabalham). Quanto maior for a proporção dos trabalhadores produtivos, maior será a diferença entre produção e consumo e, conseqüentemente, maior será o potencial de acumulação de capital e de posterior aumento na proporção de trabalhadores produtivos. Esta é a principal função de seu conceito, como é destacado pelo autor em sua introdução e plano da obra:

Whatever be the actual state of the skill, dexterity, and judgment with which labour is applied in any nation, the abundance or scantiness of its annual supply must depend, during the continuance of that state, upon the proportion between the number of those who are annually employed in useful labour, and that of those who are not so employed. The number of useful and productive labourers, it will hereafter appear, is every where in proportion to the quantity of capital stock which is employed in setting them to work, and to the particular way in which it is so employed. (*WN*, IPO.6)

Uma segunda questão é a forma como define especificamente o conceito de trabalhadores produtivos. Diferentemente das classes estéril e produtiva utilizadas pelos fisiocratas, os conceitos de trabalho produtivo e improdutivo de Smith incluem a manufatura e o comércio junto com a agricultura na geração de excedente, ao mesmo

tempo em que define um critério para excluir vários tipos de trabalho que não estão diretamente ligados a produção material da sociedade, por mais importante que sejam.

Entretanto, tal critério de exclusão está ligado à natureza física dos objetos:

There is one sort of labour which adds to the value of the subject upon which it is bestowed: There is another which has no such effect. The former, as it produces a value, may be called productive; the latter, unproductive labour. Thus the labour of a manufacturer adds, generally, to the value of the materials which he works upon, that of his own maintenance, and of his master's profit. The labour of a menial servant, on the contrary, adds to the value of nothing. Though the manufacturer has his wages advanced to him by his master, he, in reality, costs him no expence, the value of those wages being generally restored, together with a profit, in the improved value of the subject upon which his labour is bestowed. But the maintenance of a menial servant never is restored. A man grows rich by employing a multitude of manufacturers: He grows poor, by maintaining a multitude of menial servants. The labour of the latter, however, has its value, and deserves its reward as well as that of the former. But the labour of the manufacturer fixes and realizes itself in some particular subject or vendible commodity, which lasts for some time at least after that labour is past. It is, as it were, a certain quantity of labour stocked and stored up to be employed, if necessary, upon some other occasion. That subject, or what is the same thing, the price of that subject, can afterwards, if necessary, put into motion a quantity of labour equal to that which had originally produced it. The labour of the menial servant, on the contrary, does not fix or realize itself in any particular subject or vendible commodity. His services generally perish in the very instant of their performance, and seldom leave any trace or value behind them, for which an equal quantity of service could afterwards be procured. (*WN*, II.iii.1)

Por um lado, a definição do trabalho produtivo a partir de sua natureza física é coerente com o que Smith considera subsistência, isto é, a comida, vestimenta e moradia dos habitantes do país, que por sua vez demandam bens materiais.

To maintain and augment the stock which may be reserved for immediate consumption, is the sole end and purpose both of the fixed and circulating capitals. It is this stock which feeds, cloaths, and lodges the people. Their riches or poverty depends upon the abundant or sparing supplies which those two capitals can afford to the stock reserved for immediate consumption. (*WN*, II.i.26)

Por outro lado, a exclusão dos trabalhadores domésticos do conjunto de trabalhadores produtivos é coerente com sua definição de “*annual produce*” — todas as mercadorias que deixam o estoque de capital circulante para servir ao consumo ou à manutenção e acumulação de capital.

Mas a coerência com outras definições em *WN* não modificam a inadequação da forma específica como Smith define o trabalho produtivo e improdutivo. Para melhor compreender tal inadequação pode-se pensar que o serviço doméstico envolve um ato de produção (do trabalhador doméstico) e dois atos de consumo (de seu empregador e do próprio trabalhador). Já no caso da produção capitalista, existe um ato de produção (do trabalhador) e um ato de consumo (do trabalhador), sendo que a produção é maior que o consumo. Assim, no primeiro caso, temos o déficit de um consumo (dois consumos e uma produção) e no segundo caso temos o superávit do lucro. O que Smith faz é desconsiderar a produção do trabalhador doméstico e de certa forma o consumo desta produção e considerar apenas o consumo da subsistência do trabalhador doméstico. O resultado líquido é o mesmo, mas ele incorre na inadequação de excluir os serviços do computo do produto anual.

Cabe destacar que este “erro” pode estar relacionado com a dificuldade de estabelecer uma produção social finita e uma receita líquida a ela correspondente. Uma maneira mais fácil de perceber a finitude do produto social e, conseqüentemente, do somatório anual de lucros, salários e rendas da terra era identificar tal produto com uma quantidade dada de mercadorias físicas, passíveis de serem contadas, somadas e percebidas pelos sentidos.

2.4.1 Consumo e Investimento

A maior parte do Capítulo III do Livro II trata das decisões individuais de manter a riqueza aplicada como capital, assim como de expandir este estoque. Os capitalistas, ao reporem o capital fixo e circulante, garantem a manutenção do número de trabalhadores produtivos. A natureza humana garante que isto ocorra na grande maioria dos casos, de maneira que uma vez que a riqueza foi investida como capital, que ela não seja retirada e aplicada no consumo. Conseqüentemente, do ponto de vista da acumulação de capital, garante-se assim que o estoque de capital não diminua uma vez que tenha atingido certo patamar:

By what a frugal man annually saves, he not only affords maintenance to an

additional number of productive hands, for that or the ensuing year, but, like the founder of a publick workhouse, he establishes as it were a perpetual fund for the maintenance of an equal number in all times to come. The perpetual allotment and destination of this fund, indeed, is not always guarded by any positive law, by any trustright or deed of mortmain. It is always guarded, however, by a very powerful principle, the plain and evident interest of every individual to whom any share of it shall ever belong. (*WN*, II.iii.19)

Para que o estoque de capital seja aumentado é necessário que parte da riqueza gerada em um determinado período deixe de ser alocada no estoque destinado a suprir o consumo (ou seja poupada) para que seja alocada como capital. A adição de capital é uma dedução da receita líquida dos indivíduos. Mas de que forma se pode identificar o conceito de excedente na discussão sobre acumulação?

A partir da própria definição de capital de Smith: capital é uma riqueza acumulada que *é mais que suficiente para prover a subsistência* e que será aplicada para gerar uma receita ao seu dono (*WN*, II.i.2).

Como visto anteriormente, grande parte da classe trabalhadora — “*the labouring poor*” — ganha o suficiente apenas para subsistir, não sendo capaz de acumular um estoque de riqueza que possa ser utilizado para lhe proporcionar uma receita. Podem existir exceções, de modo que mesmo o trabalhador, se possui um salário considerável, pode manter trabalhadores produtivos, isto é, acumular capital, ou improduti- vos, aplicando o excedente de sua receita em consumo:

...[W]hen it comes into their hands, whatever part of it is over and above their necessary subsistence, may be employed in maintaining indifferently either productive or unproductive hands. (*WN*, II.iii.7)

Entretanto, a maior parte da acumulação será levada a cabo pelos proprietários de capital e terra. A proposição de que a acumulação de capital só pode ser fruto daquela parte da receita que excede a subsistência fica clara muito antes da análise da acumulação, na própria definição de capital, ou de um estoque acumulado de riqueza que, ao invés de ser utilizada para suprir o consumo imediato, é utilizado para empregar trabalhadores produtivos.

Tanto a manutenção de um patamar de capital acumulado quanto seu aumento são garantidos pela natureza humana. A manutenção de um determinado patamar de

capital se dá naturalmente, quando da reposição dos custos de produção. Já seu aumento envolve uma dedução de uma receita, ou “*revenue*” (termo original), e portanto uma decisão de consumir ou de poupar.

Considerações acerca da decisão de consumo ou poupança e sua relação com a natureza humana perfazem boa parte da análise acerca da acumulação de Smith. A relação entre poupança (não consumo) e investimento envolve o que hoje denominamos “Lei de Say”, e foi claramente proposta por Smith, como demonstrado abaixo.

É importante notar que os conceitos de “receita bruta” e “receita líquida” não são utilizados por Smith em sua discussão de acumulação. Esta característica reforça a tese que Smith tinha um correto entendimento sobre acumulação, como sendo retirada de uma parcela da produção nova que não era necessária para subsistência ou para reposição de capital. Os conceitos desenvolvidos ao analisar em que consistia o estoque de riqueza social e também ao discutir o custo do dinheiro não se mostraram diretamente aplicáveis ao problema da acumulação. A exceção já mencionada é a identificação prévia do “produto anual” com objetos materiais, que pode ter influenciado a forma específica como Smith definiu o “trabalho produtivo”.

2.4.2 Lei de Say ou Lei de Smith?

Capitals are increased by parsimony, and diminished by prodigality and misconduct. (*WN*, II.iii.19)

A afirmação acima está intimamente ligada à proposição explícita de que toda a renda recebida será gasta por seu dono:

In all countries where there is tolerable security, every man of common understanding will endeavour to employ whatever stock he can command in procuring either present enjoyment or future profit. If it is employed in procuring present enjoyment, it is a stock reserved for immediate consumption. If it is employed in procuring future profit, it must procure this profit either by staying with him, or by going from him. In the one case it is a fixed, in the other it is a circulating capital. A man must be perfectly crazy who, where there is tolerable security, does not employ all the stock which he commands, whether it be his own or borrowed of other people, in some one or other of those three ways. (II.i.30)

What is annually saved is as regularly consumed as what is annually spent, and nearly in the same time too; but it is consumed by a different set of people. (*WN*, II.iii.18)

Como consequência da proposição acima, afirmada de diferentes maneiras em duas passagens distintas, Smith conclui sinteticamente:

Whatever a person saves from his revenue he adds to his capital, and either employs it himself in maintaining an additional number of productive hands, or enables some other person to do so, by lending it to him for an interest, that is, for a share of the profits. (*WN*, II.iii.15)

Da proposição de que toda receita recebida é gasta, aliada com uma determinada proposição do funcionamento dos bancos, que permitem que o dinheiro não gasto por um indivíduo seja igualmente investido, Smith deriva a igualdade entre poupança e investimento, para utilizar termos contemporâneos.

Quanto menor for a proporção da receita, ou a proporção da riqueza anual produzida pela sociedade, alocada no estoque reservado ao consumo imediato, maior será a proporção desta mesma riqueza que será alocada como capital, empregando trabalhadores produtivos e aumentando a riqueza produzida do próximo período.

Mas como “*the labouring poor*” mal consegue receber o bastante para sua sobrevivência, as decisões mais relevantes são aquelas tomadas pelas classes proprietárias.

A interpretação é portanto inequívoca: o número de trabalhadores produtivos empregados por um determinado montante de riqueza acumulada é fruto das decisões de consumo ou aplicação de capital daqueles que, possuindo mais que o suficiente para sua subsistência, decidiram aplicar o excedente como uma fonte de receita. É por isso que a maior parte do capítulo discute a parcimônia e a prodigalidade.

2.5 Acumulação e abordagem do excedente

A teoria da acumulação de Adam Smith baseia-se, assim como as teorias da acumulação de Ricardo e Marx, na aplicação de parte do excedente produzido durante um determinado período na expansão do estoque de capital.

Buscou-se na presente reconstrução sublinhar que o primeiro passo tomado por Smith para tratar da acumulação foi analisar em que consistia o capital. Esta investigação, por sua vez, culmina numa visão acerca da reprodução econômica na qual há a identificação da produção total com o somatório das mercadorias que deixam o capital circulante, que mostrou-se não ser diretamente aplicável à análise da acumulação.

A noção de acumulação do Capítulo III do Livro II não é afetada pela diferenciação entre “receita líquida” e “receita bruta”. Smith retorna à análise individual e à própria definição de capital, onde já estava claro que a acumulação só pode advir daquela receita que é maior que o requisito de subsistência.

Finalmente, como Smith adota a identidade entre poupança e investimento (para utilizar uma terminologia moderna), grande parte da sua discussão sobre acumulação diz respeito à frugalidade *versus* a prodigalidade, ou à decisão de consumir ou não a riqueza adquirida. Da mesma maneira, os conceitos de trabalho produtivo e improdutivo visam separar aqueles que apenas consomem dos que também produzem, ao sublinhar os limites à acumulação determinados pelas necessidades de subsistência e por um produto social dado pela quantidade previamente acumulada de capital.

Capítulo 3

A teoria da distribuição de Smith

A interpretação usual acerca da teoria da distribuição de Adam Smith é sua incapacidade de perceber a interdependência das variáveis distributivas, cuja manifestação em Ricardo e Marx é a relação inversa entre salários e lucros. O embasamento último para esta interpretação seria o tratamento que Smith dá para a determinação da taxa de lucros como resultante da concorrência entre os capitais e portanto variando independentemente do salário real.

A leitura proposta do presente capítulo não apenas nega essa interpretação mas busca, a partir da análise textual, embasar a visão exatamente oposta, isto é, que se pode ler na teoria da distribuição de Smith a interdependência das variáveis distributivas implicada pela concepção de um produto social dado. Esta releitura parte da identificação da renda da terra — e não da taxa de lucros — como a variável distributiva residual em *WN*. Conseqüentemente, a interdependência das variáveis distributivas não se manifesta na relação salário-lucros e sim na relação entre renda da terra de um lado e salários e lucros do outro.

Como será demonstrado adiante, a diferença com Ricardo e Marx é consequência das hipóteses específicas que Smith elabora acerca da determinação da renda da terra e do salário nominal. A primeira hipótese é que o salário nominal é determinado a partir do preço do trigo ou do alimento que compõe a base da alimentação dos trabalhadores de um país. A segunda hipótese é que a renda da terra é a variável distributiva residual, o que mantém inalterado o preço do trigo quando varia a taxa de

lucros.

Essas duas hipóteses juntas tornam o salário real e a taxa de lucros independentes entre si e contribuiu para deixar oculta a coerência de sua teoria da distribuição com um princípio fundamental da abordagem clássica do excedente, qual seja, a impossibilidade de determinação independente das três variáveis distributivas uma vez que o produto social esteja dado.

3.1 Teoria de determinação dos Salários

A determinação do nível dos salários em Smith combina elementos institucionais específicos do mercado de trabalho com o mecanismo de interação entre quantidade ofertada, demandada e salários reais. Smith inicia seu capítulo afirmando que o trabalhador divide o produto de seu trabalho com aquele que lhe adianta o capital. A divisão que se estabelece dependerá dos termos acordados contratualmente entre trabalhadores e capitalistas.

What are the common wages of labour depends every where upon the contract usually made between those two parties, whose interests are by no means the same. The workmen desire to get as much, the masters to give as little as possible. The former are disposed to combine in order to raise, the latter in order to lower the wages of labour. (*WN*, I.viii.11)

Há, logo no início, uma análise do poder de barganha que cada lado possui. O poder de barganha da classe trabalhadora era diminuído por três fatores: em primeiro lugar, por serem mais numerosos tinham maior dificuldade de se organizar em torno de uma paralisação conjunta para pleitear melhorias nas condições de trabalho e aumentos salariais; em segundo lugar, tais reivindicações conjuntas e paralisações eram proibidas pelo Estado e violentamente reprimidas quando ocorriam; e, por fim, embora no longo prazo patrão e trabalhador dependessem igualmente um do outro, a necessidade deste último era muito mais premente e sua capacidade de suportar longas negociações em que o pagamento de salários fosse interrompido era pequena. Tal vantagem dos patrões faziam baixar os salários.

It is not, however, difficult to foresee which of the two parties [workman and masters] must, upon all ordinary occasions, have the advantage in the dispute, and force the other into a compliance with their terms. (*WN*, I.viii.12) [parenteses adicionado]

Portanto, a situação normal seria aquela em que o maior poder dos patrões determinaria o nível de salário mais baixo possível a ser pago. Tal salário, entretanto, não poderia ficar muito abaixo de um patamar mínimo:

But though in disputes with their workmen, masters must generally have the advantage, there is however a certain rate below which it seems impossible to reduce, for any considerable time, the ordinary wages even of the lowest species of labour. (*WN*, I.viii.14)

Sintetizando a argumentação, Smith afirma a existência um patamar mínimo de remuneração salarial, determinado a partir de restrições de ordem física e social. Em primeiro lugar, o trabalhador precisa comer, morar e se vestir para poder estar apto ao trabalho. O salário do trabalhador precisa ser suficiente para prover a subsistência de sua família, garantindo assim a reprodução dos trabalhadores enquanto classe. Em segundo lugar, tal patamar mínimo não é apenas físico, e Smith identifica um componente social na determinação do padrão de consumo, que foi historicamente estabelecido e que torna inaceitável o consumo abaixo de certos níveis, mesmo para aqueles tipos de trabalho que constituem a base da remuneração da classe trabalhadora¹.

But in the present times, through the greater part of Europe, a creditable daylabourer would be ashamed to appear in publick without a linen shirt, the want of which would be supposed to denote that disgraceful degree of poverty, which, it is presumed, no body can well fall into without extreme bad conduct. Custom, in the same manner, has rendered leather shoes a necessary of life in England. The poorest creditable person of either sex would be ashamed to appear in publick without them. In Scotland, custom has rendered them a necessary of life to the lowest order of men; but not to the same order of women, who may, without any discredit, walk about bare-footed. In France, they are necessaries neither to men nor to women; the lowest rank of both sexes appearing there publicldy, without any discredit, sometimes in

¹No Capítulo X "*Of Wages and Profit in the different Employments of Labour and Stock*" há uma discussão acerca da estrutura salarial e de seus condicionantes. Smith acreditava que a estrutura salarial, isto é, as diferenças entre o que ganha o trabalhador mais básico e os demais, era relativamente constante no tempo, não sendo afetada pelo aumento, estagnação ou declínio da riqueza da sociedade. Ademais, tal estrutura resultaria da concorrência no mercado e levaria em consideração as diferenças entre cada tipo de trabalho.

wooden shoes, and sometimes bare-footed. Under necessities therefore, I comprehend, not only those things which nature, but those things which the established rules of decency have rendered necessary to the lowest rank of people. (*WN*, V.ii.k.3)

Os elementos institucionais descritos acima prevalecem em condições normais, ou “*upon all ordinary occasions*”. Smith tipifica três condições para a economia de uma sociedade: a estagnação, o contínuo aumento da riqueza e o declínio da riqueza. O crescimento contínuo (embora lento) da riqueza era considerada a condição normal na “sociedade comercial”. Nela, o salário é fixado (um pouco) acima do nível da subsistência devido ao aumento do poder de barganha dos trabalhadores.

When in any country the demand for those who live by wages; labourers, journeymen, servants of every kind, is continually increasing; when every year furnishes employment for a greater number than had been employed the year before, the workmen have no occasion to combine in order to raise their wages. The scarcity of hands occasions a competition among masters, who bid against one another, in order to get workmen, and thus voluntarily break through the natural combination of masters not to raise wages. (*WN*, I.viii.17)

Essa condição de expansão contínua, embora excepcional quando comparada ao regime de produção feudal, era uma característica normal do capitalismo. Smith acreditava que em uma sociedade comercial próspera os salários reais permaneceriam em patamar superior à subsistência², e portanto deixariam de ser regulados pelo patamar mínimo de subsistência, como acreditava ser o caso inglês.

In Great Britain the wages of labour seem, in the present times, to be evidently more than what is precisely necessary to enable the labourer to bring up a family. . . . There are many plain symptoms that the wages of labour are no-where in this country regulated by this lowest rate which is consistent with common humanity. (*WN*, I.viii.28)

Por outro lado, em uma sociedade em que a riqueza estivesse diminuindo:

²Não há discussão explícita acerca do grau que o salário se eleva além do salário de subsistência. Entretanto, Smith estabelece que um aumento salarial acarreta em uma queda do lucro, ao mesmo tempo que não há qualquer menção ao aumento salarial como obstáculo à acumulação. Conseqüentemente, pode-se afirmar que Smith não considerava que o aumento salarial fosse elevado o suficiente para comprometer a acumulação de capital

Every year the demand for servants and labourers would, in all the different classes of employments, be less than it had been the year before. Many who had been bred in the superior classes, not being able to find employment in their own business, would be glad to seek it in the lowest. The lowest class being not only overstocked with its own workmen, but with the overflowings of all the other classes, the competition for employment would be so great in it, as to reduce the wages of labour to the most miserable and scanty subsistence of the labourer. Many would not be able to find employment even upon these hard terms, but would either starve, or be driven to seek a subsistence either by begging, or by the perpetration perhaps of the greatest enormities. (*WN*, I.viii.26)

E conclui seu argumento:

The liberal reward of labour, therefore, as it is the necessary effect, so it is the natural symptom of increasing national wealth. The scanty maintenance of the labouring poor, on the other hand, is the natural symptom that things are at a stand, and their starving condition that they are going fast backwards. (*WN*, I.viii.27)

A oferta de trabalhadores é determinada pelo contingente populacional, enquanto a quantidade demandada de trabalhadores depende da quantidade de capital acumulado e da tecnologia de produção, ou das proporções em que são combinados capital e trabalho em cada setor. Smith busca enfatizar, por diversas vezes, que não é a quantidade total capital o determinante da elevação do salário, e sim sua expansão contínua.

It is not the actual greatness of national wealth, but its continual increase, which occasions a rise in the wages of labour. It is not, accordingly, in the richest countries, but in the most thriving, or in those which are growing rich the fastest, that the wages of labour are highest. (*WN*, I.viii.22)

A relação entre a *velocidade* de acumulação de capital e o aumento do *patamar* de salários reais deve-se ao aumento do crescimento populacional que acompanha o aumento de salários reais e que impede que haja uma oferta insuficiente de mão de obra que obstaculize a acumulação de riquezas no processo de desenvolvimento econômico³. Desta maneira, à medida em que o salário aumenta, aumenta a velocidade de reprodução dos trabalhadores.

³A insuficiência de mão de obra pode acontecer como consequência do esgotamento das terras disponíveis à agricultura, que limitem a quantidade máxima de alimentos que pode ser produzida em um país e conseqüentemente sua população. Mesmo assim, Smith cita o exemplo da Holanda onde há a importação de grãos, permitindo sustentar uma população maior que a produção agrícola de seu próprio território.

Smith discute o mecanismo de transmissão, que se dá através de mudanças nas taxas de mortalidade das crianças. Se o salário é mais liberalmente remunerado, as crianças das classes mais pobres são providas com maiores recursos e cuidados, sobrevivendo uma maior proporção delas como consequência. Já no caso de um salário mais próximo ao patamar mínimo de subsistência, mais crianças morrem antes de chegar ao mercado de trabalho. Ocorre, conseqüentemente, um arrefecimento do crescimento demográfico, ou até um decréscimo populacional, no caso de uma sociedade com riqueza e capital declinante:

But poverty, though it does not prevent the generation, is extremely unfavourable to the rearing of children. The tender plant is produced, but in so cold a soil and so severe a climate, soon withers and dies. It is not uncommon, I have been frequently told, in the Highlands of Scotland for a mother who has borne twenty children not to have two alive. (*WN*, I.viii.38)

O mecanismo de ajuste é o efeito do salário real no crescimento demográfico e deste no mercado de trabalho, que demora alguns anos para se efetivar devido ao lapso temporal entre o nascimento e a aptidão para o trabalho.

Uma possível ressalva ao raciocínio de Smith apontaria para a baixa velocidade de ajuste da oferta à demanda, pois mesmo no caso de diminuir a mortalidade de crianças transcorreria um período de no mínimo dez anos até que se aumentasse a oferta de trabalho. Mas qualquer ambigüidade ou dificuldade introduzida por este longo período de ajustamento é eliminada, ao menos na narrativa, quando Smith identifica a dinâmica de definição do preço do trabalho à dinâmica de qualquer outra mercadoria.

If this demand [for labour] is continually increasing, the reward of labour must necessarily encourage in such a manner the marriage and multiplication of labourers, as may enable them to supply that continually increasing demand by a continually increasing population. If the reward should at any time be less than what was requisite for this purpose, the deficiency of hands would soon raise it; and if it should at any time be more, their excessive multiplication would soon lower it to this necessary rate. The market would be so much under-stocked with labour in the one case, and so much over-stocked in the other, as would soon force back its price to that proper rate which the circumstances of the society required. It is in this manner that the demand for men, like that for any other commodity, necessarily regulates the production of men; quickens it when it goes on too slowly, and stops it when it advances too fast. (*WN*, I.viii.40)

Se a dinâmica de ajustamento é a mesma para o trabalho e para as mercadorias, poder-se-ia dizer o mesmo em relação ao salário mínimo de subsistência e o preço natural? Em primeiro lugar, Smith não estabelece essa conexão, mas de fato existem algumas semelhanças. Pode-se inferir que o patamar mínimo de subsistência, mesmo incluindo o componente social, está para Smith bem próximo do limiar de subsistência físico, adicionando a este alguns poucos bens citados por Smith (uma camisa, um par de sapatos, etc.). Portanto, tal patamar mínimo estaria definido em uma sociedade estacionária e seria o estritamente suficiente para reproduzir os trabalhadores enquanto classe. No caso de uma sociedade em que avança a riqueza, os salários de mercado permaneceriam acima do mínimo de subsistência enquanto a expansão continuasse. Já em uma sociedade em cuja riqueza estivesse diminuindo, o salário mal cobriria o mínimo físico, deixando os trabalhadores em condição miserável.

O patamar mínimo de subsistência, portanto, em que pese seu componente social, e até, em menor medida, seu componente físico, não possui uma definição absoluta e é determinado em cada contexto histórico e geográfico. O patamar mínimo de subsistência é lentamente modificado com o passar do tempo, podendo aproximar-se ou distanciar-se do mínimo estritamente físico⁴. O componente social do salário de subsistência introduz um elemento de permanência que pode alterar o próprio salário mínimo de subsistência ao longo do tempo. Se o salário real mantém-se durante muitos anos em patamar elevado, há uma elevação do padrão de consumo mínimo socialmente aceitável. Constata-se ainda que mesmo esse grau de subsistência acima do limiar físico no século XVIII traduzia-se num padrão de consumo extremamente baixo para os parâmetros contemporâneos: uma peça de roupa mais elaborada, um par de sapatos de couro, etc.. Assim, as únicas relações que podem ser generalizadas sem se conhecer outras variáveis históricas e institucionais são entre o excesso da quantidade demandada e o salário real e, entre o salário real e o crescimento populacional, de forma a resultar na dinâmica descrita acima.

⁴Stirati (1994) faz uma apresentação detalhada da teoria do salário de Adam Smith, destacando também o componente histórico no nível mínimo de subsistência.

Ademais, o salário pode permanecer em um patamar acima do salário de subsistência por tempo indeterminado — caso haja uma expansão contínua da quantidade demandada de trabalhadores — devido ao longo tempo de ajustamento da quantidade ofertada de trabalho a quantidade demandada de trabalho. Esta é uma diferença marcante em relação ao caso geral das mercadorias.

Por fim, a taxa natural de salário goza, na teoria de Smith, de uma independência das outras duas variáveis distributivas, referindo-se exclusivamente ao mercado de trabalho e ao patamar mínimo de subsistência. Ou seja, não há influência na definição do salário real nem da renda da terra nem da taxa de lucros.

Foi discutido o conceito de salário de subsistência e a determinação do salário real a partir de fatores institucionais e relacionados à quantidade ofertada e demandada de trabalhadores. A próxima seção discute a composição da cesta de consumo que dos trabalhadores e como alterações no preço desses bens modifica o valor nominal dos salários.

3.1.1 Bens necessários e “bens de luxo”

Para Smith, tanto a quantidade ofertada e demandada de trabalhadores quanto o mínimo de subsistência definem um patamar para o salário real. Consequentemente, um aumento do preço dos componentes da cesta de consumo dos trabalhadores resultará em um aumento do salário nominal de maneira a deixar o salário real constante.

The money price of labour is necessarily regulated by two circumstances; the demand for labour, and the price of the necessaries and conveniencies of life. (*WN*, I.viii.52)

As the wages of labour are every where regulated, partly by the demand for it, and partly by the average price of the necessary articles of subsistence; whatever raises this average price must necessarily raise those wages, so that the labourer may still be able to purchase that quantity of those necessary articles which the state of the demand for labour, whether increasing, stationary, or declining, requires that he should have. (*WN*, V.ii.k.4)

Smith não define, entretanto, no Capítulo VIII do Livro I, “Of the wages of labour” quais seriam esses “*necessaries and conveniences of life*”. É apenas na sua discussão acerca da tributação no Livro V que podemos encontrar uma descrição mais precisa:

Consumable commodities are either necessaries or luxuries. By necessaries I understand, not only the commodities which are indispensably necessary for the support of life, but whatever the custom of the country renders it indecent for creditable people, even of the lowest order, to be without . . . , . . . All other things, I call luxuries; without meaning by this appellation, to throw the smallest degree of reproach upon the temperate use of them. (*WN*, V.ii.k.2-3)

O salário real é definido a partir de um subconjunto dos bens consumidos pela classe trabalhadora. Apenas os bens necessários, aqueles indispensáveis ao suporte da vida e cujos costumes sociais determinam que seria indecente viver sem eles mesmo para os trabalhadores mais simples, balizam o salário real. Os “bens de luxo” consumidos pelos trabalhadores mais simples podem ter seus preços majorados, sem que isso afete o salário nominal.

Conseqüentemente, podemos dividir a cesta de consumo da classe trabalhadora em duas partes: os bens necessários — que comportam não apenas aqueles bens associados à subsistência física mas também aqueles associados aos padrões sociais mínimos de consumo — e os “bens de luxo” da classe trabalhadora, isto é, aqueles que não se enquadram na tipificação anterior.

Podemos reconstruir a partir de diversas passagens de *WN* uma cesta de consumo dos trabalhadores bastante diversificada. Os “bens de luxo” consumidos pelos trabalhadores incluem vários tipos de cerveja, tabaco, açúcar, chá, etc. (*WN*, V.ii.k.3) e variam de acordo com o local e a época. Os bens necessários englobam tanto as necessidades físicas quanto aquelas socialmente construídas e incluem roupas (casacos, camisas) de linho e algodão, sapatos de couro, carvão, moveis de madeira, utensílios domésticos de metal, talheres, pratos, janelas de vidro (*WN*, I.i.11), sabão, sal, velas (*WN*, I.viii.35), moradias simples (*WN*, I.xi.c.6) e principalmente alimentos, com destaque para o trigo, os componentes exatos podendo variar também temporal e geograficamente. Qualquer alteração no preço dos bens necessários leva a uma alteração do salário nominal de maneira a manter o salário real constante, enquanto

alterações nos preços dos “bens de luxo” não tem o mesmo efeito.

Constata-se que o salário nominal dos trabalhadores é definido a partir de uma cesta diversificada de consumo, que se altera quando variam os preços do subconjunto referente aos bens necessários.

It is thus that a tax upon the necessaries of life, operates exactly in the same manner as a direct tax upon the wages of labour. The labourer, though he may pay it out of his hand, cannot, for any considerable time at least be properly said even to advance it. (*WN*, V.ii.k.5)

It is otherwise with taxes upon what I call luxuries; even upon those of the poor. The rise in the price of the taxed commodities, will not necessarily occasion any rise in the wages of labour. A tax upon tobacco, for example, though a luxury of the poor as well as of the rich, will not raise wages. (*WN*, V.ii.k.6)

Smith, em uma passagem que trata do aumento de preços decorrente de um imposto sobre os bens necessários, chegou a considerar um efeito secundário causado pelo impacto inicial do aumento de salários nos preços dos bens necessários, devendo novamente ser compensado por um aumento salarial:

Taxes upon necessaries, so far as they affect the labouring poor, are finally paid, partly by landlords in the diminished rent of their lands, and partly by rich consumers, whether landlords or others, in the advanced price of manufactured goods; and always with a considerable over-charge. The advanced price of such manufactures as are real necessaries of life, and are destined for the consumption of the poor, of coarse woollens, for example, must be compensated to the poor by a farther advancement of their wages. (*WN*, V.ii.k.9)

Muito embora Smith tenha adotado uma teoria da determinação dos salários que possuía diversos elementos e uma certa sofisticação, ao tratar de questões teóricas, faz por diversas vezes uma hipótese simplificadora de considerar o salário nominal inteiramente “indexado” ao preço do trigo, como se os trabalhadores consumissem apenas o trigo. A análise da presente seção nos permite eliminar a hipótese de que Smith acreditava que os trabalhadores consumissem apenas trigo. O significado de sua simplificação é o objeto da próxima seção.

3.1.2 A simplificação do “salário trigo”

Na citação abaixo, Smith estabelece a relação entre salário real e salário nominal unicamente a partir do preço do trigo:

[Corn] regulates the money price of labour, which must always be such as to enable the labourer to purchase a quantity of corn sufficient to maintain him and his family either in the liberal, moderate, or scanty manner in which the advancing, stationary or declining circumstances of the society oblige his employers to maintain him. (*WN*, IV.v.a.11)

A justificativa que podemos encontrar para tal simplificação em *WN* é que Smith afirma que, apesar de outros produtos fazerem parte da cesta de consumo, a maior parcela dos salários dos trabalhadores é gasta em alimentos e, dentre os alimentos, o trigo possui a maior participação:

When food is provided, it is easy to find the necessary cloathing and lodging. But though these are at hand, it may often be difficult to find food. In some parts even of the British dominions what is called A House, may be built by one day's labour of one man. The simplest species of cloathing, the skins of animals, requires somewhat more labour to dress and prepare them for use. They do not, however, require a great deal. (*WN*, I.xi.c.6)

Dentre a parcela majoritária dos alimentos, não apenas o trigo é o alimento base da dieta inglesa, como também, como veremos na seção 3.2.2, o preço do trigo estava conectado ao preço de vários outros alimentos, de maneira que embora não fosse composta apenas de trigo, a cesta de alimentos consumida pelos trabalhadores estava majoritariamente “indexada” ao preço do trigo.

Consequentemente, o gasto no grupo dos não alimentos (manufaturas e alguns produtos da terra necessários à moradia, por exemplo) corresponde a uma parcela reduzida da renda anual do trabalhador. Adicionalmente, o preço do trigo, afeta também o preço nominal das manufaturas.

Portanto, a grande participação dos alimentos nos gastos totais em bens necessários, assim como a teoria da renda de Smith conectando o preço do trigo ao preço de outros alimentos por um lado (ver seção 3.2.2) e a baixa participação dos produtos manufaturados, que também são afetados pelo preço do trigo, confeririam ao preço

do trigo a propriedade de “indexador” preponderante dos gastos dos trabalhadores e explicaria porque, apesar de descrever uma cesta de consumo bastante diversificada para os trabalhadores, Smith em alguns momentos utiliza o preço do trigo como único indexador para a determinação do salário nominal, fazendo parecer que considerava a cesta de consumo composta apenas por trigo.

3.2 A teoria de determinação das rendas

Os pressupostos nos quais Smith se baseia em sua discussão acerca da determinação da renda da terra possuem peculiaridades que colocam as interações entre as quantidades ofertadas e demandadas dos produtos da terra em segundo plano como mecanismos explanatórios. Não obstante, Smith enuncia e organiza a narrativa do Capítulo XI do Livro I, “*Of the Rent of Land*”, a partir de tais interações, opção que dificulta a compreensão de sua teoria da renda.

No início do capítulo há a definição do que o autor considera ser a taxa normal (ou natural) de renda da terra, identificando-a como uma remuneração de caráter completamente distinto dos salários do trabalho e do lucro do capital, não sendo proporcional ao trabalho despendido ou ao montante de capital aplicado (*WN*, I.xi.a.1-5).

The rent of land, therefore, considered as the price paid for the use of the land, is naturally a monopoly price. It is not at all proportioned to what the landlord may have laid out upon the improvement of the land, or to what he can afford to take; but to what the farmer can afford to give. (*WN*, I.xi.a.5)

A renda da terra é identificada como aquela parte do preço da produção que excede o pagamento dos custos salariais e do lucro do capitalista. A existência da renda e sua amplitude é explicada a partir da quantidade demandada que permite ou não que o preço se eleve acima dos custos com os salários e com o lucro.

There are some parts of the produce of land for which the demand must always be such as to afford a greater price than what is sufficient to bring them to market; and there are others for which it either may or may not be such as to afford this greater price. The former must always afford a rent to the landlord. The latter sometimes may, and sometimes may not, according to different circumstances. (*WN*, I.xi.a.7)

O Capítulo XI do Livro I é então dividido a partir dos diferentes produtos e diferentes demandas a eles associadas, capazes ou não de elevar seus preços acima dos demais custos:

The particular consideration, first, of those parts of the produce of land which always afford some rent; secondly, of those which sometimes may and sometimes may not afford rent. . . (WN, I.xi.a.9)

A organização do capítulo proposta pelo autor divide os produtos nos quais a produção envolve o pagamento direto da renda da terra em dois grandes grupos: os alimentos e as matérias-primas. Os primeiros, por sempre haver demanda pelos mesmos, permitem o pagamento de uma renda e os segundos podem permitir ou não, de acordo com as circunstâncias gerais da sociedade. Esta divisão binária torna opaca a existência de três mecanismos diferentes na determinação da renda da terra presentes na argumentação do Capítulo XI do Livro I de WN, a partir dos quais é possível associar três conjuntos de produtos: i) a determinação de uma renda residual paga nas terras em que se produz o trigo; ii) a determinação da renda nas terras em que se produzem outros alimentos e matérias-primas que podem ser plantadas, cultivadas ou criadas nas terras produtoras de trigo e; iii) a determinação de uma renda diferencial paga aos donos das minas.

Consequentemente, o item i) e parte do item ii) encontram-se fundidos na seção “*Of the Produce of Land wich always affords Rent*” (WN, I.xi.b) e parte do item ii) e o item iii) estão contidos na seção “*Of the Produce of Land which sometimes does, and sometimes does not, afford rent*” (WN, I.xi.c). A correta separação dos mecanismos específicos que atuam na determinação da renda da terra de cada um deste conjunto de bens é fundamental para interpretar as conclusões e afirmações de Smith acerca da determinação da renda da terra.

3.2.1 A renda paga na produção de trigo

Smith introduz sua discussão acerca dos determinantes do nível da renda da terra na produção de alimentos com a seguinte afirmação: “*As men, like all other animals,*

naturally multiply in proportion to the means of their subsistence, food is always, more or less, in demand" (WN, I.xi.b.1).

A afirmação faz referência aos alimentos em termos amplos. Mas como ficará claro na próxima seção, para todos os outros alimentos que não o trigo, soma-se a esta afirmação geral mecanismos bem mais específicos, minuciosamente dissecados e que explicam as interações entre quantidade demandada, quantidade levada ao mercado e preços, que se inserem perfeitamente na discussão dos preços naturais do Capítulo VII do Livro I e no mecanismo de concorrência ali proposto. Mas para o trigo não há mecanismo bem definido que explique a adequação entre quantidade ofertada e demandada, apenas alusão a uma tendência natural que os homens se reproduzem em proporção ao alimento produzido (ver também WN, I.xi.e.28).

Como as pessoas se multiplicam em proporção à oferta de alimentos, haverá sempre alguma demanda para estes alimentos: "*It [food] can always purchase or command a greater or smaller quantity of labour, and somebody can always be found who is willing to do something, in order to obtain it*" (WN, I.xi.b.1).

Smith afirma que mesmo as piores terras da Escócia e Noruega são capazes de produzir alguma espécie de pasto no qual os animais podem se alimentar, e constata que quase toda terra é capaz de produzir alimento em quantidade superior àquela utilizada para alimentar os trabalhadores responsáveis por tal produção, gerando assim um excedente em termos de alimento. Consequentemente, praticamente toda terra é capaz de prover ao seu dono uma renda ao ser capaz de "comprar" uma determinada quantidade de trabalho a partir de sua produção natural. A quantidade de alimento produzido aumenta com a fertilidade da terra e uma terra mais fértil não só produz mais alimento como demanda menos cuidados, resultando assim em um excedente maior⁵ (WN, I.xi.b.1-3).

O cultivo do trigo surge então como um exemplo específico que, dada sua elevada produtividade, possui a peculiaridade de produzir uma quantidade de alimento exce-

⁵Há também variação da renda de acordo com a localização das terras, pois as terras distantes dos mercados consumidores têm de arcar com maiores custos de transportes, que consomem parte do excedente gerado, sobrando assim uma proporção menor do excedente para a renda (WN, I.xi.b.4).

dente muito maior do que outras culturas e implica no pagamento de uma renda da terra mais elevada.

A corn field of moderate fertility produces a much greater quantity of food for man, than the best pasture of equal extent. Though its cultivation requires much more labour, yet the surplus which remains after replacing the seed and maintaining all that labour, is likewise much greater. (*WN*, I.xi.b.6)

Embora o trigo possua um preço de mercado que, assim como das demais mercadorias, sofre oscilações devido a alterações entre as quantidades demandadas e ofertadas (como discutido no Capítulo VIII do Livro I, parágrafos 52-56), para a determinação da renda da terra e do preço natural do trigo em relação às demais mercadorias não há qualquer papel para a quantidade demandada ou ofertada de trigo. Tal característica evidencia-se quando o autor discute possíveis candidatos a substituir o trigo como base da alimentação da Grã-Bretanha (*WN*, I.xi.b.35-42).

Caso outro alimento cumprisse a mesma função de base da alimentação dos trabalhadores, a maior parte das terras do país seriam cultivadas com tal alimento e a produtividade em seu cultivo seria a relevante na determinação do nível de renda geral. Novamente a variável mais importante é a produtividade física no cultivo do alimento base ao determinar, dadas as demais condições, um nível de renda independente dos preços relativos, das demais terras e de suas produtividades.

If in any country the common and favourite vegetable food of the people should be drawn from a plant of which the most common land, with the same or nearly the same culture, produced a much greater quantity than the most fertile does of corn, the rent of the landlord, or the surplus quantity of food which would remain to him, after paying the labour and replacing the stock of the farmer together with its ordinary profits, would necessarily be much greater. (*WN*, I.xi.b.36)

Além de ser aquele que ocupa a maior extensão das terras cultivadas de um país, o alimento comum e favorito da população possui uma característica distintiva em relação à todas as outras mercadorias: é a principal mercadoria a compor a cesta de consumo dos trabalhadores. Nas passagens seguintes, em que Smith discute a possibilidade de o trigo ser substituído por outros alimentos, fica clara a preocupação

em explicitar que a validade de suas conclusões dependia da hipótese de que os trabalhadores consumissem principalmente o produto em questão:

In those rice countries, therefore, where rice is the common and favourite vegetable food of the people, *and where the cultivators are chiefly maintained with it*, a greater share of this greater surplus should belong to the landlord than in corn countries. (*WN*, I.xi.b.37)

Should this root [potatoes] ever become in any part of Europe, like rice in some rice countries, the common and favourite vegetable food of the people, so as to occupy the same proportion of the lands in tillage which wheat and other sorts of grain for human food do at present, the same quantity of cultivated land would maintain a much greater number of people, *and the labourers being generally fed with potatoes*, a greater surplus would remain after replacing all the stock and maintaining all the labour employed in cultivation. (*WN*, I.xi.b.39)[*itálicos e colchetes adicionados*]

Desta maneira, o salário real estaria definido, em sua maior parte, em termos do alimento produzido e haveria uma proporção fixa entre receita e custos, proporção esta que dependeria apenas da produtividade, mas não dos preços relativos. Ou seja, esta especificidade do alimento básico confere rigidez de seu preço em relação aos custos de produção, uma vez que seus custos são compostos majoritariamente por salários.

O pagamento dos salários diretamente com o alimento produzido permitiria a Smith estabelecer um excedente em termos físicos na produção de trigo. Portanto, a partir da discussão da possibilidade de substituição do trigo por outro alimento, pode-se localizar a principal hipótese por trás da determinação da renda da terra na produção de trigo: o fato de que o preço da própria produção é o indexador único do salário nominal.

Entretanto, ao se empreender uma análise da estrutura lógica da argumentação acerca da determinação da renda da terra na produção de trigo, pode-se deduzir que além da hipótese de que os trabalhadores se alimentam com trigo, e que este é o principal indexador dos salários nominais, dever-se-ia adicionar a hipótese de uma produção de trigo verticalmente integrada.

Embora Smith não tenha recorrido a uma análise formal, podemos com intuito único de facilitar a nossa exposição, representar seu argumento. O preço do trigo

é formado pela soma da renda da terra, do lucro, dos salários e dos insumos da produção.

$$P_t = RT + (1 + r)[a_t P_t + l_t W] \quad (3.1)$$

Onde P_t corresponde ao preço de uma unidade medida de trigo, RT à renda da terra, r à taxa de lucro, a_t à quantidade de trigo necessária à produção de uma unidade medida de trigo (insumos), l_t à quantidade de trabalho necessária a produção de uma unidade medida e W ao salário nominal. Como Smith faz a hipótese simplificadora de que o preço do trigo é utilizado para manter o salário real constante, temos adicionalmente que:

$$W = b_t P_t \quad (3.2)$$

Onde b_t é a quantidade de trigo que fixa o salário real. A partir das equações chega-se ao resultado que, uma vez determinados o lucro (r) e o salário real (b_t), a renda da terra dependerá da produtividade, expressa por a_t e l_t .

$$RT = 1 - (1 + r)[a_t + l_t b_t] \quad (3.3)$$

Com exceção da ressalva acerca da necessidade de consumo do alimento básico pelos trabalhadores, nem a questão da indexação do salário nominal ao preço do trigo, nem a menção aos demais custos é abordada na seção do capítulo sobre a renda da terra que esta sendo analisada (*WN*, I.xi.b). Mas é possível, a partir da análise de outras partes de *WN*, reconstituir uma visão que se assemelha às duas hipóteses adicionais.

Com relação à primeira ressalva, embora Smith não explicita ao discutir a renda da terra que estava supondo que o salário real estaria completamente “indexado” ao preço do trigo, ele o faz quando discute salários e tributação, como vimos na seção 3.1.2.

A suposição de um salário totalmente indexado ao trigo não implica afirmar que

os salários fossem compostos apenas por trigo. Pelo contrário, pode-se coletar referências em *WN* que permitem reconstruir uma cesta de consumo diversificada para os trabalhadores que continha dezenas de mercadorias, dentre alimentos e manufaturas (ver seção 3.1).

Entretanto, devido ao peso relativo de cada um desses itens nos gastos dos trabalhadores e do fato de que grande parte dos outros bens que não o trigo estavam indexados ao trigo (ver subseção 3.2.2), Smith utiliza por diversas vezes em sua obra o trigo como único indexador do salário real. Para a discussão da renda da terra, tomar-se-á como dados os argumentos que permitem afirmar que Smith, ao desenvolver suas argumentações teóricas, considerava que os salários eram completamente indexados ao preço do trigo.

Com relação à nossa segunda objeção, de que os insumos na produção do trigo afetariam a renda da terra caso os preços relativos mudassem, o que demandaria, para evitar tal problema uma segunda hipótese de que a agricultura fosse um setor verticalmente integrado, há em *WN* afirmações que estabelecem o trabalho humano e o “trabalho animal” como os insumos mais importantes para a produção agrícola. Por exemplo, o autor afirma que “*cattle, [were] the principal instruments of agriculture*” (*WN*, I.xi.e.28) e que “... [t]he capital employed in agriculture, therefore . . . , . . . puts into motion a greater quantity of productive labour than any equal capital employed in manufactures . . .” (*WN*, II.v.12). Ou seja, pode ser identificada uma concepção clara de que na produção de trigo os principais insumos eram os trabalhadores e os animais, ambos “alimentados” com o produto da terra.

Seria possível então definir um excedente físico, determinado pela tecnologia de cultivo da época e pelas características específicas do grão ou vegetal que constituísse a base da alimentação da população de um país, que seria independente dos preços relativos.

Smith conclui, em sua narrativa, haver a possibilidade de determinar a renda da terra em trigo independentemente dos preços relativos no caso da produção do trigo. Essa independência implica em retirar qualquer relevância da análise das quantidades

trazidas ao mercado e demandadas. No Capítulo XI do Livro I, há apenas menção de que a demanda de comida sempre está em proporção de sua oferta (citada no início da seção). Não há, conseqüentemente, nenhuma tendência ao aumento ou diminuição do preço do trigo com a expansão ou diminuição do cultivo do mesmo.

Ao mesmo tempo, o autor localiza na produtividade, dadas as taxas de lucro e de salários, a determinação do nível de renda da terra. As únicas variáveis capazes de afetar a renda da terra são o salário real e a taxa de lucros. Como pode ser constatado na equação 3.3, não há razão para mudanças na renda da terra em termos físicos que não seja relacionada às variações das taxas naturais de lucros e salários, ambas determinadas independentemente da produtividade no cultivo do trigo.

A determinação da renda da terra na produção de trigo de forma independente dos preços relativos é o principal pilar da teoria da determinação da renda da terra em Smith e difere fundamentalmente dos mecanismos que garantem que as terras que produzem outros alimentos consigam prover uma renda equivalente ao trigo, devido ao papel central dos preços relativos neste último caso. Conclui-se portanto haver, imbricada em meio à argumentação da parte “b” do Capítulo XI do Livro I de *WN*, uma teoria específica para a determinação da renda da terra para o grão ou vegetal (no caso o trigo) que constituísse a base da alimentação da população.

Trabalho comandado e renda Real

Vimos acima que Smith determina a renda da terra na produção de trigo de forma independente dos preços relativos. Como a medida real para o valor de troca (ver 1.1.2) era o trabalho comandado, é possível também determinar a renda “real” diretamente a partir do excedente físico, ao contabilizar tal excedente em termos de unidade salário real.

Para qualquer mercadoria P_i , seu valor real, ou seu valor em trabalho comandado, é expresso por $P_i^r = P_i/W$. Mas como $W = b_t P_t$ (equação 3.2 na página 84) temos que, no caso do preço do trigo, seu “valor real” é dado por:

$$P_t^r = 1/b_t \quad (3.4)$$

Ou seja, a renda da terra, tanto em termos físicos, quanto em termos de quantidade de trabalho que pode comandar, independe dos preços relativos e depende apenas do salário real medido em unidades de trigo e das taxas naturais de salários e lucros.

A teoria de Smith acerca da determinação da renda da terra na produção de trigo é semelhante ao modelo do trigo de Ricardo, no que tange à possibilidade de se reduzir todos os custos ao trigo, e definir assim um excedente físico independente dos preços relativos. A grande diferença é que não há a hipótese de uma produtividade decrescente à medida que se adotam tipos de terras piores. Na ausência de uma hipótese explícita sobre a produtividade na fronteira de expansão agrícola, podemos supor haver a ideia de que a expansão na produção do trigo se dá, na média, em condições mais ou menos semelhantes às terras que já vem sendo cultivadas.

Uma outra questão, relacionada às mudanças nos preços relativos entre agricultura e manufatura, aparece apenas na discussão dos subsídios à exportação, no Capítulo V do Livro IV de *WN*. Neste caso, a alteração de preços relativos é introduzida exogenamente por um subsídio que força o preço do trigo para cima. Neste contexto, o poder de compra da renda da terra composta por um excedente físico de trigo poderia ser alterado. Smith introduz então um elemento adicional: a rigidez do preço real do trigo, que implica na manutenção da proporção entre o preço nominal do trigo e o preço nominal de todas as outras mercadorias:

The real effect of the bounty is not so much to raise the real value of corn, as to degrade the real value of silver; or to make an equal quantity of it exchange for a smaller quantity, not only of corn, but of all other homemade commodities: for the money price of corn regulates that of all other homemade commodities. (*WN*, IV.v.a.11)

It regulates the money price of labour, which must always be such as to enable the labourer to purchase a quantity of corn sufficient to maintain him and his family either in the liberal, moderate, or scanty manner in which the advancing, stationary or declining circumstances of the society oblige his employers to maintain him. (*WN*, IV.v.a.12)

It regulates the money price of all the other parts of the rude produce of land,

which, in every period of improvement, must bear a certain proportion to that of corn, though this proportion is different in different periods. It regulates, for example, the money price of grass and hay, of butcher's meat, of horses, and the maintenance of horses, of land carriage consequently, or of the greater part of the inland commerce of the country. (*WN*, IV.v.a.13)

By regulating the money price of all the other parts of the rude produce of land, it regulates that of the materials of almost all manufactures. By regulating the money price of labour, it regulates that of manufacturing art and industry. And by regulating both, it regulates that of the compleat manufacture. The money price of labour, and of every thing that is the produce either of land or labour, must necessarily either rise or fall in proportion to the money price of corn. (*WN*, IV.v.a.14)

A longa citação acima mostra a rigidez do preço real do trigo (parágrafo 11) causada pela denominação do salário real em unidades de trigo e pelo efeito da renda da terra paga na produção de trigo nos demais produtos da terra (parágrafos 12 e 13) e finalmente nos custos e preços das manufaturas (ver também *WN*, IV.v.a.23-24 para uma afirmação semelhante).

No caso da renda da terra medida em trabalho comandado, sua invariabilidade independe de quaisquer considerações adicionais. Mas no caso de um subsídio, a necessidade de discutir os efeitos da medida não só para os trabalhadores, mas também para as classes proprietárias, faz com que Smith avance um pouco mais em suas hipóteses e proponha a rigidez do preço real do trigo.

3.2.2 Outros alimentos e matérias-primas: preços relativos

A definição das rendas proporcionadas por produtores de outros alimentos que não trigo é analisada no âmbito dos desenvolvimentos históricos à medida em que a sociedade enriquece. Inicialmente o preço de tais produtos é bastante baixo, pois são a produção natural da terra e seus respectivos preços refletem o mero trabalho de coletá-los. A quantidade ofertada, fruto somente da produção natural da terra é, nesse estágio inicial, mais que suficiente para suprir a demanda de tais produtos. Com o avanço da riqueza e o crescimento da população de uma sociedade, inicia-se um processo de aumento da demanda por tais produtos que tem como efeito o aumento de seus preços, já que a demanda passa a ser maior que a produção natural da terra.

Consequentemente, tais produtos passam a proporcionar uma renda crescente aos donos das terras de onde são extraídos (*WN* I.xi.c.3).

O processo de aumento de preços continua até um nível máximo, onde o preço elevado permite o pagamento de uma renda equivalente à renda proporcionada na produção de trigo⁶. Quando ocorre tal igualdade, os donos das terras em que se produz o trigo tornam-se indiferentes entre produzir o trigo ou o alimento alternativo cujo preço permite agora que se pague uma renda equivalente à produção de trigo. Consequentemente, a partir deste ponto, a quantidade potencialmente trazida ao mercado dos alimentos que atingiram tal preço torna-se quase ilimitada⁷.

Embora Smith separe os produtos em dois grandes grupos, o dos alimentos e o das matérias-primas, algumas destas tem seus preços determinados por um processo idêntico ao dos alimentos. A madeira e as peles são os dois exemplos mais notórios (*WN*, I.xi.c.4-5). A diferença é fundamentalmente a quantidade de demanda inicial para ambos os grupos, já que supõe-se os alimentos sempre demandados e as matérias primas são demandadas em algumas circunstâncias mas não em outras. A ideia de que os alimentos são sempre demandados deriva da afirmação de que a população aumenta a partir da disponibilidade de alimentos (ver citação na página 81; *WN*, I.xi.b.1). No caso dos alimentos, como o salário real é composto majoritariamente por alimentos e os trabalhadores se multiplicam na proporção da disponibilidade de alimentos poder-se-á sempre adquirir trabalho com os produtos da terra, o que implica sempre o pagamento de alguma espécie de renda da terra. Já no caso das matérias-primas o aumento da demanda é consequência do crescimento da população e principalmente da riqueza. Consequentemente, a demanda supera a produção espontânea da natureza apenas em estágios posteriores do acúmulo de riqueza.

A demanda por matérias-primas, uma vez que atinge um certo patamar, tende a

⁶Posteriormente a este preço máximo, Smith prevê inclusive que haja um decréscimo do preço devido às melhorias tecnológicas que se seguiriam naturalmente ao aumento de escala.

⁷As exceções à tal regra são alguns produtos que demandam tipos de terra e clima específicos como vinhos especiais e açúcar e cuja extensão não permite que a demanda efetiva por tais produtos seja atendida ao seu preço natural, surgindo assim uma renda mais elevada que a normal. Mas, como justamente o que possibilita que paguem rendas extraordinárias é a escassez de terras adequadas para o plantio de tais alimentos, esses casos representam a menor parte da produção e da renda agrícola.

crescer rapidamente e de maneira ilimitada:

The desire of food is limited in every man by the narrow capacity of the human stomach; but the desire of the conveniencies and ornaments of building, dress, equipage, and household furniture, seems to have no limit or certain boundary. Those, therefore, who have the command of more food than they themselves can consume, are always willing to exchange the surplus, or, what is the same thing, the price of it, for gratifications of this other kind. What is over and above satisfying the limited desire, is given for the amusement of those desires which cannot be satisfied, but seem to be altogether endless. The poor, in order to obtain food, exert themselves to gratify those fancies of the rich, and to obtain it more certainly, they vie with one another in the cheapness and perfection of their work. The number of workmen increases with the increasing quantity of food, or with the growing improvement and cultivation of the lands; and as the nature of their business admits of the utmost subdivisions of labour, the quantity of materials which they can work up, increases in a much greater proportion than their numbers. Hence arises a demand for every sort of material which human invention can employ, either usefully or ornamentally, in building, dress, equipage, or household furniture; for the fossils and minerals contained in the bowels of the earth; the precious metals, and the precious stones. (*WN*, I.xi.c.7)

Portanto, do ponto de vista das quantidades demandadas, há um crescimento gradual para os alimentos que acompanha o crescimento populacional e, por outro lado, um crescimento acelerado no caso matérias-primas uma vez atingido certo patamar de desenvolvimento econômico, como consequência do contínuo aumento da população e principalmente da riqueza.

Do ponto de vista da quantidade produzida, embora existam algumas especificidades em certos exemplos [por exemplo para a madeira, ver (*WN*, I.xi.c.16-17)], o caso geral pode ser descrito por dois estágios lógicos: no primeiro estágio há apenas a produção natural com pequena quantidade ofertada e, no segundo, podem ser utilizadas, potencialmente, todas as terras aptas à produção de trigo, com aumento da quantidade ofertada capaz de atender à demanda ao novo preço natural (isto é, a demanda efetiva). Neste caso, os demais produtos que não o trigo permitirão o pagamento de uma renda equivalente ao trigo devido ao movimento de seus preços em relação ao preço do trigo.

3.2.3 As Minas: Renda Diferencial e a “Renda Absoluta”

A distinção mais importante do ponto de vista dos fatores determinantes da renda dos produtos da terra que não o trigo se dá entre o produto das minas e os demais produtos anteriormente analisados. O mecanismo central é o mesmo, as interações entre as quantidades ofertadas e demandadas e os preços.

No caso das minas, não há um ponto bem determinado em que se atinge um preço máximo e uma quantidade ofertada quase que infinitamente elástica⁸. Os produtos das minas citados por Smith são basicamente pedras, carvão, pedras preciosas e vários metais. Os metais são divididos em dois grupos complementares: aqueles de qualidade inferior (“*coarse metals*”) e os metais preciosos (“*precious metals*”), incluindo neste último grupo a prata e o ouro. Para os metais, e em especial para os metais preciosos, não há limite superior para o preço. A ausência de limite superior deriva de uma demanda crescente com o aumento da riqueza da sociedade, mas que diferentemente das matérias-primas e outros alimentos, não possui uma quantidade ofertada muito elástica a partir de um preço máximo, estando a oferta de metais condicionada à descoberta de novas minas.

The lowest price at which the precious metals can be sold, or the smallest quantity of other goods for which they can be exchanged during any considerable time, is regulated by the same principles which fix the lowest ordinary price of all other goods. The stock which must commonly be employed, the food, cloaths and lodging which must commonly be consumed in bringing them from the mine to the market, determine it. It must at least be sufficient to replace that stock, with the ordinary profits. (*WN*, I.xi.c.29)

Their highest price, however, seems not to be necessarily determined by any thing but the actual scarcity or plenty of those metals themselves. It is not determined by that of any other commodity, in the same manner as the price of

⁸Uma exceção à regra geral é o carvão. Como o carvão pode ser substituído pela madeira, e esta última possui propriedades que a tornam superiores ao carvão, o preço do carvão nunca irá aproximar-se muito do preço da madeira e certamente nunca poderá permanecer em patamar superior a ele, havendo neste caso específico um preço máximo para o carvão que possui, de maneira indireta, relação com a renda paga na produção de trigo. Como a madeira pode ser plantada em terras que também podem ser cultivadas com o trigo, ela deve pagar uma renda equivalente à do trigo nos estágios posteriores do desenvolvimento. Há portanto uma conexão trigo-madeira-carvão capaz de determinar um preço máximo para o mesmo (*WN*, I.xi.c.16-17). Smith deduz que o preço do carvão estava, à sua época, em patamar bem inferior a esse preço máximo nos países produtores de carvão, pois o transporte do carvão implicava em custos adicionais e mesmo assim o carvão ainda era utilizado em lugar da madeira, absorvendo os custos de transportes.

coals is by that of wood, beyond which no scarcity can ever raise it. Increase the scarcity of gold to a certain degree, and the smallest bit of it may become more precious than a diamond, and exchange for a greater quantity of other goods. (*WN*, I.xi.c.30)

Para os metais, o alto valor de troca quando comparado ao seu volume torna os custos de transportes uma proporção pequena do preço final, mesmo no caso de serem transportados por grandes distâncias. Conseqüentemente, minas distantes competem em um mesmo mercado. No caso dos metais preciosos, o mercado relevante inclui além da Europa, as colônias europeias na América, a China e a Índia, abarcando praticamente todo o mundo⁹.

A possibilidade de se encontrar novas e mais produtivas minas em qualquer lugar do planeta pode ocasionar, caso se efetive, uma queda do preço dos metais e pedras preciosos. Tais minas mais produtivas, ao aumentarem a quantidade trazida ao mercado, reduzem o preço de seus produtos, causando uma diminuição da renda das demais minas ou até a impossibilidade de explorá-las. É neste contexto que Smith fala de uma renda diferencial, essencialmente distinta da “renda absoluta” associada à produção do trigo, que independia da produtividade relativa das fazendas. Smith estava descrevendo um período de descobertas de novas minas mais produtivas:

As the price both of the precious metals and of the precious stones is regulated all over the world by their price at the most fertile mine in it, the rent which a mine of either can afford to its proprietor is in proportion, not to its absolute, but to what may be called its relative fertility, or to its superiority over other mines of the same kind. (*WN*, I.xi.c.33)

It is otherwise in estates above ground. The value both of their produce and of their rent is in proportion to their absolute, and not to their relative fertility. The land which produces a certain quantity of food, cloaths, and lodging, can always feed, cloath, and lodge a certain number of people; and whatever may be the proportion of the landlord, it will always give him a proportionable command of the labour of those people, and of the commodities with which that labour can supply him. (*WN*, I.xi.c.35)

Embora a renda das minas seja determinada a partir do diferencial de produtividade, o fato de Smith estar analisando um período de descobertas de novas e

⁹O universo geográfico em que a renda das minas é determinada varia com a relação entre o preço do produto da mina no mercado final e seu custo de transporte. Conseqüentemente, uma mina de pedras terá sua renda determinada pelo diferencial de produtividade com minas bastante próximas; já no caso dos metais preciosos, o valor é muito grande comparado ao volume, estando as minas do mundo inteiro participando do mesmo mercado, e conseqüentemente influenciando umas as outras.

mais produtivas minas, fazia com que as rendas antigas fossem diminuindo e o preço caindo. Conseqüentemente, o resultado final para a dinâmica entre preços e renda da terra para os metais e pedras preciosas era semelhante ao caso da renda absoluta, no sentido em que a quantidade ofertada destes metais não era muito afetada pelo mercado interno, e sim pela descoberta das novas minas. Os movimentos de salários e lucros poderiam inviabilizar a exploração de algumas minas na Inglaterra, mas que não tinham peso suficiente para alterar o preço mundial. Conseqüentemente, havia o mesmo comportamento atribuído ao trigo: a renda era um componente residual, variável de ajuste para as variações da taxa de salário, de lucros e de preços.

A nomenclatura utilizada por Smith ao separar “renda diferencial” de “renda absoluta” contribui para dificultar ainda mais a identificação de uma renda da terra determinada residualmente na produção de trigo. Por “renda absoluta” Smith buscava apenas sublinhar que a produtividade em cada unidade produtora de trigo é que importava na determinação da renda da terra que receberia, em oposição ao caso das minas, em que a descoberta de novas e mais produtivas minas reduzem a renda paga na produção das minas antigas, e não que ela era independente das demais variáveis distributivas.

3.2.4 A renda da terra e o preço natural

Antes de introduzirmos a discussão acerca de variações no preço normal ou natural dos bens e alterações na quantidade demandada, é importante destacar que Smith se propõe a discutir em seus capítulos sobre a distribuição a mudança nas taxas naturais de remuneração. Tais mudanças ocorrem em um horizonte temporal bastante longo, em que um determinado país ou sociedade está avançando em sua população e riqueza. Em um determinado período mais curto do tempo a análise do Capítulo VII prevalece, ou seja, a existência de uma força centrípeta de atração das remunerações de terras de igual situação e fertilidade para uma taxa média, também denominada de taxa normal ou natural. Já esta mesma taxa média pode se alterar num horizonte temporal mais longo. Isto posto, podemos discutir as mudanças no patamar da renda

da terra que alteram os preços naturais.

Na introdução do Capítulo XI do Livro I, Smith afirma que a renda da terra é a variável distributiva residual, diferentemente dos salários e dos lucros. Ela é dada pela diferença entre o preço de venda do produto e os custos com salários e lucros.

Rent, it is to be observed, therefore, enters into the composition of the price of commodities in a different way from wages and profit. High or low wages and profit, are the causes of high or low price; high or low rent is the effect of it. It is because high or low wages and profit must be paid, in order to bring a particular commodity to market, that its price is high or low. But it is because its price is high or low; a great deal more, or very little more, or no more, than what is sufficient to pay those wages and profit, that it affords a high rent, or a low rent, or no rent at all (*WN*, I.xi.a.8).

Se a renda é determinada pela diferença entre o preço e os custos com a remuneração do trabalho e do capital, podemos deduzir duas consequências da afirmação. Em primeiro lugar, dados o salário e a taxa de lucros, ao determinar o preço, determinar-se-á a renda da terra, e, em segundo lugar, dado o preço, variações no salário e no lucro diminuirão ou aumentarão a renda da terra, que será determinada de maneira residual. Smith destaca o primeiro fator, em que a renda é determinada pela quantidade demandada: “*Whether the price is, or is not more [than profits and wage costs], depends upon the demand*” (*WN*, I.xi.a.6).

Entretanto, podemos questionar a adequação desta “introdução-síntese” citada acima em relação à própria narrativa desenvolvida no Capítulo XI do Livro I. Argumentou-se no início da seção 3.2 que Smith possui na verdade três explicações distintas para a renda da terra.

Para a renda da terra paga na produção do trigo o protagonismo de qualquer mecanismo baseado em quantidade ofertada e demandada é anulado pela hipótese de que naturalmente a quantidade demandada de alimentos adequa-se à quantidade produzida. Ademais, como tratado no item 3.2.1, a relação fixa entre preços e custos na produção de trigo define uma renda física em termos de trigo, de forma independente dos preços relativos. Conclui-se que o mecanismo proposto no parágrafo supracitado não se aplica à definição do patamar de renda da terra na produção do trigo, isto é, o mecanismo quantidade demandada-preço não possui qualquer protagonismo na

definição da renda da terra paga na produção do trigo. Por outro lado, a renda da terra possui o caráter de variável distributiva residual na produção do trigo, dado que diminui ou aumenta de acordo com a variação dos salários reais e da taxa de lucro (ver equação no item 3.3 na página 84), não havendo, conseqüentemente, a determinação independente ou separada da renda da terra em relação às demais variáveis distributivas.

Para os demais alimentos e matérias-primas que podem ser produzidos nas terras produtoras de trigo, há um preço mínimo dado pelos custos de coleta da “produção natural” e um preço máximo, associado ao pagamento dos salários e do lucro à tecnologia de produção disponível adicionados de uma renda da terra equivalente à renda da terra paga na produção do trigo. A partir deste preço máximo a oferta tende a ser infinitamente elástica. Portanto, para este grupo de bens, precisamos separar duas situações distintas: uma situação em que o aumento da demanda altera o preço normal dos bens e outra em que a demanda não possui qualquer efeito no preço (quando já atingiu o preço máximo). Caso a produção natural da terra seja insuficiente para atender a quantidade demandada e o preço de mercado dos demais alimentos já possibilite o pagamento de uma renda da terra equivalente à renda da terra na produção de trigo, como era o caso inglês, também não há qualquer influência da quantidade demandada (ver item 3.2.2).

Finalmente, para o produto das minas, Smith afirma que o diferencial de produtividade de uma mina específica em relação às demais determina se pode prover ao seu proprietário o pagamento de uma renda. Se existem muitas minas produtivas, a quantidade trazida ao mercado aumenta, baixando o preço e inviabilizando o pagamento de renda e até a produção daquelas minas menos férteis. Pode-se estabelecer um gradiente a partir da relação entre peso/volume de um lado e preço do outro: pedras, carvão, metais de qualidade inferior, metais e pedras preciosas. Em um extremo do gradiente, a produção relevante tem caráter local ou regional. Nesse caso, há passagens onde Smith afirma que um preço maior permite que novas minas sejam ativadas, havendo uma dinâmica entre quantidade ofertada e demandada compatível com sua

síntese. Mas seu foco são os metais e pedras preciosas, em que as minas mundiais mais férteis determinam o preço e quantidade ofertada. Neste caso, a produtividade das minas inglesas, o salário real e a taxa de lucros internas não afetam muito o preço mundial, sendo a renda das minas Inglesas determinadas residualmente. Já se tomarmos todo o mercado mundial de metais e pedras preciosas como referência, há na narrativa de Smith mais referências da relação entre quantidade demandada e preços.

Portanto, a introdução do Capítulo XI do Livro I de *WN* sobre a renda da terra lida de forma isolada do restante da narrativa construída no próprio capítulo leva a uma interpretação distorcida, pois induz ao pensamento de uma renda da terra determinada exogenamente (pela quantidade demanda). Entretanto, no caso da produção do trigo, a renda é residual, e a relação do preço com os custos não é afetado pela demanda por trigo. No caso dos demais alimentos e da madeira, a renda da terra é também residual uma vez que se atinge a paridade com a renda paga na produção de trigo. No caso das minas, há a mesma ideia de que a renda é um resíduo, pois Smith analisa um período em que a descoberta de novas minas fazia a oferta de metais aumentar e os preços caírem e, como consequência, a renda das antigas minas ficava pressionada entre os preços cadentes e os custos com o salário e com os lucros. Pode-se concluir, portanto, que embora a introdução sublinhe o papel da demanda, a narrativa de Smith no próprio Capítulo XI do Livro I de *WN* dá suporte à concepção de uma renda da terra determinada de forma residual.

3.2.5 Comentário sobre o preço do trigo como variável instrumental

Dois terços do Capítulo XI do Livro I de *WN* são utilizados para discutir as variações dos preços relativos dos diferentes produtos da terra e destes últimos com as manufaturas. A discussão da evolução dos preços relativos, por sua vez, leva Smith ao que acaba se tornando o tema central no capítulo sobre a renda, qual seja, as variações no valor de troca da prata.

Em sua discussão sobre desenvolvimento inglês, Smith quis ser capaz de discutir as variações dos preços relativos e compará-los em diferentes períodos do tempo. Mas os registros históricos estavam denominados em diferentes quantidades de prata, cujo próprio valor mudava com o tempo, inviabilizando ou tornando incorretas tais comparações. Smith precisava de um meio de medir as variações no valor da prata e o instrumento para tal foi deflacionar os preços em prata a partir das variações do preço médio do trigo.

O trigo substitui a prata e a moeda. Smith tinha clareza das propriedades que ele estava atribuindo ao trigo e afirma que este seria produzido com a mesma quantidade de trabalho no processo de desenvolvimento, podendo assim usar o trigo para medir o valor das demais mercadorias como uma *próxi* da quantidade de trabalho que elas podiam comandar (*WN*, I.xi.e.28).

O trigo é uma variável instrumental que permite a Smith identificar as variações nominais nos preços das mercadorias causadas pela alteração do valor da prata. Neste sentido trata-se de uma necessidade empírica, dadas as limitações quanto à obtenção de dados empíricos na época.

Corn, accordingly, it has already been observed, is, in all the different stages of wealth and improvement, a more accurate measure of value than any other commodity or set of commodities. In all those different stages, therefore, we can judge better of the real value of silver, by comparing it with corn, than by comparing it with any other commodity, or sett of commodities. (*WN*, I.xi.e.28)

Segundo Smith, um erro comum dos analistas de sua época era de comparar o valor da prata com o preço de todos os bens para inferir se o valor da prata estava subindo ou caindo. Mas como não levavam em consideração o aumento real do preço de alguns produtos da terra devido ao aumento da renda da terra paga — consequência do aumento da quantidade demandada dos mesmos — acabavam inferindo que o valor da prata estava caindo, enquanto que Smith mostra que se comparado ao trigo, o exato contrário estava ocorrendo (*WN*, I.xi.e.25).

Um segundo erro, este ligado ao sistema de economia política mercantilista, estava associado a inferir a riqueza ou pobreza da nação a partir dos preços nominais das mercadorias. Se os preços estivessem elevados, o país seria pobre, pois

a pouca abundância de mercadorias tornariam os preços elevados. Já se as mercadorias fossem trocadas por uma menor quantidade de prata, isso indicaria que o país era próspero. Para Smith, entretanto, tais diferenças eram expressões apenas da abundância ou escassez das minas de prata. Para se analisar a riqueza, dever-se ia comparar os diferentes preços relativos:

From the high or low money price either of goods in general, or of corn in particular, we can infer only that the mines which at that time happened to supply the commercial world with gold and silver, were fertile or barren, not that the country was rich or poor. But from the high or low money-price of some sorts of goods in proportion to that of others, we can infer with a degree of probability that approaches almost to certainty, that it was rich or poor, that the greater part of its lands were improved or unimproved, and that it was either in a more or less barbarous state, or in a more or less civilized one. (*WN*, I.xi.n.3)

Smith não possuía um deflator da produção anual e nem um índice de preços setoriais para poder isolar as variações nominais das variações reais. Mas ele acreditava que as variações dos preços relativos, coerentes com sua teoria da distribuição, serviam como uma medida da riqueza das nações, um instrumento importante para embasar as conclusões de seu livro.

The same quantity of silver, it may, perhaps, be said, will in the present times, even according to the account which has been here given, purchase a much smaller quantity of several sorts of provisions than it would have done during some part of the last century; and to ascertain whether this change be owing to a rise in the value of those goods, or to a fall in the value of silver, is only to establish a vain and useless distinction, which can be of no sort of service to the man who has only a certain quantity of silver to go to market with, or a certain fixed revenue in money. I certainly do not pretend that the knowledge of this distinction will enable him to buy cheaper. It may not, however, upon that account be altogether useless. (*WN*, I.xi.n.8)

It may be of some use to the publick by affording an easy proof of the prosperous condition of the country. If the rise in the price of some sorts of provisions be owing altogether to a fall in the value of silver, it is owing to a circumstance from which nothing can be inferred but the fertility of the American mines. The real wealth of the country, the annual produce of its land and labour, may, notwithstanding this circumstance, be either gradually declining, as in Portugal and Poland; or gradually advancing, as in most other parts of Europe. But if this rise in the price of some sorts of provisions be owing to a rise in the real value of the land which produces them, to its increased fertility; or, in consequence of more extended improvement and good cultivation, to

its having been rendered fit for producing corn; it is owing to a circumstance which indicates in the clearest manner the prosperous and advancing state of the country. (*WN*, I.xi.n.9)

A centralidade do preço do trigo em sua obra, principalmente no capítulo sobre a renda da terra, deve-se ao fato de ser ele que permitia a conexão entre sua teoria e seus dados empíricos, na forma em que se encontravam então. Smith se preocupava muito em demonstrar que sua teoria era uma boa ferramenta para explicar a história do desenvolvimento econômico das nações e tal preocupação permeia toda a sua obra, embora o Livro III seja especificamente dedicado a operar tal conexão.

3.3 A determinação dos lucros

A ideia em torno da qual estrutura-se o Capítulo IX do Livro I, “*Of the profits of Stock*”, é que a acumulação de capital tem como efeito a diminuição da taxa de lucros, percepção evidenciada não só através de afirmações explícitas, mas também pela análise comparativa entre a Inglaterra e outros países.

The increase of stock, which raises wages, tends to lower profit. When the stocks of many rich merchants are turned into the same trade, their mutual competition naturally tends to lower its profit; and when there is a like increase of stock in all the different trades carried on in the same society, the same competition must produce the same effect in them all. (*WN*, I.ix.2)

Na citação acima, Smith não explica exatamente qual é mecanismo de transmissão entre uma maior acumulação de capital e a diminuição da capacidade de vender o produto a um preço elevado, mas a referência ao aumento de capital em um setor específico leva a inferir que o mecanismo é o aumento da quantidade ofertada acima da quantidade demandada, remetendo a discussão para o ajustamento dos preços de mercado aos preços naturais do Capítulo VII do Livro I.

Entretanto, Smith não utiliza os termos “quantidade ofertada” ou “demanda efetiva”, presentes na discussão dos preços de mercado. Outrossim, faz referência sempre ao estoque de capital e à “quantidade de negócios a serem feitas por este capital”. Tal diferença na nomenclatura não parece ser acidental. Ao pensar na obra de Smith

a partir de uma perspectiva mais geral, principalmente nas conexões estabelecidas entre o preço das mercadorias, as variáveis distributivas, e a discussão acerca da acumulação de capital no Livro II, é possível constatar que o descompasso a que Smith se refere está inserido em um contexto dinâmico. Não é que a aplicação de capital não gerasse demanda no setor e em outros setores, mas que por algum motivo a demanda parecia crescer menos que a oferta. As oportunidades criadas pelo capital, acreditava Smith, cresciam em um ritmo mais lento que a própria acumulação de capital.

Ao mesmo tempo, a concorrência entre os capitalistas faz o salário real aumentar, o que reduz a taxa de lucros.

It generally requires a greater stock to carry on any sort of trade in a great town than in a country village. The great stocks employed in every branch of trade, and the number of rich competitors, generally reduce the rate of profit in the former below what it is in the latter. But the wages of labour are generally higher in a great town than in a country village. In a thriving town the people who have great stocks to employ, frequently cannot get the number of workmen they want, and therefore bid against one another in order to get as many as they can, which raises the wages of labour, and lowers the profits of stock. In the remote parts of the country there is frequently not stock sufficient to employ all the people, who therefore bid against one another in order to get employment, which lowers the wages of labour, and raises the profits of stock. (*WN*, I.ix.7)

Smith afirma que a taxa de lucros é menor quando há um grande número de competidores ricos. E ao prosseguir seu argumento, explica que estes mesmos capitalistas competem por trabalhadores, o que faz o salário subir e a taxa de lucro cair. Há uma ambiguidade, pois não fica claro se a alteração do salário real, ligado à competição, é a *única* explicação para a alteração da taxa de lucros ou se existem dois condicionantes: a concorrência entre os grandes capitais agindo diretamente na taxa de lucros e a concorrência entre os capitais afetando os salários reais e, por meio destes, a taxa de lucros.

Ambas as possibilidades, entretanto, contemplam o estabelecimento de uma relação inversa entre a taxa de salários e a taxa de lucros. Tal relação é inequivocamente estabelecida ao final do “parágrafo 7” citado acima. Smith exemplifica vários casos onde há uma relação inversa entre salários e lucros:

... and though the legal rate of interest has in France frequently been lower than in England, the market rate has generally been higher. . . . The wages of labour are lower in France than in England. (WN, I.ix.9)

... [T]he wages of labour are said to be higher in Holland than in England, and the Dutch, it is well known, trade upon lower profits than any people in Europe. . . . (WN, I.ix.10)

Em relação à questão se este seria o único mecanismo de transmissão de uma maior concorrência dos capitais e a queda da taxa de lucros, a resposta é negativa. Como pode ser lido na citação abaixo, existem de fato *dois* condicionantes na determinação da taxa de lucro:

The diminution of the capital stock of the society, or of the funds destined for the maintenance of industry, however, *as it lowers the wages of labour, so it raises the profits of stock*, and consequently the interest of money. By the wages of labour being lowered, the owners of what stock remains in the society can bring their goods at less expence to market than before, *and less stock being employed in supplying the market than before, they can sell them dearer*. Their goods cost them less, and they get more for them. Their profits, therefore, being augmented at both ends, can well afford a large interest. (WN, I.ix.13)[ênfases adicionadas]

Fica claro que além da variação do salário real impactando a taxa de lucros, há também uma variação dos preços em relação aos custos de produção que é determinada pela "quantidade total de capital da sociedade em relação ao total de negócios que devem ser levados a cabo".

The acquisition of new territory, or of new branches of trade, may sometimes raise the profits of stock, and with them the interest of money, even in a country which is fast advancing in the acquisition of riches. The stock of the country not being sufficient for the whole accession of business, which such acquisitions present to the different people among whom it is divided, is applied to those particular branches only which afford the greatest profit. Part of what had before been employed in other trades, is necessarily withdrawn from them, and turned into some of the new and more profitable ones. In all those old trades, therefore, *the competition comes to be less than before. The market comes to be less fully supplied with many different sorts of goods. Their price necessarily rises more or less, and yields a greater profit to those who deal in them*, who can, therefore, afford to borrow at a higher interest. (WN, I.ix.12) [ênfases adicionadas]

Novamente, há referência a alterações de preços mas não à quantidade ofertada e demandada. Ao que parece, neste capítulo específico, Smith associava a capacidade

de aplicar capital a algum limite dado pelas condições geográficas, populacionais e institucionais do país, que por sua vez determinavam um nível máximo de riqueza que poderia ser atingido, assim como um limite máximo para a aplicação de capital.

In a country fully stocked in proportion to all the business it had to transact, as great a quantity of stock would be employed in every particular branch as the nature and extent of the trade would admit. The competition, therefore, would everywhere be as great, and consequently the ordinary profit as low as possible. (*WN*, l.ix.14)

Há, portanto, uma ideia explícita de que o aumento da quantidade de capital da sociedade vem acompanhado de uma maior concorrência entre os grandes capitalistas. O efeito de tal concorrência se dá nos preços de venda dos produtos. Embora Smith não discuta as implicações de suas afirmações, elas significam que a capacidade de ofertar mercadorias não vem acompanhada da capacidade de vender as mercadorias, ou traduzindo em termos modernos, o crescimento da oferta agregada não é acompanhado por um aumento totalmente proporcional de demanda agregada.

Esses dois mecanismos, acumulação de capital total e acumulação de capital a frente da oferta de trabalho, explicariam portanto à tendência de queda da taxa de lucros no processo de desenvolvimento¹⁰.

Por último, é interessante notar a interdependência entre as duas causas apontadas para a determinação da taxa de lucros. De um lado, a taxa de salários reais e a tecnologia determinam os custos e de outro a quantidade total de capital da sociedade determina o preço de venda e conseqüentemente a receita com a venda da produção.

Observa-se que a relação inversa entre os salários reais e a taxa de lucros aparece apenas quando o estoque total de capital da sociedade frente aos negócios a serem transacionados fixa o preço dos produtos, impedindo que um aumento dos custos seja repassado integralmente aos preços.

Por fim, é importante sublinhar que a ideia de um limite de lucratividade associado ao estoque de capital acumulado é incompatível com a hipótese que Smith faz de que

¹⁰Tal tendência que identificada por muitos economistas clássicos como um fenômeno historicamente observável a ser explicado.

toda a renda recebida será prontamente gasta, isto é, a “Lei de Say”, discutida na subseção 2.4.2, p.65 do Capítulo 2. Mas é esta mesma rigidez dos preços em relação aos custos dado por esse limite que permite afirmar a relação inversa entre salários e lucros no arcabouço lógico da teoria da distribuição de Smith.

Portanto, ao afirmar que a teoria dos lucros de Smith é coerente com a interdependência das variáveis distributivas implicadas por um produto social dado, deve-se atentar para a incoerência do mesmo com o postulado de Smith de que toda a renda recebida será prontamente gasta em consumo ou investimento, seja diretamente pelo seu possuidor, seja mediado pelo sistema bancário.

3.4 A interdependência das variáveis distributivas em Adam Smith

O problema fundamental para apresentar a explicação smithiana da distribuição como coerente com a abordagem do excedente é a referência a duas causas distintas para as alterações na taxa de lucros: i) a elevação dos salários reais e, ii) o aumento do estoque de capital em relação aos negócios a serem executados. Dada a teoria da renda diferencial da terra, estabelecida por Ricardo, a correta aplicação da abordagem do excedente implica que uma vez determinado o salário real, a taxa de lucros estaria automaticamente definida, não podendo haver uma segunda causa para tal variação. Consequentemente, os movimentos independentes da taxa de lucros em relação ao salário real foram interpretados como uma incapacidade de perceber a interdependência entre as variáveis distributivas.

Entretanto, a teoria da determinação da taxa de lucro de Smith não nega a interdependência das variáveis distributivas ao propor que a variação da taxa de lucros não afeta o salário real e sua compreensão só é alcançada quando integrada ao conjunto de hipóteses específicas sobre as quais se ergue a teoria dos lucros, como afirmado na introdução deste capítulo.

Em primeiro lugar, há que se considerar a teoria dos salários de Smith (analisada

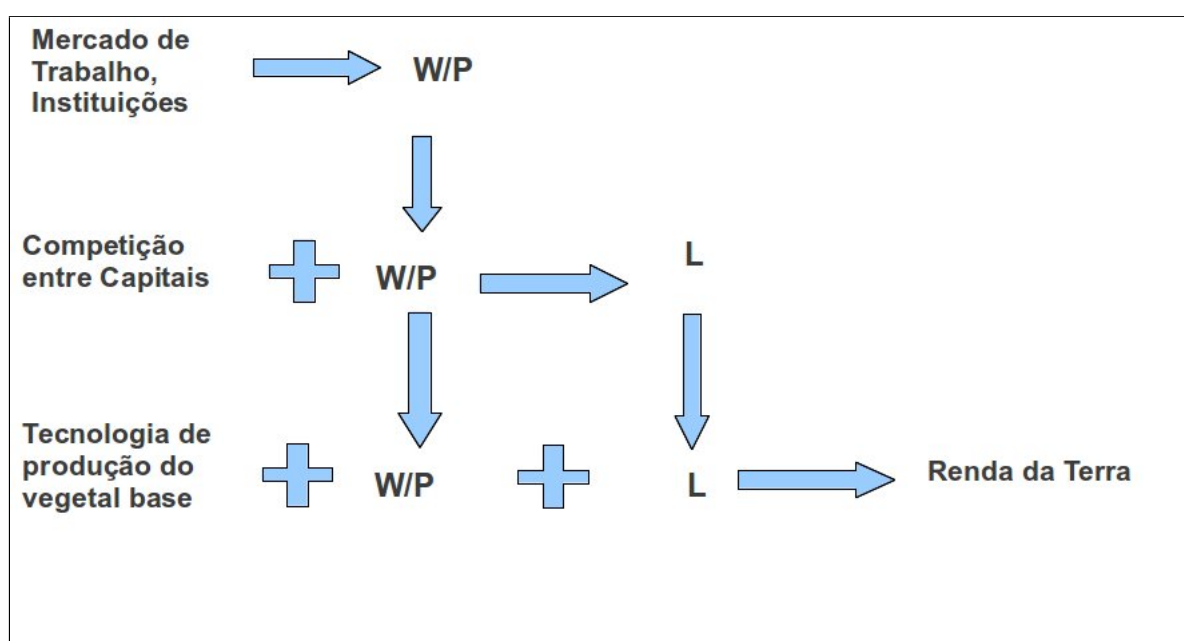
em 3.1). Há preponderância de alimentos na cesta de consumo dos trabalhadores, na sua maior parte compostos de trigo ou de alimentos cujo preço é regulado pela renda paga na produção de trigo. Smith, operando uma simplificação em sua análise teórica da dinâmica entre variáveis distributivas e preço, identifica o trigo como o único componente definidor do salário real. Em segundo lugar, a peculiar teoria da renda da terra de Smith na produção do trigo, em que esta aparece como o resíduo de um excedente físico menos o lucro e o salário dos trabalhadores, resulta numa situação na qual alterações do salário real ou da taxa de lucros *não alteram o preço dos bens (ou do bem) utilizado para balizar o poder de compra dos trabalhadores*. A renda é a variável residual no modelo de Smith e permite, junto com a “indexação” dos salários ao trigo, o movimento independente do salário real e da taxa de lucro, sem com isso negar a interdependência das variáveis distributivas.

A consequência mais importante é que as passagens que associam a taxa de lucros à concorrência de capitais não podem ser utilizadas como evidência de uma negação da total coerência de Smith com a hipótese de um produto social dado ao tratar das variáveis distributivas. Outrossim, tal referência indica que Smith não possuía total compreensão acerca das implicações de sua hipótese de que toda renda recebida era prontamente gasta, posteriormente conhecida como Lei de Say, esta sim incoerente com sua explicação para a queda da taxa de lucros.

No Capítulo 1 afirma-se que a teoria do valor de Smith não implicava em nenhuma tautologia e que não havia sido deixada em aberto. A partir da análise dos seus capítulos sobre distribuição (capítulos 8 a 11 do Livro I), pode-se descrever a estrutura lógica da teoria smithiana do valor e da distribuição a partir das seguintes identificações: em primeiro lugar, o salário real é determinado no mercado de trabalho pela intensidade de acumulação do capital e sua influência defasada na dinâmica populacional e por elementos de caráter institucional; em segundo lugar a taxa de lucro depende, por um lado, da quantidade total de capital acumulado frente ao que a natureza do país e suas instituições comportam e, por outro lado, dos salários reais atuando como fator que pressiona os custos de produção. Por fim, a renda da

terra é determinada pela produtividade no cultivo do alimento que compõe a base da alimentação de um país (ver subseção 3.3, p. 84) frente ao salário real e à taxa normal de lucros. Conseqüentemente, podemos descrever a estrutura lógica da teoria da distribuição de Smith a partir da seguinte figura:

Figura 1 - Representação lógica da teoria da distribuição de Adam Smith



O salário real (W/P) é a variável que tem maior grau de liberdade em relação às demais. Os lucros (L) são afetados pelos salários reais, mas não pelas rendas da terra. E a renda da terra é a variável distributiva residual. Os parâmetros são a institucionalidade do mercado de trabalho, a quantidade total de capital acumulado, a intensidade desta acumulação, a quantidade total de capital que comporta a natureza e instituições de um país e as características específicas do alimento que constitui a base da alimentação dos trabalhadores, o que permite definir as variáveis distributivas.

Uma vez apreendida a estrutura lógica da teoria da distribuição de Smith, é possível reavaliar o significado de outras passagens de *WN* normalmente utilizadas para mostrar que Smith violava a interdependência das variáveis distributivas. No final do Capítulo VIII do Livro I que trata dos salários, há a seguinte afirmação:

The increase in the wages of labour *necessarily increases the price of many commodities*, by increasing that part of it which resolves itself into wages, and

so far tends to diminish their consumption both at home and abroad. (WN, I.viii.57)

Como fica claro agora, se o trigo e mais alguns outros bens regulados pelo preço do trigo não tem seu preço alterado quando se altera o salário real, é correta a afirmação de que muitos preços irão subir com o aumento de salários reais, mas não todos os preços. Os preços que não subirão são aqueles que balizam o salário real. Consequentemente, outros preços podem subir sem que haja alteração do salário real. Há, devido às hipóteses específicas adotadas pelo autor, uma independência dos preços dos produtos que compõem a cesta de consumo dos trabalhadores em relação à variação do salário real.

No Capítulo IX do Livro I, que trata da taxa de lucros há outra passagem que pode ser mal interpretada:

In a country which had acquired that full complement of riches which the nature of its soil and climate, and its situation with respect to other countries allowed it to acquire; which could, therefore, advance no further, and which was not going backwards, both the wages of labour and the profits of stock would probably be very low. (WN, I.ix.14)

Novamente, salários e lucros movem-se na mesma direção. Mas como não há produtividade marginal decrescente da agricultura no universo teórico de Smith, grande parte da produção é apropriada pelos proprietários de terra, o que fica claro quando prossegue seu argumento e afirma: “*But perhaps no country has ever yet arrived at this degree of opulence*” (WN, I.ix.15).

Portanto, uma vez dissolvidas as “evidências contraditórias” no correto entendimento das hipóteses sobre as quais construía sua análise da distribuição, pode-se concentrar apenas nas evidências positivas, como a seguinte passagem, onde a tecnologia e a interdependência das variáveis distributivas é cristalinamente articulada:

High wages of labour and high profits of stock, however, are things, perhaps, which scarce ever go together, except in the peculiar circumstances of new colonies. A new colony must always for some time be more under-stocked in proportion to the extent of its territory, and more under-peopled in proportion to the extent of its stock, than the greater part of other countries. They have more land than they have stock to cultivate. What they have, therefore, is

applied to the cultivation only of what is most fertile and most favourably situated, the lands near the sea shore, and along the banks of navigable rivers. Such land too is frequently purchased at a price below the value even of its natural produce, Stock employed in the purchase and improvement of such lands must yield a very large profit, and consequently afford to pay a very large interest. Its rapid accumulation in so profitable an employment enables the planter to increase the number of his hands faster than he can find them in a new settlement. Those whom he can find, therefore, are very liberally rewarded. As the colony increases, the profits of stock gradually diminish. When the most fertile and best situated lands have been all occupied, less profit can be made by the cultivation of what is inferior both in soil and situation, and less interest can be afforded for the stock which is so employed. (WN, I.ix.11)[ênfases adicionadas]

Há clareza que para que uma classe ganhe uma maior parcela do produto, outra tem que perder, se a tecnologia está dada. Um aumento da produtividade, por sua vez, permite que haja ganho para mais de uma classe.

3.4.1 Tributação

É na discussão de Smith sobre a tributação que seu tratamento da renda da terra como variável distributiva residual e a hipótese de um dado produto social a ser distribuído entre as classes sociais torna-se mais claro. Smith dedica aproximadamente um terço de *WN* ao Livro V, que trata da tributação.

Em primeiro lugar, Smith identificava o lucro e a renda como excedentes, podendo os dois serem taxados:

The interest of money seems at first sight a subject equally capable of being taxed directly as the rent of land. Like the rent of land, it is a neat produce which remains after compleatly compensating the whole risk and trouble of employing the stock. As a tax upon the rent of land cannot raise rents; because the neat produce which remains after replacing the stock of the farmer, together with his reasonable profit, cannot be greater after the tax than before it: so, for the same reason, a tax upon the interest of money could not raise the rate of interest; the quantity of stock or money in the country, like the quantity of land, being supposed to remain the same after the tax as before it. (*WN*, V.ii.f.3)

Mas considerava que, dada a mobilidade internacional do capital, um imposto sobre os lucros teria como efeito uma fuga de capital, não sendo o lucro passível de taxaço por razões práticas, embora fosse, assim como a renda, parte do excedente.

Os salários, por sua vez, não faziam parte do excedente, caracterizando-se por ser um consumo necessário:

A direct tax upon the wages of labour, therefore, though the labourer might perhaps pay it out of his hand, could not properly be said to be even advanced by him; at least if the demand for labour and the average price of provisions remained the same after the tax as before it. In all such cases, not only the tax, but something more than the tax, would in reality be advanced by the person who immediately employed him. (*WN*, V.ii.i.2)

Smith também considerou a divisão entre bens necessários e bens de luxo, uma divisão importante que pode ser, guardadas as devidas proporções, conectada à análise de Sraffa dos bens básicos e bens não básicos.

Taxes upon luxuries have no tendency to raise the price of any other commodities except that of the commodities taxed. Taxes upon necessaries, by raising the wages of labour, necessarily tend to raise the price of all manufactures, and consequently to diminish the extent of their sale and consumption. Taxes upon luxuries are finally paid by the consumers of the commodities taxed, without any retribution. They fall indifferently upon every species of revenue, the wages of labour, the profits of stock, and the rent of land. Taxes upon necessaries, so far as they affect the labouring poor, are finally paid, partly by landlords in the diminished rent of their lands, and partly by rich consumers, whether landlords or others, in the advanced price of manufactured goods; and always with a considerable over-charge. The advanced price of such manufactures as are real necessaries of life, and are destined for the consumption of the poor, of coarse woollens, for example, must be compensated to the poor by a farther advancement of their wages. The middling and superior ranks of people, if they understood their own interest, ought always to oppose all taxes upon the necessaries of life, as well as all direct taxes upon the wages of labour. The final payment of both the one and the other falls altogether upon themselves, and always with a considerable over-charge. They fall heaviest upon the landlords, who always pay in a double capacity; in that of landlords, by the reduction of their rent; and in that of rich consumers, by the increase of their expence. (*WN*, V.ii.k.9)

Fica clara a consciência de Smith quanto aos efeitos diretos na renda da terra (variável residual) e a impossibilidade de se taxar o salário real, definido no mercado de trabalho. Um imposto aplicado aos bens necessários implica na diminuição da renda da terra, devido à manutenção do salário real em trigo e na queda do poder de compra dos consumidores ricos, devido ao aumento do preço dos bens manufaturados.

Capítulo 4

Adam Smith e a Interpretação

Sraffiana

A partir da narrativa dos três últimos capítulos constata-se que a interpretação sobre a coerência da teoria de Smith com a abordagem do excedente diverge bastante da interpretação pioneira, a que se refere na Introdução.

Em primeiro lugar a “teoria do valor” de Smith estabelece apenas os três componentes originais do preço. Uma vez definidas as variáveis distributivas e a tecnologia, pode-se calcular o preço relativo das mercadorias. Em segundo lugar, a determinação de cada uma das variáveis distributivas remete à acumulação de capital, seja o ritmo desta acumulação, seja a quantidade total de capital acumulado. Conseqüentemente, julgando apenas a partir das relações lógicas de causa e efeito não é verdade que a determinação das variáveis distributivas depende apenas dos preços das mercadorias, entrando-se assim num raciocínio circular.

Ademais, identificou-se a preocupação de Smith em localizar o limite da acumulação (e do gasto com trabalhadores improdutivos) na parcela do “produto anual” que pode ser poupada, isto é, que não precisa ser utilizada seja para repor o capital, seja para garantir a subsistência das pessoas. Trata-se de sublinhar a existência de um dado produto social e as opções alternativas de sua aplicação. A teoria da distribuição de Smith ergue-se sobre a concepção da existência de um produto social dado a ser dis-

tribuído por meio das variáveis distributivas. Por mais insatisfatória que possa ser sua teoria da determinação da renda da terra, ela permite que os salários e lucros variem separadamente, sem com isso negar a interdependência das variáveis distributivas.

Portanto, esta leitura diverge em vários pontos em relação à “interpretação pioneira”. Tais discordâncias são compartilhadas por uma série de autores, que buscaram modificar e questionar alguns pontos da interpretação pioneira dentro da tradição sraffiana. A seguir serão apresentadas em ordem cronológica e em linhas gerais dessas interpretações mais recentes.

O primeiro autor dentro da tradição Sraffiana que questiona a “interpretação pioneira” é O’Donnell (1990). O principal objetivo do autor é questionar a interpretação de Dobb (1973) de que Smith deu origem tanto à abordagem clássica que segue a teoria do valor trabalho, quanto à abordagem marginalista.

Em primeiro lugar, identifica que Smith tratava a acumulação a partir do excedente, isto é, daquela parte do produto anual que não sendo necessária para repor um capital ou para manter os habitantes de um país, poderia ser utilizada para aumentar o estoque anterior de capital. Tal interpretação baseia-se por um lado no significado que atribui à seguinte afirmação de Smith:

... the whole annual produce of the land and labour ... , ... naturally divides itself into two parts. One of them, ... ,... [is] destined for replacing a capital, or for renewing the provisions, materials, and finished work, which had been withdrawn from a capital; the other for constituting a revenue either to the owner of this capital, as the profit of his stock; or to some other person, as the rent of his land. (*WN*, II.iii.4)

Para O’Donnell, o “*annual produce*” definido por Smith corresponderia ao total de mercadorias produzidas somadas, incluindo os bens intermediários: “ *it therefore corresponds to what Leontief called ‘total gross output’, (1951, .19) or ‘total output’ (1965, p.136), what Pasinetti (1977, p.39) calls ‘total gross output’ and Sraffa called ‘gross national product’ (1960, p.11). This differs from ‘national product’, as defined in modern national accounting, which includes only value added during the year*”. Propõe ainda que Smith descontava de seu produto anual todas as mercadorias intermediárias, incluindo o salário dos trabalhadores, chegando corretamente ao conceito de produto

líquido ou excedente análogo aos fisiocratas.

Na teoria da distribuição, O'Donnell identifica a relação inversa entre salário e lucros presente nos exemplos históricos de Smith. Mas afirma que “*his belief in an inverse relation between the wage and the rate of profit is, of itself, not a theory of profit nor evidence of a surplus theory of profit*” (O'Donnell, 1990, p.92). A maior dificuldade do autor é reconciliar a competição dos capitais determinando a taxa de juros com a abordagem do excedente. São adotadas duas hipóteses para tornar tal evidência textual compatível com a abordagem do excedente: i) afirma-se que em muitas passagens onde Smith associa a competição entre os capitais à uma queda da taxa de lucros ele estava se referindo a movimentos da taxa de mercado *em direção* à taxa natural, e ii) afirma-se tal queda como efeito da (alegada) identificação por Smith de uma crescente relação capital produto (K/Y). A conclusão é que “[T]here seems to be no possibility of identifying, with any certainty, the basis of this fall in profits, and hence the forces which he considered to determine the natural rate of profits” (O'Donnell, 1990, p.99).

A identificação de uma “*surplus theory fo the non wage share*” na teoria da acumulação e de uma indeterminação no que tange à análise da distribuição, com destaque para a (in)determinação da taxa de lucros, leva O'Donnell a propor a existência de uma dicotomia na teoria de Adam Smith:

... [W]e can identify the following dichotomy in the *Wealth of the Nations*. On the one hand, there is in the *Wealth of Nations* a surplus theory of the amount of profits plus rent, based on the distinction between productive and unproductive labour and the ranking of industries according to their surplus producing potential. Smith consistently related the rate of *accumulation* to the magnitude of aggregate profits plus rents. However, in general, he did not use this changes in the amount of profits plus rents to calculate changes in the *rate* of profit. Indeed, he did not consistently relate the rate of profit to the ratio of aggregate profits to aggregate capital advanced. (O'Donnell, 1990, p.101)[parenteses suprimido, destaques no original]

A interpretação proposta nesta tese diverge da de O'Donnell em dois pontos fundamentais. Em primeiro lugar, o conceito de “produto anual” refere-se a todas as mercadorias que deixam o capital circulante e portanto já tem descontado a maioria dos bens intermediários. Na discussão sobre acumulação, vimos que Smith retorna a

uma análise mais individual, focando cada unidade produtiva, e utiliza o conceito de produto anual de forma incompatível com sua definição. Embora haja a identificação de que o excedente é principalmente composto pela renda da terra e dos lucros, sua identificação não é rigorosamente derivada dos agregados como acredita O'Donnell. Smith estava em um grau mais incipiente de elaboração da contabilidade nacional.

Por outro lado, Smith não poderia partir do “excedente” para definir a taxa de lucros, já que imaginava que a renda da terra era a variável distributiva residual. Consequentemente, recorre à “concorrência entre os capitais” e ao salário real para determinar a taxa de lucros e esta, por sua vez, que determinava o valor total das mercadorias a serem recebidas como remuneração do capital. Há base textual para identificar os determinantes da queda da taxa de lucros, por mais incorretos que possam parecer.

Por fim, O'Donnell busca identificar a parte correta da teoria de Smith, “ *the surplus theory fo the non wage share*”, e as limitações e erros da análise do valor e da distribuição de Smith em sua teoria da taxação (O'Donnell, 1990, p.105). A renda age como variável residual, absorvendo as variações causadas no salário e nos lucros como consequência dos impostos. A diferença é que tal especificidade da teoria de Smith é interpretada principalmente como um grande erro que o distancia da teoria do valor e distribuição compatível com a abordagem do excedente.

Smith's analysis of a general tax on wages also mirrored his rudimentary surplus theory of value and distribution — both in the clarity of his fundamental conclusion (that a tax *must* raise money wages — *WN*, V.ii.j.1), and in the weakness of his detailed analysis of the effect on prices and distribution... . . . [H]e again distinguished between manufacturing (where prices rise) and agriculture (where rents fall) in explaining that in the case of a general tax on wages ‘the final payment would in diferent cases fall upon different persons’. This can be senn as a important error in Smiths analisis (O'Donnell, 1990, p.105).

A distinção que Smith faz entre o aumento de preços das manufaturas e manutenção do preço do trigo é vista como um grande erro que deriva das limitações de sua análise da distribuição. A interpretação proposta nesta tese, entretanto, localiza especificamente nas peculiaridades da produção do trigo, em que há uma proporção fixa entre custos e receitas, a emergência de uma renda física em trigo, e consequentemente

em trabalho comandado, independente dos custos de produção. Tal característica, associada ao salário em trigo, permite que a taxa de lucros se altere sem que haja mudança do salário real. Portanto, a mesma passagem é lida nesta tese como uma expressão da coerência de Smith na aplicação de suas hipóteses. Ademais, o motivo pelo qual os capitalistas são capazes de se livrar do tributo é a mobilidade de capital, não alguma falha lógica na teoria da distribuição.

O denso livro de O'Donnell tornou-se uma referência para o tratamento de Smith na literatura Sraffiana, sendo citado pela maioria dos autores posteriores.

A próxima contribuição a ser analisada, Dome (1998) [ver também Dome (2004)] propõe a reinterpretação da coerência de Smith com a abordagem do excedente, invertendo a ordem da análise, isto é, localizando primeiro na tributação a interdependência das variáveis distributivas, e explicitando claramente o papel da renda como variável residual:

In Smith's natural price system, rent was defined as the surplus part of the price of raw produce; in other words, the residuum of the price after profit and wages were subtracted . . . , . . . Because rent played a role as a buffer, a tax on rent would not be shifted onto profit, wages, nor the price of raw produce. (Dome, 2004, p.49-50)

Em Dome (1998) há a reconstrução da lógica da teoria da distribuição de Smith como sendo coerente com a abordagem do excedente a partir da análise da tributação. Sua proposição é que a diferença entre a análise de Smith e Ricardo era somente que em Smith a renda era uma variável endógena do modelo e os lucros apareciam como variável exógena, enquanto que em Ricardo acontecia o contrário, já que eliminava a renda do seu sistema (ao considerar apenas a produção na terra marginal) tornando assim a taxa de lucros uma variável endógena (Dome, 1998, p.81).

Ao deixar de considerar o papel que a renda possuía no sistema de Smith como variável de ajuste para os movimentos das taxas de juros e de salários, as interpretações anteriores não compreendiam que a ausência de uma relação inversa entre salário e lucros não remetia a uma análise incompatível com a abordagem do excedente, mas ao tratamento diferenciado de Smith em relação aos determinantes da renda da terra:

Smith's system of price determination contains rent as an endogenous variable, giving the rate of profits and the wage basket exogenously. Ricardo's system does not contain rent in the price equations, making the rate of profits an endogenous variable. This paper concludes that, by examining Smith's theory of tax incidence, we can position him in the Ricardo-Marx-Sraffa line. Dome (1998, p.80)

É interessante notar que em Roncaglia (2005) a questão de quão “surplus” é a teoria da distribuição de Smith é deixada relativamente em aberto, enquanto que a utilização do excedente como um importante conceito na sua teoria da acumulação é afirmado, assemelhando-se em linhas gerais à ênfase dada por O'Donnell. Por tratar-se de um manual de história do pensamento econômico¹ que cobre um vasto período histórico com variados autores, possui um espaço naturalmente limitado para tratar de cada autor individualmente. Há entretanto uma marcada mudança de posição em relação à interpretação pioneira apresentada na introdução desta tese. Em primeiro lugar, Roncaglia afirma que Adam Smith possuía o conceito clássico de excedente e o aplicava em sua teoria da acumulação:

Smith attributes notable importance to the process of accumulation, or in other words to the productive utilisation of the surplus. Accumulation consists not only in investment in new means of production but also in the increase in the number of workers employed, and so in the wage advances for such workers, consisting in the use of part of the surplus as means of subsistence for the additional productive workers. (Roncaglia, 2005, p.131)

Quanto à teoria do valor, na opinião de Roncaglia os preços ou valores de troca foram deixados indeterminados:

Obviously reference to costs of production is in itself insufficient to build a theory of prices, since it would imply circular logical reasoning: if we need steel in order to produce coal, and coal in order to produce steel, we cannot determine the price of coal if we do not already know it. . . . Exchange values remain an open issue in Smith's analysis. (Roncaglia, 2005, p.138)

Roncaglia afirma que uma alternativa a interpretação de que a teoria do valor foi deixada em aberto é propor que o valor dependia da tecnologia de produção e das

¹Um segundo manual de autores que seguem a abordagem Sraffiana, Groenewegen and Vaggi (2003) não aborda nenhuma das questões sobre a utilização dos conceitos da abordagem do excedente em Smith, focando em sua teoria do crescimento.

taxas naturais de salários, rendas e lucros. Mas parece julgar que adotar esta hipótese implica em adotar, ao mesmo tempo, a proposição de que as variáveis distributivas eram determinadas de maneira independente. Mas como em sua leitura julgava que Smith *não* afirmava a independência das variáveis distributivas, opta por afirmar que a teoria do valor foi deixada em aberto (Roncaglia, 2005, p.139).

Parece portanto não considerar a proposição de Dome (1998) que a definição da renda da terra como variável residual permite a “resolução” da teoria do valor, determinada pela tecnologia e pelas variáveis distributivas, sem que isto implique em atribuir a Smith a determinação independente das variáveis distributivas. Ao mesmo tempo, incorpora as contribuições de O’Donnel, distanciando-se da interpretação pioneira.

O próximo livro em nossa cronologia é “*The Science of Wealth*” escrito por Aspromorgous e dedicado inteiramente a avaliar a contribuição teórica de Adam Smith para a Economia Política. Aspromorgous afirma que: “*Smith’s tax incidence theory can reveal the real surplus notion in his economics, by showing precisely what he regards as necessary costs, insofar as they are regarded as incapable of carrying the burden of tax incidence*” (Aspromorgous, 2009, p.197).

Baseado em uma reconstrução teórica a partir das relações causais identificadas no tratamento da tributação, há a seguinte afirmação:

Smith would undoubtedly affirm these propositions: if the workforce is to be reproduced or maintained from one production cycle to the next, the aggregate quantities of commodities required for their consumption must be deducted from the net product (in value terms, from the ‘net revenue’); satisfying such reproduction means that this part of net revenue is not available for free disposal in other uses. (Aspromorgous, 2009, p.201)

Mas Aspromorgous não elabora a hipótese de que a renda seja a variável residual que “acomoda” as variações do salário e do lucro, o que lhe permitiria perceber a interdependência das variáveis distributivas. A distinção por ele sublinhada é a diferenciação entre renda da terra e taxa de lucros, identificados como excedentes tributáveis, enquanto o salário básico dos trabalhadores é identificado como um consumo necessário para a reprodução, não podendo portanto ser tributado.

No que tange a teoria da acumulação, Aspromorgous propõe que o conceito de

“*net revenue*” de Smith faz com que o conceito de excedente fique submerso em sua teoria da acumulação: . . . [T]he effect of that conceptualization [“*net revenue*”] is to leave the social surplus submerged, in Smith’s analysis of capital accumulation and growth (Aspromourgos, 2009, p.159).

Acreditamos que a interpretação de Aspromorgous esteja equivocada pois ele enfatiza demasiadamente o conceito de “*net revenue*” como sendo um dos elementos essenciais à explicação de Adam Smith acerca da acumulação, o outro sendo a divisão entre trabalho produtivo e improdutivo².

The importance of the concept of net revenue to Smith’s political economy is that it provides one of the three fundamental building blocks of his treatment of capital accumulation and economic growth: division of labour as the driver of productivity growth; net revenue as setting the upper bound of potential net accumulation of capital; and the proportion of gross (or net) revenue allocated to employment of productive labour as determining the actual extent of gross (or net) capital accumulation, as against unproductive consumption. (Aspromourgos, 2009, p.151)

Em sua concepção, o conceito de “*net revenue*” de Smith é inadequado para tratar do problema da acumulação:

The maximum net growth rate, however, is constrained by the magnitude of the social surplus, properly defined, not by Smith’s net revenue. The latter includes necessary consumption of productive labourers previously employed (though not all Lp[trabalho produtivo]), as well as new additions to Lp. His distinction between gross and net revenue confounds gross and net accumulation. Net revenue being exclusive of fixed capital maintenance makes saving out of net revenue to that extent net accumulation; net revenue being inclusive of circulating capital components means that saving out of net revenue is to that extent gross accumulation. (Aspromourgos, 2009, p.196)

A inadequação apontada por Aspromorgous para o conceito de “*net revenue*” deriva da natureza híbrida do conceito de “*annual produce*”, conforme analisado no Capítulo 2. Os conceitos “*net revenue*” e “*gross revenue*” foram concebidos na tentativa de medir a produção nacional total e descontar a manutenção e expansão do capital, concentrando-se na parte que poderia ser consumida, a partir de uma definição

²Que por sua vez vem da identificação mais geral da importância deste conceito na abordagem do excedente (Aspromourgos, 2009, p.135).

de que o “produto anual” era o somatório de mercadorias que deixavam o capital circulante.

O intuito do conceito era mostrar o custo real, em mercadorias disponíveis ao consumo, da manutenção e expansão do capital. Smith queria sublinhar o custo social de manter o capital, incluindo a aquisição e estoque de moeda, que necessariamente implicava, dado um produto social finito, a diminuição da quantidade de mercadorias disponíveis para o consumo imediato. Tais agregados não foram utilizados diretamente no Capítulo III do Livro II de *WN* sobre acumulação, mas isso não significa que o conceito de excedente estava submerso na análise. Este pode ser facilmente identificado pela definição de capital e pelo fato de as classes relevantes para a acumulação serem os capitalistas e os proprietários de terra.

Portanto não parece correta na análise da teoria da acumulação de Smith de Aspromorgous a demasiada ênfase no conceito de “*net revenue*” como elemento central da discussão da acumulação, como condição necessária para identificação do conceito de excedente, e conseqüentemente, sua conclusão:

The problematic concept of net revenue points to the absence in the growth theory of an explicit and systematic recourse to a notion of surplus, similar to that employed by the Physiocrats, which would set the genuine finite upper bound to net accumulation. (Aspromourgos, 2009, p.192)

Na interpretação defendida nesta tese, há na teoria da acumulação de Smith o estabelecimento de um produto social dado produzido em um determinado intervalo temporal e a subtração das necessidades de reposição e de adição do capital cujo efeito é a diminuição do consumo. Esta oposição entre consumo e investimento remete à uma questão central de sua teoria, qual seja, os limites impostos à distribuição e à acumulação da riqueza ao adotar-se a hipótese de um dado produto social. Ademais, ao excluir o “*labouring poor*” da possibilidade de acumular capital, já que mal conseguem subsistir com o salário que recebem, fica claro que a acumulação só pode vir do lucro e da renda, embora mesmo essas variáveis distributivas possuam necessariamente uma parcela destinada ao consumo da classe proprietária.

Por último, no que tange à teoria da distribuição, Aspromorgous acreditava que

Smith propôs a determinação independente das variáveis distributivas (Aspromourgos, 2009)[p.180]. A determinação “em separado” das variáveis distributivas não é remetida à teoria do valor, como na interpretação pioneira, mas à identificação entre as rendas recebidas (na forma de salário, lucros e renda da terra) e o valor da produção anual.

... [W]hen Smith moves to the theory of normal prices in the subsequent WN chapter, he supposes that this allows him to proceed as if the rates of wages and profits entering into those prices are separably determined. (Aspromourgos, 2009, p.149)

É a partir da identidade entre valor do produto total e salário, lucros e rendas, que segundo Aspromorgous, Smith é levado a pensar que pode determinar as variáveis distributivas de maneira separada. Aspromorgous não afirma que são determinadas de forma completamente independente, pois identifica “algum tipo de restrição ao movimento das variáveis distributivas”, provavelmente a partir de sua análise da tributação. Mas em sua conclusão, a característica sublinhada é a falta de coerência da teoria da distribuição de Smith em relação à abordagem do excedente:

If Smith had grasped the inverse functional relation between real wage rates and the profitability of capital (under given production methods for commodities) — a relation certainly understood from Ricardo forward — this bargaining approach to wages would suffice to determine functional distribution as a whole; i.e. rates of profits and rents, as well as wages. But Smith imagines that at least real wages and profitability can vary independently of each other, and so, attempts unsuccessfully a separate theory of the profitability of capital. To be sure, Smith has some notion of a binding constraint on distribution. But the technological constraint binding together real wage and profit rates is not perceived by him, partly because of the vexed Smithian treatment of rents. (Aspromourgos, 2009, p.262)

É interessante notar que mesmo reconhecendo o possível papel da renda da terra concedendo um grau a mais de liberdade para o salário e a renda, Aspromorgous opta por destacar a inexistência da conexão salários lucros como elemento principal e faz referência apenas a “*some notion of a binding constraint on distribution*”. Esta diferença de ênfase deve-se provavelmente à forma como Aspromorgous organiza seu livro, em que a obra de Smith aparece diretamente como um suporte para a contraposição à teoria neoclássica atual. Conseqüentemente, concentra-se mais nos

resultados finais e sua aproximação ou distanciamento da correta resolução da abordagem do excedente do que na estrutura lógica e nas hipóteses sobre as quais Smith constrói seus argumentos. Portanto, embora não se possa dizer que a leitura do autor acerca do texto de Smith seja muito divergente da interpretação aqui apresentada, as implicações e ênfases são bastante divergentes dado o objetivo do trabalho.

Constata-se que a identificação do excedente na análise da tributação não implica automaticamente a proposição de que Adam Smith respeitava a interdependência das variáveis distributivas.

Por fim, será analisada a contribuição mais recente de Ajit Sinha (Sinha, 2010b,a), que parte da proposição — idêntica à defendida nesta tese — de que a renda da terra é a variável de ajuste residual. Entretanto, pretende também negar que a proposição de concorrência entre os capitais determinando a taxa de lucro seja um erro de Smith. Para operar essa negação faz a afirmação, certamente original dentro da tradição sraffiana, de que a taxa de lucros não faz parte do excedente³ (Sinha, 2010a, p.43).

Sinha constrói seu argumento por etapas. Em primeiro lugar afirma que uma forma de averiguar se uma “categoria de renda original” (*original income category*) é parte do consumo necessário ou integra o excedente é aplicar um imposto direto sobre a mesma e observar o efeito de tal imposto. Caso o imposto seja pago pela categoria de renda a ser tributada, esta é parte do excedente. caso o imposto seja repassado da categoria tributada para as demais categorias, a renda em questão é parte do consumo necessário. Em segundo lugar, baseado na afirmação de Smith que a taxa de juros monetária não é uma renda original, Sinha exclui a remuneração do dinheiro do conceito de “taxa natural de lucros”, isto é, afirma que a taxa natural de lucros a que Smith se refere no Capítulo VII do Livro I de *WN* inclui apenas os componentes necessários para compensar o “risco e amolação” (*risk and trouble*) causados ao aplicador do capital na produção de mercadorias e também prover a “subsistência do capitalista”, não estando os juros do dinheiro incluídos em seu conceito de taxa natural

³Sinha tem total consciência de que está indo contra a opinião de muitos autores com sua afirmação. Se nos ativermos apenas aos que ele cita, podemos listar Ricardo (1951), Marx (2002 [1867]), Bhadraraj (1989), Dobb (1973), O'Donnell (1990). À esta lista poderiam ser adicionados todos os autores que seguem a abordagem Sraffiana, incluindo o desta tese

de juros.

There are, therefore, three distinct groups of people in this story. One group of people employs their *own* stock and earns a normal or “natural” rate of profit as their income, which is defined as their ‘proper fund of subsistence’. Any tax on this category of income would disrupt the real economy because ‘[u]nless they yield him this profit, therefore, they do not repay him what they may very properly be said to have really cost him’. A second group of people do not own any stock. They could either earn their income as wages by offering their labour for hire or by borrowing stock from a group of people who own stock but do not employ it themselves and investing them for profit. This group of people earns a minimum income as a reward for taking the risk of employing capital. Any tax on this income will also disrupt the economy because it will take away the minimum incentive to employ the borrowed stock. The third group of people lends the stock to the second group of people and receives interest as their income, which is a part of the total profits earned by the investment of their stock. This group of people has no impact on the real economy as it is in their interest to lend their stock so long as it brings an interest earning larger than zero. Therefore, this income category can be taxed without causing any disruption to the real economy. We can conclude that the natural rate of profit does not contain any *surplus*. (Sinha, 2010a, p.43)

Embora não tenha conseguido compreender completamente os encadeamentos lógicos ligando as proposições do autor à sua conclusão central, de que a taxa de lucro natural não contém nenhum excedente, se a síntese acima apresentada se mostrar correta, afirmo a partir dela discordar frontalmente da conclusão do autor. As passagens escolhidas como prova de seu raciocínio distorcem o significado original da obra analisada.

Para Adam Smith, apesar da taxa de juros ser uma renda derivada da taxa de lucros, e não uma renda original, ela estava incluída no valor normal da taxa de lucros. Esta, além de pagar o risco normal, a “subsistência dos capitalistas”, poderia ainda pagar uma taxa de juros e garantir um excedente para a acumulação do capitalista. Ao tratar da acumulação, Smith identificou os lucros e a renda da terra como principais fontes da acumulação de riqueza (e capital).

Ademais, na abordagem de Smith (assim como nos demais clássicos) o agente que não possuía capital não tinha a opção de “oferecer trabalho ou pegar capital emprestado”. O “*labouring poor*”, como Smith se referia àqueles que poderiam apenas oferecer trabalho, não tinha acesso ao mercado de empréstimos com fins de investi-

mento. Quem tomava emprestado era a classe proprietária e principalmente os capitalistas. Mesmo assim, tomavam emprestado apenas um valor correspondente a uma fração de seu capital total, normalmente com o intuito de financiar o capital circulante (ou capital de giro, para utilizar um termo moderno).

What a bank can with propriety advance to a merchant or undertaker of any kind, is not, either the whole capital with which he trades, or even any considerable part of that capital; but that part of it only, which he would otherwise be obliged to keep by him unemployed, and in ready money for answering occasional demands. If the paper money which the bank advances never exceeds this value, it can never exceed the value of the gold and silver, which would necessarily circulate in the country if there was no paper money; it can never exceed the quantity which the circulation of the country can easily absorb and employ. (*WN*, II.ii.58)

Não parece fortuito que após a sua reconstrução da taxa de lucros, Sinha afirme que o tratamento de Smith acerca da determinação do nível da taxa de lucros é “*highly complex and confusing*” (Sinha, 2010a, p.44).

Sinha (2010a) exagera em sua reconstrução reversa da coerência de Smith no tratamento da distribuição, e ao fazê-lo, distorce completamente o sentido atribuído ao lucro do capital, uma variável distributiva que fazia parte do excedente.

Por fim, um exemplo de como a interpretação de Adam Smith é uma questão em aberto na literatura sraffiana pode ser encontrado em Garegnani (2007), embora o foco do artigo não seja exatamente a identificação positiva de Smith na abordagem do excedente, há a localização da teoria do valor de Smith como sendo uma “*adding up theory*”, da mesma forma que Bharadwaj:

... [I]n Smith's view the natural price would vary 'with the natural rate of each of its component parts, of wages, profit and rent' (Smith 1776, I: 56). An important expression of that view of the natural price lay in the idea of a rise in all manufacturing prices as wages rose, e.g. because of a tax on workers' necessaries. And that price rise was what allowed for Smith's belief that the previous level of the rate of profits could conceivably be maintained in the presence of a rise in the real wage. It thus brought him to his theory of a rate of profits determined by a 'competition of capitals' in apparent logical independence of the real wage, thus contradicting the constraint for which, as we all know now, under given technical conditions, (and under Ricardo's other assumptions) a given real wage rate entails a given rate of profits, and a rise of the former a fall of the latter. (Garegnani, 2007, p.200)

Mas a afirmação de Garegnani é cercada de cuidados. Em primeiro lugar, a independência lógica das variáveis distributivas se dá, ao menos na “aparência”, e é válida apenas “sob as demais hipóteses de Ricardo”. Tais ressalvas adquirem sentido pleno apenas quando complementadas pela longa nota de rodapé que acompanha o parágrafo supracitado, integralmente transcrita abaixo:

“Of course Smith had the difficulty of the rent of land as a second element in the surplus — an element of which Ricardo could get rid of by means of Malthus’s theory of rent. *Indeed, some elements make it appear that Smith’s notion of a rate of profits varying independently of wages might be reconstructed not so much as the result of an adding up price theory but, rather, as an erroneous quasi Physiocratic scheme, where the rent of land constitutes the ultimate surplus.* As, unlike in Quesnay, profits on capital also entered the surplus, Smith seems to have treated them as independently variable within the limits of the aggregate surplus according to a rate determined by whatever Smith may have meant by ‘competition of capitals’. This at least appears to be the logical entailment of Smith’s argument when, for example, he views a tax on wages falling ultimately on rent (1776, book V, ch. II, art. II; cf. also, in the same chapter, art. IV on a tax the similar treatment of tax on ‘necessaries’). The tax, Smith argues, will be borne first by capitalists. In the manufactures, they will, however, be able to maintain the previous profit rate by raising the price of their products (relative to corn) to compensate themselves for the higher wages inclusive of tax. The reasoning here rests on the constancy of the corn price, and it will not therefore apply to the production of corn itself. In that production the maintenance of the previous profit rate will instead impose, in Smith’s view, a lower payment of rent, i.e. a lower share of corn output for the landlord who will thus physically pay the tax on agricultural wages. The landlords will also pay most of the tax on manufacturing wages, through the smaller purchasing power, in terms of manufactures, of a unit of the corn constituting the residual rents. The same change in the price of manufactures relative to ‘corn’ and the same basic distributive scheme seems then to be envisaged by Smith for the case of independent changes in the real wage due to changes in the ‘demand of labour’ and also, it appears, for that of an autonomous change in the profit rate. We referred to an inconsistency in this entire distributive scheme: it emerges when, with Ricardo, the differential nature of rent is brought to light. Then, as Ricardo concisely notes, the farmer of the marginal land ‘could not deduct the tax [on wages] from his rent [...] for he pays no rent’ (Ricardo 1951 – 73: 156). The constraint binding the distributive variables through the ‘surplus equation’ applies then to wages and profits alone with profits as the surplus on which the tax on wages falls”. (Garegnani, 2007, p.200-201)[destaque adicionado]

Esta tese corrobora a possibilidade levantada em sua longa nota de rodapé e está alinhada com a proposição de Dome (1998).

4.1 Uma síntese da Literatura Sraffiana

Apesar das interpretações recentes não serem homogêneas, é possível propor uma síntese das análises Sraffianas que modificam a interpretação pioneira. Em primeiro lugar, a nova interpretação envolve necessariamente a desconstrução da idéia de uma teoria do valor baseada na soma de variáveis distributivas independentemente determinadas. Esta desconstrução se dá pela separação da proposição da redução dos preços em seus “componentes originais”, por um lado, e a determinação das variáveis distributivas por outro, não havendo base textual para inferir que a resolução do preço implique na independência das variáveis distributivas.

Em segundo lugar, envolve a correta compreensão da teoria da renda da terra de Smith, baseada no pagamento de uma renda da terra na produção de trigo determinada residualmente, que por sua vez estabelece o custo de oportunidade para o resto da produção agrícola. Uma vez que se identifica na renda da terra a variável distributiva residual, pode-se interpretar a teoria da taxa de lucro de Smith não como uma negação da abordagem do excedente, mas como uma violação da proposição do próprio Smith de que toda renda recebida é gasta, ou seja, a proposição de considerar todo ato de poupança um ato de investimento.

Em terceiro lugar, a nova interpretação deve identificar um dos focos da teoria da acumulação de Smith no custo, em termos de redução de consumo, da manutenção e aumento do capital social. Embora não adequado para os padrões modernos, é um desenvolvimento dentro da mesma linha da abordagem do excedente, que busca compreender os limites impostos pela existência de um produto social dado pela acumulação pregressa e pela tecnologia à distribuição e à acumulação da riqueza. A maioria dos autores, mesmo focando no agregado lucros e rendas, identifica elementos suficientes na teoria da acumulação para classificar Smith como pertencendo à abordagem do excedente.

A síntese da interpretação Sraffiana seria então proposta a partir da identificação comum dos seguintes princípios na teoria econômica de Smith: i) uma concepção de que a riqueza produzida anualmente é composta por mercadorias físicas, em quanti-

dade dada; ii) o valor total da produção anual deve ser igual ao total das rendas recebidas pelas pessoas; iii) uma parte da riqueza produzida deve voltar à produção, com o intuito de repor o capital consumido e, conseqüentemente, não pode ser utilizada para o consumo; iv) a quantidade de riqueza per capita, é limitada pela tecnologia de produção e pela proporção entre os que trabalham e não trabalham.

Neste sentido, podemos ler sua obra como uma tentativa de integrar essas identificações ao funcionamento da economia capitalista, principalmente introduzindo o funcionamento da concorrência no mercado.

A ideia central é que a *essência* da abordagem do excedente sobre a qual se constrói a Economia Política de Adam Smith é de um produto social dado limitado pela tecnologia e pela acumulação pregressa de capital, a ser distribuído entre as classes sociais, e cujo excedente apenas pode ser utilizado para acumular mais capital.

Conclusão

A principal conclusão desta tese é que Smith tinha plena consciência de que a riqueza produzida anualmente, um complexo heterogêneo de mercadorias, era distribuída através das variáveis distributivas, daí derivando sua interdependência. Tal concepção fez sentir seus impactos tanto na discussão da acumulação quanto da discussão da tributação, porta de entrada para os questionamentos mais recentes acerca da alegação de que Adam Smith não percebia a interdependência das variáveis distributivas.

A proposição principal que se busca defender é que a mera identificação das características acima mencionadas implica na dedução da interdependência das variáveis distributivas. O raciocínio é simples: se a riqueza anualmente produzida é um vetor de quantidades das 'n' mercadorias, para uma classe receber mais mercadorias é preciso que outra receba menos. Ou seja, a partir da identificação física da riqueza e da relação entre preço e variáveis distributivas, decorre a impossibilidade de um aumento real de todas as variáveis distributivas simultaneamente, salvo em decorrência do aumento da proporção de trabalhadores produtivos ou do aumento da produtividade (e aqui Smith raciocina em quantidades e não em taxas).

Os Livros I e II de *WN* podem ser lidos como uma tentativa de compatibilizar estas concepções e, uma vez que consideradas as hipóteses específicas adotadas por Smith, constata-se que em nenhum momento ele nega a interdependência entre as variáveis distributivas implicada pela existência de um dado produto social. A referência à competição afetando os lucros não é uma negação da restrição imposta pela tecnologia às variáveis distributivas, mas resultado das hipóteses de Smith acerca

da determinação da renda da terra. A renda da terra é a variável distributiva residual, determinada pela tecnologia e pelas taxas de salários e lucros. Conseqüentemente, o preço dos bens agrícolas não sofre alteração caso haja uma modificação da taxa de lucros ou da taxa de salários. Como, adicionalmente, os salários são compostos preponderantemente por produtos agrícolas, tem-se uma independência do salário real em relação à taxa de lucros. Ademais, a distribuição entre lucros e rendas fica indeterminada se recorre-se apenas à tecnologia e ao salário real. Tal indeterminação permite relativizar a importância da concorrência na determinação do lucro como uma explicação alternativa à abordagem excedentária, ou que negasse a interdependência das variáveis distributivas.

No que tange à acumulação, novamente, uma vez que se localizou a riqueza no fluxo de produção de mercadorias, fica evidente que a acumulação se dá naquela parcela da renda que excede a subsistência. Smith identifica corretamente que a parcela dos lucros e da renda da terra eram as mais relevantes para a acumulação de capital, embora um trabalhador cujo salário fosse elevado, um profissional liberal por exemplo, poderia igualmente acumular alguma riqueza e aplicá-la na forma de capital.

A análise agregada busca sublinhar a impossibilidade de consumir a totalidade do produto anual, devido à necessidade de reposição e acumulação do capital. O conceito híbrido de “produto anual”, “renda bruta” e “renda líquida” podem induzir a interpretações equivocadas. Entretanto, uma vez identificadas, revelam a ênfase na existência de um produto social anual finito e os limites à acumulação, o que explica a insistência na poupança no plano individual como condição para acumulação. A análise da acumulação em termos agregados aparece no aumento do número de trabalhadores produtivos.

A conclusão desta tese *reforça* a conclusão mais geral da interpretação Sraffiana: Smith pertencia à abordagem clássica do excedente, utilizada pelos fisiocratas, Ricardo e Marx, essencialmente diferente da posterior abordagem marginalista. Modifica-se a interpretação pioneira ao identificar claramente em *WN* a coerência com dois pilares básicos da abordagem: a interdependência das variáveis distributivas e a

identificação do excedente como fonte principal da acumulação.

Pôde-se, portanto, relativizar a importância da explicação concorrencial para o lucro. Há a possibilidade inclusive de sugerir que as deficiências e problemas encontrados em seu capítulo sobre os lucros e principalmente sobre a renda não são o motivo de não ter percebido a ligação entre as variáveis distributivas, mas são o resultado da difícil tarefa de conciliar o funcionamento descentralizado do mercado com a interdependência das variáveis distributivas, ao mesmo tempo em que procurava fundar a própria teoria econômica. Ou seja, parte das dificuldades encontradas em sua exposição podem resultar de sua aderência aos postulados básicos da abordagem excedentária e da dificuldade de integrá-los a uma explicação coesa da reprodução material capitalista.

As considerações acima reforçam a proposição de Garegnani acerca da importância da teoria do valor trabalho enquanto a única ferramenta analítica então disponível aos clássicos capaz de endogeneizar a concepção de interdependência das variáveis distributivas à análise da distribuição.

A presente tese reforça a interpretação que Smith pode ser classificado como fazendo parte da abordagem do excedente em seus princípios fundamentais, reavaliando certas passagens que eram interpretadas pelos próprios sraffianos como possíveis negações desses princípios básicos, apenas como erros decorrentes da dificuldade intrínseca ao objeto teórico que estava sendo forjado a partir da própria obra de Smith.

Referências Bibliográficas

- ASPROMOURGOS, T. *On the Origins of Classical Economics: Distribution and value from William Petty to Adam Smith*. Routledge, London and New York, 1996.
- . *The Science of Wealth: Adam Smith and the framing of political economy*. Routledge, New York, 2009.
- ASPROMOURGOS, T. AND GROENEWEGEN, P. Social accounting with adam smith. In Mongiovi, G. and Petri, F., editors, *Value, distribution and capital: essays in honour of Pierangelo Garegnani*, chapter 9, pages 163–183. Routledge, Londres e Nova Yorque, 1999.
- BHARADWAJ, K. *Themes in Value and Distribution: Classical Theory Reappraised*. Unwin Hyman, London, 1989.
- CAMPUS, A. Marginalist economics. In Eatwell, J., Milgate, M., and Newman, P., editors, *The New Palgrave: A Dictionary of Economics*. Palgrave Macmillan, Basingstoke, 1987.
- CANNAN, E. *A history of the theories of production and distribution in english political economy from 1776 to 1848*. P. S. King and Son, London, Orchard House, Westminster, second edition, 1903.
- DOBB, M. *Theories of Value and Distribution since Adam Smith*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.
- DOME, T. Adam smith's theory of tax incidence: an interpretation of his natural-price system. *Cambridge Journal of Economics*, (22):79–89, 1998.
- . *The political economy of public finance in Britain, 1767-1873*, volume 66. Psychology Press, 2004.
- EATWELL, J. *Classical and Marxian Political Economy. Essays in honour of Ronald Meek*. MacMillan, 1982.
- GAREGNANI, P. The classical theory of wages and the role of demand schedules in the determination of relative prices. In *AEA Papers and Proceedings*, volume 73, pages 309–313, Maio 1983.
- . Value and distribution in the classical economists and marx. *Oxford Economic Papers*, 36:291–325, 1984.
- . surplus approach to value and distribution. In Eatwell, J., Milgate, M., and Newman, P., editors, *The New Palgrave: A Dictionary of Economics*. Palgrave Macmillan, Basingstoke, 1987.

- . Sraffa: the theoretical world of the 'old classical economists'. *The European Journal of the History of Economic Thought*, 5(3):415–429, Autumn 1998.
- . Misunderstanding classical economics? a reply to blaug. *History of Political Economy*, 2001.
- . Professor samuelson on sraffa and the classical economists. *The European Journal of the History of Economic Thought*, (14:2):181–242, Junho 2007.
- GROENEWEGEN, P. AND VAGGI, G. *A concise History of Economic Thought: From Mercantilism to Monetarism*. Palgrave Macmillan, Hampshire and New York, 2003.
- GROENEWEGEN, P. *Eighteenth-century Economics: Turgot, Beccaria and Smith and their contemporaries*. Routledge, London, 2002.
- HOLANDER, S. *The economics of Adam Smith*. Heinemann, London, 1973.
- KURZ, H. D. A note on the 'vent-for-surplus' argument. *Economica*, 59(236):475–481, November 1992.
- . The agents of production are the commodities themselves: On the classical theory of production, distribution and value. *Structural Change and Economic Dynamics*, 17(1):1–26, 2006. ISSN 0954-349X.
- KURZ, H. D. International encyclopedia of the social sciences, 2nd edition, macmillan. Ricardian Vice, dictionary entrance, november 2007.
- KURZ, H. D. AND SALVADORI, N. Mark blaug on the sraffian interpretation of the surplus approach. *History of Political Economy*, 34(1):227–238, 2002.
- . neo-ricardian economics. In Durlauf, S. N. and Blume, L. E., editors, *The New Palgrave Dictionary of Economics*. Palgrave Macmillan, Basingstoke, 2008.
- LEONTIEF, W. Input-output economics. *Scientific american*, 1951. reimpresso em W.W. Leontief (1966) *Input output Economics*.
- MARX, K. *Theories of Surplus Value*, volume 3. Lawrence and Wishart, London, 1969.
- . *Economic Manuscript of 1861-63: A contribution to the critique of political economy*. International Publishers, New York, 1988.
- . *O Capital: Crítica da economia política*, volume 1. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 19 edition, 2002. [1867].
- MILGATE, M. AND STIMSON, S. *After Adam Smith: a century of transformation in politics and political economy*. Princeton Univ Pr, 2009. ISBN 0691140375.
- MILGATE, M. C. AND STIMSON, S. The rise and fall of civil society. *Contributions to Political Economy*, 23:9–34, 2004. Cambridge Political Economy Society.
- MONGIOVI, G. Notes on say's law, classical economics and the theory of effective demand. *Contributions to Political Economy*, 9(1):69–82, 1990.
- O'DONNELL, R. *Adam Smith's theory of Value and distribution: A reappraisal*. St. Martins Press, New York, 1990.

- PASINETTI, L. *Lectures on the theory of Production*. Macmillan, London, 1977.
- RICARDO, D. *The Works and Correspondence of David Ricardo*, edited by P. Sraffa with the collaboration of MH Dobb, 1951.
- RONCAGLIA, A. *The wealth of ideas: a history of economic thought*. Cambridge Univ Pr, 2005.
- SCREPANTI, E. AND ZAGMANI, S. *An outline of the history of economic thought*. Cambridge university Press, Londres, 2 edition, 2005.
- SINHA, A. In defence of adam smith's theory of value. *European Journal of the History of Economic Thought*, 17(1):29–48, 2010a.
- . *Theories of Value from Adam Smith to Pierro Sraffa*. Routledge, 2010b.
- SMITH, A. *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*, 1st edn 1776, vol. II of The Glasgow Edition of the Works and Correspondence of Adam Smith, edited by RH Campbell, AS Skinner and WB Todd, 1976.
- SRAFFA, P. *The Works and Correspondence of David Ricardo*, edited by P. Sraffa with the collaboration of M. Dobb, volume 11, chapter Introduction to Ricardos Principles of Political Economy and Taxation. Cambridge University Press, 1951.
- . *Produção de Mercadorias por meio de Mercadorias*. Coleção os Economistas. Abril Cultural, 1960.
- STIRATI, A. *The Theory of Wages in Classical Economics: A Study of Adam Smith, David Ricardo and their Contemporaries*. Edward Elgar, 1994.
- VIANELLO, F. Capital. In Kurz, H. D. and Salvadori, N., editors, *The elgar Companion to classical Economics*, volume 1, page •. Edward Elgar, Cheltenham, 1998.
- . Social accounting with adam smith. In Mongiovi, G. and Petri, F., editors, *Value, distribution and capital: essays in honour of Pierangelo Garegnani*, chapter 8, pages 148–162. Routledge, Londres e Nova Yorque, 1999.

